This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

**Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

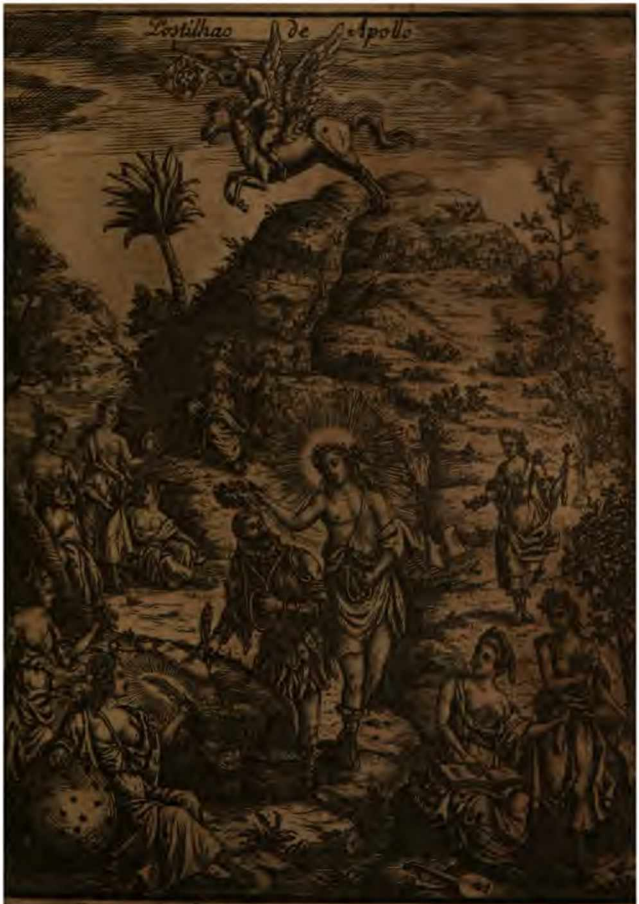
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

**Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

~~2646.8~~
~~275.d.10.~~

Vet. Port. II. A. 10




Grande Luis de Camoens, laureado no Parnazo por Principe dos Poetas.

# ECCOS;

QUE O CLARIM DA FAMA DA

POSTILHAÕ

# DE APOLLO,

MONTADO NO PEGAZO, GIRANDO o Univerſo, para divulgar ao Orbe literario as peregrinas flores da Poezia Portugueza, com que viſtoſamente ſe eſmaltaõ os jardins das Muſas do Parnazo.

ACADEMIA UNIVERSAL:

*Em a qual ſe recolhem os cryſtaes mais puros, que os famigerados Engenhos Luſitanos beberaõ nas fontes de Hipocrene, Helicona, e Aganipe.*

# ECCO II.

DEDICADO

AO NOSSO FIDELISSIMO MONARCHA

# D. JOSEPH I.

POR

JOSEPH MAREGELO DE OSAN.

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA. Anno de MDCCLXII.

*Com todas as licenças neceſſarias.*

LIBRARY OF THE TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
1 - JUN 1937
OF OXFORD

# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

VIstas as informaçoens, póde-se imprimir a Collecçaõ de Obras, que se apreſenta, e quer dar ao Prélo em dous tomos, com o titulo: *Eccos, que o Clarim da fama dá*, Joſeph Maregelo de Oſan, e depois voltará conferida para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisbóa no Paço de Palhavaã 8. de Janeiro de 1760.

*Trigozo. Silveiro Lobo.*

## DO ORDINARIO.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir, e depois torne para ſe dar licença para correr. Lisbôa 3. de Fevereiro. de 1760.

*D. J. Arceb. de Lacedemonia.*

## DO PAÇO.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará á Meſa reviſto pelo Reviſor, para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisbôa 11 de Fevereiro de 1760.

*Carvalho. D. Velho. Caſtello. Siqueira. Pacheco.*

SE-

## SEGUNDAS LICENSAS

PO'de correr, Lisboa 23 de Abril de 1762.

*Trigozo. Lima.*

PO'de correr, Lisboa 27 de Abril de 1762.

*D. F. Arcebiſpo de Lacedemonia.*

QUe poſſa Correr, e táxaõ em trezentos reis, Lisboa 7 de Mayo de 1762.

*Carvalho. Emaús. Fonſeca.*

IN-

# INDICE

*Das obras, que neſte tomo ſe contèm.*

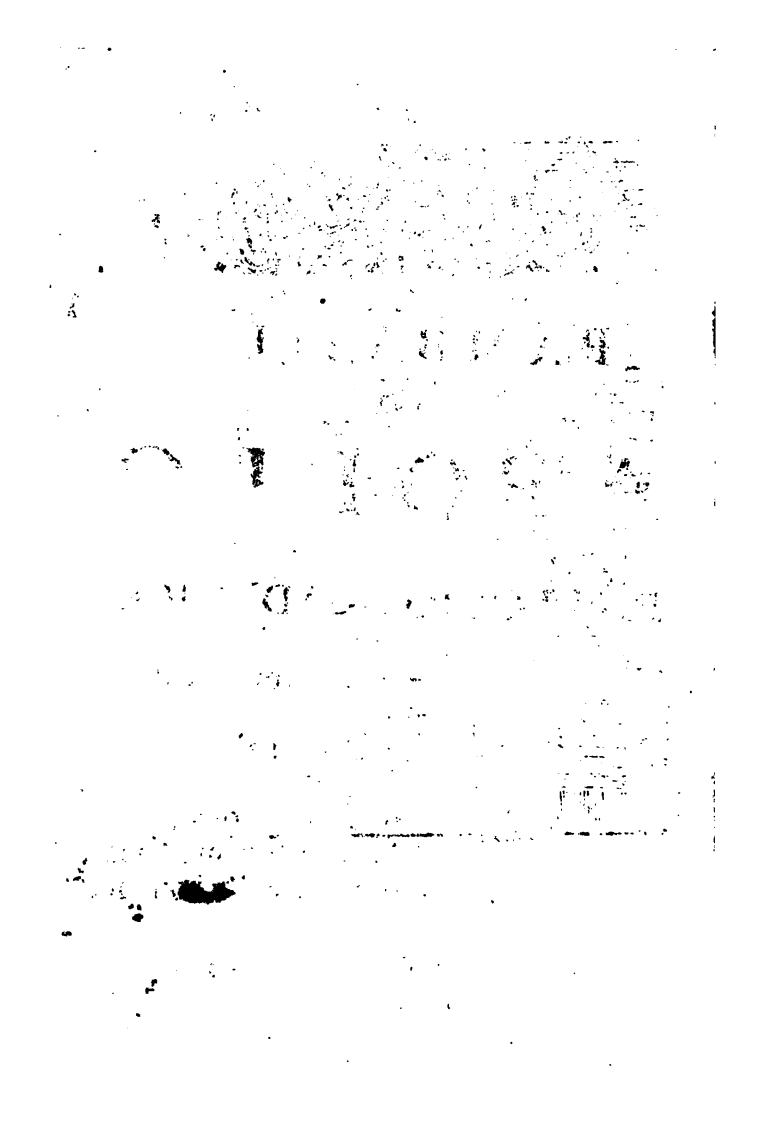
PAmbaſilia de Apollo: pagina 1.
Aª Primavera, Idilio: principia na pag. 11.
Laura, Egloga: principia na p. 16.
Saudades de Lydia, e Armido, Canto Heroico: principia na p. 22.
Ao meſmo aſſumpto, Oitavas: principiaõ na p. 73.
Aª vaidade do mundo, Tercetos Moraes: principiaõ na p. 89.
Deſaſſeis Sonetos a diverſos aſſumptos: principiaõ na p. 101.
Gloſſa ao Soneto de Camoens: *Sette annos*, Oitavas: principiaõ na p. 117.
Outra Gloſſa ao meſmo Soneto, Oitavas: principiaõ na p. 123.
Ao meſmo aſſumpto, Soneto, p. 126.
Cantando huma Dama, Fabio a ouvio, e, ſem a ver, ſe enamorou della, Romance, p. 127.
DezRomances a diverſos aſſumptos: principiaõ na p. 136.

Fa-

Fabula de Polifemo, e Galatea, Oitavas: principiaõ na p. 186.
A F. que perdeo hum Cupido, Romance: principia na p. 189.
Carta a hum amigo, relatando-lhe huma jornada: principia na p. 192.
A Santa Izabel, Rainha Portugal, Decimas: principiaõ na p. 202
A huma boca ferida, Decimas: principi aõ na p. 204.
Mote, *Sobo-los rios que vaõ* &c. gloſſado em decimas: principaõ na p. 206.
A hum deſmayo, Decimas: principiaõ na p. 209.
Deſcreve-ſe a reſtauraçaõ da Praça de Mouraõ, Oitavas: principiaõ na p. 211.
Deſaſleis Sonetos a diverſos aſſumptos: principiaõ na p. 233.
Saudades de Aonio, principiaõ na p. 249.
A' morte do Sereniſſimo Senhor D. Duarte, Infante de Portugal, Cançaõ funebre: principia na p. 275.
Oitava de Camoens, gloſſada: principia na p. 281.
Jornadas de Lisbóa para o Alemtejo: principiaõ na p. 285.
Deſanove Sonetos a diverſos aſſumptos: prin-

principiaõ na pag. 324.
Oito Romances a diverſos aſſumptos: principiaõ na p. 343.
Clemena. Idilio: principia na p. 376.
Contra a perfidia Judaica no roubo do Santiſſimo Sacramento, que ſe fez em Santa Engracia de Lisbõa, Cançaõ: principia na p. 382.

LVIZ DE CAMOIS PRINCEPE DOS POETAS DE PORTVGAL



# PAMBASILIA
## DE
# APOLLO.

## PROLOGIO ACADEMICO.

DO verſo o inventor naſcido em
Delos,
O Monarcha da Eſphera, e pa-
rallelos,
De Jupiter gerado, e de Latona,
Fê-lo de hum proprio parto com Diana;
O que aos Cyclopes, e a Pithon deo
morte,
E deſpojado foy da Divindade,
Que ſempre em tenra idade

Floreceo, ſem no roſto ter cabellos,
E de Admeto guardou o branco gado;
Se em quanto Phebo Luminaria uſana,
Que illuſtre naſcimento tem na Zona,
E ardente fez de Phaetonte a ſórte;
Que amante foy de Daphne, e de Cyrene,
Que da fonte Hippocrene
Licores com avara maõ diſpenſa,
Por tres Soberanias celebrado
Candor de espheras tres, Ceo, terra, e inferno,
Que com Neptuno muros deo a Troya,
Muros, que ſaõ deſpojo á furia immenſa
Perdidos de Sinon pela tramoya:
O que hum Coloſſo tem na Ilha Rhodo,
Portento ao mundo todo,
Pois grangear-lhe pode nome eterno,
Nome admiravel, nome horrendo a Ilha;
No ſeu Palacio eſtava de Parnazo
Em ſitial de razo
Coroado de murta, e de loureiro,
De nove irmãas dulciſonas cingido,
E de numero grande de criados,
Por onde antehontem fiz caminho acazo;
E vendo do Monarcha a excellencia,
Fuy dar-lhe obediencia.

Elle,

Elle, depois que com benignidade
Suas honras me fez, como a eſtrangeiro,
Me perguntou, onde hia dirigido?
Logo com termos cortezãos, e honrados,
Lhe diſſe, e deſcobri toda a verdade.
Soube o Senhor Apollo como eu vinha
Donde por incapaz naõ me convinha
Em tanto Tribunal ſer Preſidente,
Onde hum Cicero o menos eloquente,
Onde o menor Poeta he hum Homero:
E o que lhe diſſe mais naõ o repito,
Que mais eſte Auditorio me embaraça,
Que a preſença de Apollo; elle com graça (me
Me perguntou quem era, e perguntou-
Onde eſte Douto Tribunal eſtava,
Por ſer quaſi infinito
O numero de ſeus Tribunaes; logo
Com animo ſincéro,
Do mundo, reſpondi, na mayor Praça.
Eſſa, diz, he Lisbõa; percebido
Tenho bem, e applaudido
Sey quanto nella ſou. Examinou-me,
E no exame commigo já apertava,
Tanto, que me enfadey; porèm rizonho
Me diz: O lá, quem quer ſer meu vaſſallo,

Ha de paſſar pelo eſcamel do exame;
De outra ſórte naõ haja quem ouzado
Poeta, ou Orador inda ſe chame.
Eu timido de ouvî-lo me envergonho,
Porque eſta voz a preſumpçaõ a ſacco,
E a fantazia pôs; e de tal geito,
Que naõ cabia o coraçaõ no peito,
E aſſim fiquey calado.
Elle me diz entaõ: Eſſa obediencia
Suppre faltas de voſſa inſufficiencia:
Convoſco aqui na minha Ley diſpenſo,
E hum Soneto de cenſo
Me pagareis cada anno, que he bem fraco:
Ide logo buſcar meu Secretario,
Que Proviſoens vos paſſe muy em fórma,
Para ſer Preſidente deſſa Junta,
Que outros n'outras o ſaõ mais incapazes,
Inhabeis, ignorantes, e ambicioſos;
E taes, que ſó a quem as mãos lhes unta,
De Poetinhas paſſaõ ſeus cartazes.
Aſſim vós que advirtais he neceſſario,
(Que eu tenho em toda a parte quem me informa)
Que neſſe Tribunal ſe naõ admittaõ,
E que por nenhum caſo ſe permittaõ
Su-

Sujeitos negligentes, pirguiçoſos;
Porque a ſciencia honroſa, e veneranda
Naõ jaz em cama branda;
Nem nelle me admittais a fazer verſos,
Senaõ o que os fizer polidos, terſos,
Liſos, ſem enchimentos, e ſem cunhas,
Homem, que morda as unhas;
Que trabalhe em fazê-los de tal ſórte,
Que da eloquencia nunca perca o norte,
E que quando ajuſtá-la bem naõ ſoube,
Vos diga que no verſo lhe naõ coube;
E que quando naõ for muito elegante,
Diga que força foy do conſoante;
Que tenha no dizer variedade,
E haja ſempre em ſeus verſos igualdade;
E que naõ diga, quando diſſer nada
Ajuſtado, que má foy a fornada;
Que naõ comece a obra pelo eirado,
Para deſcer a hum, e outro ſobrado,
Para que quem o ler, e vir, ſe ria,
Vendo-o parar em fim na eſtrebaria:
Que falle com palavras joeiradas,
E a quanto quiz dizer bem ajuſtadas;
Altas, em altos tectos de Senhores,
Baixas, fallando em choças de paſtores;
Graves no grave, brandas no amoroſo,
Aſperas, e crueis no rigoroſo,

No-

No jocoſo ridiculas, no ſerio
Compoſtas, tudo em fim com ſeu myſterio,
Com ſua perfeiçaõ, e com ſua arte,
Dando as armas a Marte,
A bigorna a Vulcano,
Duas caras a Jano,
O tridente a Neptuno,
As riquezas a Juno,
A Jupiter os rayos,
E a mim de toda a muſica os enſayos,
Ou ſejaõ já nas citaras canoras,
Ou já nas vozes metricas ſonoras.
Em fim, ninguem de verſos medianos
Uſe, que naſcem diſſo grandes damnos;
Donde a dizer-ſe por adagio veyo,
Que amor, e verſos naõ conſentem meyo.
Levay no penſamento
Eſta minha liçaõ, e documento,
Com o qual Preſidente,
Sereis nas Academias eminente.
A Deos, a Deos, Senhor, lhe digo, e vou-me;
Quando logo me diz: voltay, chamou-me
Outra vez, e com moſtras amoroſas
Me diz: Minhas entranhas generoſas,

Ven-

Vendo voſſa humildade,
Querem comvoſco uſar de piedade:
Eu ſey que haveis de ter algum trabalho
Em me dar hum Soneto de tributo
Todos os annos por vós proprio feito,
E naõ por outrem, que he defeito grande,
Bem que hoje em uſo ande:
Pois eſte inconveniente vos atalho,
E com minha liçaõ, ſe ſois aſtuto,
Hum Soneto fareis muito perfeito;
E com eſte, que agora aqui faremos,
Muito bem entre nós nos comporemos,
E ireis deſobrigado
Do Soneto deſte anno, e ſem cuidado;
Que eu niſto de tributos ſou compoſto,
E naõ lanço tributos por meu goſto;
Mas quando os pede ſó a neceſſidade,
Os lanço, e com notavel igualdade,
Que paguem todos, ninguem fique izento,
Mas cada qual conforme ſeu talento,
Dos que tem pouco, muito naõ eſpero,
E dos de muito, que paguem muito quero.
Declarados eſtamos,
Pois ao Soneto do tributo vamos;

Eylo

Eylo vay, ide attento, ide commigo,
E fareis hum Soneto em quanto o digo.

## SONETO.

QUatorze verſos tem todo o Soneto;
Cada verſo onze ſyllabas contadas,
Naõ haõ de ſer comtudo deſatadas
Como eſtas: feito temos hum quarteto.
Outro vay, (em debuxos vos naõ metto)
Os verſos haõ de ter ſuas pancadas,
E quédas, ſe por vós forem bem dadas,
Que ſejais bom Poeta vos prometto.
Dous tercetos nos faltaõ, aqui agora
Deſte verſo notay a finaleſa,
No uſar dellas ſede muito aſtuto:
Delles no fim palavra aguda fóra,
Que naõ ſe uſa. Acabou-ſe eſta tareſa,
E o Soneto pagaſtes do tributo.

Nos jocoſos talvez convêm no cabo,
Como a foguete, ou bruto, por-lhe hum rabo.
Mas adverti, me diſſe,
Que he grande parvoice
Fazer huns verſos, que hoje chamaõ cultos,

Taõ

Taõ cegos, taõ eſcuros, taõ occultos,
Que he os dedos metter, vê los, nos olhos,
Pizar, por elles caminhar, abrolhos.
Eclipodas, Telegonas dar vozes,
Que o fructo menos, porèm mais que as nozes.
Digo-lhe eu: Senhor, naõ vos entendo.
E eu que eſtes verſos naõ façais, pertendo,
Me diz elle: ſe ás vezes ſua graça
Tambem tem, que, ſe poſtos ſaõ na praça,
Coſtumaõ dar tormento
Talvez aos mais ſubtis de penſamento:
E ſe tem, bem que occultos, ſeus conceitos,
Saõ depois de alcançados bem acceitos.
Naõ haõ de ſer porèm tambem taõ claros,
Que naõ poſſa haver nelles ſeus reparos;
E ſe o entendê-los dá cuidado, e ancia,
Por fim ha-ſe de achar nelles ſubſtancia:
Naõ depois de eſtrondoſa bizarria
Theſouro de carvaõ de ſaccaria.
Iſto em fim baſta, diz, que tenho dito;
Porque fora infinito

Na Poesia dar regra adequada,
Que esta anda hoje muito adulterada
Por causa dos ouvintes ignorantes,
Periquiticos versos elegantes,
Dizendo toscos, e grosseiros, quando
Maronicos, e Homericos julgando.
E se vós meu conselho bem tomareis,
Muito discreto andareis
Em vos naõ applicar a esta arte,
Que he como maldiçaõ em toda a parte,
Pois supposto se chame arte divina,
He sempre taõ mofina,
Que acompanha com faltas a pobreza
De vestido, calçado, cama, e mesa.
Mas tal conselho meu será baldado,
Se he que a seguî-la vos obriga o fado,
Da humana vida inevitavel ordem,
Que querer atalhar será desordem.
Ide embora, segui vossa fortuna.
Assim deo fim á practica importuna
Apollo; e eu tambem, sem graça, e gloria,
Já o fim tenho dado á minha historia.

A' PRI-

# A' PRIMAVERA.

## IDILIO.

JA' tem principio o tempo appetecido,
Já lá vay a Eſtaçaõ chuvoſa, e fria;
Na caſa de Aries entra o Sol luzido,
A' noite conreſponde igual o dia:
Aquelle, que antes era entriſtecido,
Moſtra-ſe agora cheyo de alegria:
Que a alegre Primavera faz contente
Ainda a mais deſgoſtoſa, e triſte gente.

O campo, que lavrou o duro arado,
Livre do triſte Inverno, e ſeus rigores,
Hoje á viſta ſe oſtenta matizado
De viſtoſa eſpeſſura, e lindas flores:
No boſque mais horrivel, e intricado
Os ſeus troncos ſe veſtem de verdores,
E até as duras ſylvas reverdecem,
E os arbuſtos ſylveſtres flor offrecem.

O lavrador, do fructo cobiçoſo,
Os olhos na ſeára verde emprega;
E ſe atégora andava receoſo,
A mais larga eſperança já ſe entrega:
No trabalho da monda rigoroſo
Por hum breve momento naõ ſocega,

O tem-

O tempo, que veloz vay caminhando,
Com alegres cantigas enganando.
Ainda bem naõ ſe aviſta a luz do dia;
Ainda eſtrellas no Ceo eſtaõ luzindo,
Já ſe vê hum Paſtor a relva fria
Com ſeu manſo rebanho andar cobrindo:
Vive tambem coberto de alegria
Até que o claro Febo vá fugindo;
Que em quanto eſte Aſtro nobre reſplandece
Tudo goſto, e prazer alli lhe offrece.
Aquelle caminhante, que atégora
Entregar-ſe ao caminho receava,
Hoje parte ao romper da amena Aurora,
Sem temor do chuveiro, que o molhava:
Seus paſſos move agora a qualquer hora;
Viſtoſo encontra o que antes feyo eſtava,
E á freſca ſombra deſcançando, quanto
Aviſta, e ouve lhe motiva eſpanto.
Contentes os meninos, e meninas
Já pelo verde prado andaõ ſaltando,
E nelle colhem roſas, e boninas,
Que a terra ſem cultura eſtá moſtrando:
Sentaõ-ſe ao pé das agoas cryſtallinas,
Que a viſtoſa eſpeſſura vaõ bordando,
Eſcolhendo entre as plantas, e verdores
Para tecer capellas lindas flores.

As

As terras Africanas defampara
Aquella ave de Progne procedida,
Voando para o ſitio, que deixára,
Quando foy pelo inverno accommettida:
Chega, e vendo que a caſa, que habitara,
A rigores do tempo he deſtroida,
Do barro, que no bico vem trazendo,
Cuidadoſa outra nova vay fazendo.
Sempre neſte trabalho anda occupada
Em quanto ao Ocidente o Sol naõ chega;
E ſó quando por ſi vê fabricada
A ſua habitaçaõ, he que ſocega:
De pennas, e palhinhas ſendo ornada,
Nella em fazer ſeu ninho ſó ſe emprega;
E os filhinhos, que alli contente cria,
Depois lhe ſaõ goſtoſa companhia.
A Filoméla, que antes com ſeu pranto
De Terêo avizava a crueldade,
Hoje apura ſeu terno, e doce canto,
Com que ás gentes cativa a liberdade:
A tenebroſa noite com ſeu manto
Enche a terra de triſte eſcuridade;
Mas deſte paſſarinho a voz ſonóra
Lá nos boſques faz écco a qualquer hora.
A garrula perdiz, que temeroſa
Das arvores os ramos naõ procura,

E o ſeu ninho fabrica cuidadoſa
Nas ceves, nos vallados, na eſpeſſura :
Já ſe alegra, já canta mais goſtoſa,
Os ſeus ovinhos pondo entre a verdura,
E os ternos filhos, que alli vay gerando
Com ella, apenas naſcem, vaõ voando.
O monte, que atéqui ſempre ſe via
D'eſpinhos duros, e crueis plantado,
Hoje offrece verdura alegre, e fria
Para ſeu alimento ao manſo gado :
Alli ao pé d'uma arvore ſombria
Paſſa o Paſtor a ſeſta ſocegado
Vendo que o ſeu rebanho a todo o inſtante
Tem paſto deleitoſo, e abundante.
O rio, que corria enfurecido,
E nos proximos campos ſe eſpalhava,
Agora, a ſeus limites recolhido,
Manſamente as arêas claras lava :
Das flores mais viſtoſas he veſtido
Aquelle ſitio, que antes inundava ;
Pois, em lugar das agoas cryſtallinas,
He coberto de roſas, e boninas.
As abelhas ſolicitas voando
Fazem ſuſurro alegre, e deleitoſo,
E nos boſques de flor em flor ſaltando
O tomilho procuraõ por cheiroſo :

Nos

Nos ramos deſte arbuſto deſcançando
Nas ſuas flores tem paſto goſtoſo ;
E apenas ás colmêas fartas chegaõ
Em formar doces favos ſó ſe empregaõ.
Os bichos, que na terra ſe eſcondiaõ,
Já pela amena ſelva andaõ correndo,
E ſe o tempo chuvoſo antes fugiaõ
Hoje huſcaõ o Sol, que eſtá naſcendo :
As lebres, e coelhos, que viviaõ
Nos matos, ainda a aurora vem rompendo,
Já nos campos viſtoſos, e eſmaltados
Saltando ſuavizaõ ſeus cuidados.
Recebe a terra a luz d'Alva brilhante,
E a cigarra o orvalho na eſpeſſura ;
Do Sol a flor ſe moſtra mais fragrante,
Na calma aquelle inſecto o canto apura :
Segue outro o paſſarinho como amante,
Alegre o gado paſta na verdura,
Finalmente alegria tudo offrece,
Oxalá que eu aſſim tambem viveſſe.

# LAURA.

## EGLOGA.

DE verdes plantas, de brilhantes flores
A alegre Primavera a terra ornava,
O Sol de seus vistosos resplandores
Mais tarde os nossos valles despojava;
Quando a pastora Laura entre os verdores,
Adonde o seu rebanho apascentava,
Sentindo o cruel mal, que padecia,
Afflicta, e desgostosa assim dizia:
Oh quanto injusta foy sempre a ventura
Para commigo! Flores taõ viçosas,
Eu vivo descontente na espessura,
Vós mostrais-vos alegres, e gostosas;
Se atéqui naõ brilhastes na verdura,
Hoje sois aprazíveis, e vistosas:
Da aurora recebeis contentamento,
Eu nunca tenho allivio em meu tormento.
Vós sois mais do que todos sabedoras
Da causa principal de meu cuidado,

Pois

Pois comvoſco vivia muitas horas
Anfronio em quanto o Sol era aviſtado,
Aqui eſte cruel entre as Paſtoras
Paſſava o tempo alegre, e ſocegado;
Quando eu a toda a hora, a todo o inſtante
Chorava a ſua auzencia como amante.
Deſta magoa tyranna acompanhada
Sentia cada vez mayor deſgoſto;
Do meu Paſtor vivia ſeparada,
Delle naõ eſperava o menor goſto:
A vós corria ás vezes como irada,
Deixando o meu rebanho ao tempo expoſto;
E quanto aquelle ingrato mais me via,
Tanto mais a meus olhos ſe eſcondia.
Mas já que a voſſa rama lhe era abrigo,
Plantas frondoſas, agradaveis flores,
He juſto que tambem tenhais caſtigo,
Pois tambem deſtes cauſa a minhas dores:
Comvoſco deo principio eſte inimigo
A tantas crueldades, e rigores,
E naõ he bem que eu veja deſcontente
Quem nos deſgoſtos meus aſſim conſente.
Da voſſa bella viſta já me auzento,
Já morreo para mim eſſa eſpeſſura,
Pois o meu rigoroſo ſentimento

Naõ permitte que eu veja tal verdura :
Se ao campo me guiar o meu tormento ,
Buſcarey d'um cipreſte a ſombra eſcura ;
Em quanto naõ deixar de todo a vida ,
Cada vez ſentirey dor mais creſcida.
Aproveite ſe Anfronio do recreyo ,
Que no voſſo brilhar eſtais moſtrando ,
Que eſte meu coraçaõ de magoas cheyo
Só pezares me eſtá repreſentando :
Naõ ſirva de embaraço o meu receyo
Ao prazer , com que agora eſtais brilhando ;
Se a fortuna ſómente me condena ,
Seja ſó para mim taõ cruel pena.
Suſpendey , rouxinois , o voſſo canto ,
Naõ queirais augmentar minha agonia ,
Adonde nada ſe houve mais que pranto
Naõ deve ter lugar eſſa harmonia :
Só porque ás gentes cauſe mais eſpanto
Faça-me o triſte mocho companhia ;
Com eſte , em quanto o Sol for eſcondido ,
Será meu ſentimento repartido.
Vós , cryſtallinas agoas deſta fonte ,
Que eſſa eſpeſſura amena eſtais fazendo ,
Re-

Recebey tantas, que de monte a monte
Por minhas triſtes faces vaõ correndo:
Antes que fuja o Sol deſte orizonte
Minhas dores crueis ireis ſabendo,
Levay as groſſas lagrimas, que choro,
Ao ingrato Paſtor, que firme adoro.
Mas para que de vós favor eſpero,
Se tambem approvaſteis minhas dores?
De balde encaminhar-vos hoje quero
A abrandar d'um cruel tantos rigores:
No meu tormento rigoroſo, e fero,
Só conheço da ſórte os disfavores;
Ao murmureo, que faz a voſſa enchente,
Meus ays miſturarey continuamente.
Manſas ovelhas, innocente gado,
Procuray quem vos guarde na eſpeſſura;
Eu naõ poſſo em vós ter o meu cuidado,
Em quanto me ſeguir tal deſventura:
A minha doce frauta, o meu cajado
Fiquem para lembrança entre a verdura;
Se perdi todo o meu contentamento,
Só deve acompanhar-me o ſentimento.
Arvoredos frondoſos, que algum dia
Fazieis grande parte do meu goſto,

Da voſſa alegre, e doce companhia
Me obriga a ſeparar o meu deſgoſto:
A ſopportar da ſórte a tyrannia
Meu triſte coraçaõ já vive expoſto;
Pelo meu bello Anfronio deſprezada,
A vida acabarey deſconſolada.

Paſtor, que neſſe valle desde a Aurora
Contente andas teu gado apaſcentando,
Se vires o cruel, que eſta alma adora,
Dize-lhe que eu por elle eſtou chorando:
Conta-lhe que naõ paſſa huma ſó hora,
Que eu afflicta o naõ ande aqui chamando:
Pede-lhe que abbrevîe a minha morte,
Ou faça com que eu viva d'outra ſórte.

Dize lhe que por elle a todo o inſtante
Por eſtes montes triſte ando correndo;
E que ſuppoſto eu viva taõ diſtante,
Sempre em minha lembrança eſtá vivendo:
Roga lhe, em fim, que ſeja mais conſtante
A quem tanto rigor lhe eſtá ſoffrendo:
Que neſtes verdes campos appareça,
Porque o meu coraçaõ prazer conheça.

Aſſim a triſte Laura ſe queixava

De

De Anfronio, que cauſava o ſeu tormento;
Anfronio, que algum tempo motivava
A ſeu peito o mayor contentamento:
Já nenhuma eſperança conſervava
De viver em ſocego algum momento;
Em ſeus olhos ſó lagrimas ſe viaõ,
A todos, os ſeus ays enterneciaõ.

# SAUDADES
## DE
# LYDIA, E ARMIDO.
## CANTO HEROICO,

*POR HUM ANONYMO.*

I.

ERa o tempo, em que pállido retrata
Seus ardores o Sol na Thetis fria,
E a noite d'entre as ſombras ſe deſata,
Porque em berços de neve naſce o dia:
Quando entre eſpumas de fingida prata
O vento com gentil deſcortezia,
Eſtampas profanando das eſtrellas,
Inchava as ondas, e batia as vélas.

II.

Gemia a tuba, o bronze retumbava
Em os éccos do vento repetido,
E no tambor guerreiro ſe dobrava
O horrendo ſom da déſtra maõ ferido:
O ſoldado animoſo ſe embarcava,

Deſ-

Deſpedia-ſe o amante enternecido,
Formando já nas liquidas eſpumas
Plantas de gallas, e jardim de plumas.

III.

Só Armido naõ ouſava inda partir-ſe,
Porque ao partir de ſi naõ ſabe parte,
Armido, em quem naſceraõ para unir-ſe
Graças da natureza, alentos da arte;
Em quem juntou amor a competir-ſe
Galhardias de Adonis, leys de Marte,
Valor, e diſcriçaõ ſem artificio,
Aceyo ſem dezar, talhe ſem vicio.

IV.

Armido, aquelle Armido, a quem ſaudoſo
Ao longe Marte com razaõ deſterra,
E a ley violenta do valor brioſo
Uſurpa contra amor da patria terra;
Que como he guerra amor, braço imperioſo
Desde huma guerra o aliſta em outra guerra,
Onde, ſe em partes a alma lhe reparte,
Huma aſſiſte á que deixa, outra á q̃ parte.

V.

Amava; mas ſó eraõ ſeus amores
Altas prendas de Lydia, que por ellas,

Nel-

Nellas a ſer eſtrellas, e a ſer flores
Aprendiaõ as flores, e as eſtrellas:
Andava tanto álèm em ſeus ardores,
Que a pezar deſtas, e a pezar daquellas,
Mais vezes, que em ſeus numeros, e aſſentos
Se trocavaõ as almas nos alentos.

VI.

Deſpedir-ſe de Lydia, a quem deixava,
Era forçoſo agora, pois partia;
Auſentar ſe ſem vê-la naõ ouſava,
Vê la, e logo auſentar-ſe naõ podia:
No valor huma morte receava,
Na affeiçaõ outra morte preſentia;
Mas amor, q̃ lhe armava o peito forte,
Huma morte vencia em outra morte.

VII.

Parte, em fim, a buſcar o bem que adora,
E como em ſeu cuidado Lydia aſſiſte,
Chora Lydia o que Armido tambem chora,
Que até no unir a pena amor conſiſte:
Mas ay, que golpes ſentirás agora,
O' Lydia ſem ventura, ó Lydia triſte,
Quando juntando amor dous homicidas,
Em duas mortes troque duas vidas!

VIII.

Pena Lydia, e na pena, que a maltrata,
Da fruſtrada eſperança de ſeu rogo,
Com ſuſpiros, e lagrimas deſata
Oceanos de neve, Ethnas de fogo:
Saõ ſeus olhos dous golfos, que dilata
Fogo no pranto, e na partida fogo;
Diſcretos ſendo nelles té os pezares,
Pois ao por-ſe dous Sóes naſcem dous mares.

IX.

Aſſim padece Lydia, quando Armido
Entra á ſua viſta mais que nunça ayroſo;
Que em retratar o bem, que he já perdido,
Sempre o deſejo pecca de invejoſo:
Liçoens vem dando a Abril em o florido,
Mates ao Sol vem dando em o luſtroſo;
Nelle culpaõ em fim ſeu pouco aviſo,
Por flor Adonis, por cryſtal Narciſo.

X.

Chega aos braços de Lydia, donde envolta
Entre hum ſoluço brando, hum ay ardente,
A voz com muda queixa ao peito volta,

Don-

Donde interpreta quanto o peito ſente:
Os olhos fallaõ quando delles ſolta
Pedaços d'alma em liquida corrente;
Porque lhe empreſtaõ desde os ſeus retiros
Razoens as ancias, vozes os ſuſpiros.

XI.

Que pouco dura hum bem! Que mal ſegura
Huma eſperança ſeu verdor retira!
Ay, caduco prazer, falſa ventura,
Sombra vãa, leve flor, doce mentira!
Jaſmim, que, em quanto naſce, apenas dura,
Roſa, que apenas abre, quando eſpira!
Pois c'o Sol madrugando, c'o Sol arde,
Mimo da Aurora, laſtima da tarde.

XII.

Quem te diſſera, Armido laſtimado,
Quando a Lydia gozavas com ſocego,
E entre os favores do propicio fado,
Eras da ſórte vãa florido emprego;
Quem te diſſera entaõ, que inda eſte eſtado
Te guardava de amor o engano cego:
Oh Armido, como achaſte em ſeus favores

Flo-

Flores no amanhecer, no acabar flores!

XIII.

Aſſim callava Armido em mudo eſpanto,
E deſatado em neve, em fogo ardia,
Mas ay, que altos requebros em ſeu pranto
Amor formava, e Lydia percebia!
Dura-lhe breve eſpaço o doce encanto,
Porque vendo que falta ha muito o dia,
Deixando a Lydia aſſim em diluvios d'agoa,
Expõem a lingua quanto dicta a magoa.

XIV.

A deos, luz de meus olhos, Lydia minha,
Fica-te embora já, Lydia adorada;
Pois o tempo chegou, em que amor tinha
Huma morte a duas vidas reſervada;
Já das eſtrellas decretada vinha,
Quando te amey, ó Lydia, eſta jornada,
Vingou-ſe amor, vingaraõ-ſe as eſtrellas,
Ciumes delle fuy, tu inveja dellas.

XV.

Naõ chores, Lydia, naõ, do fado inico
As duras leys, que com amor relevo,

Que.

Que, ſe porque tu ficas, cá me fico,
Tambem porque me levo, lá te levo;
A tuas lagrimas a alma ſacrifico,
Pois que partir ſem ella hoje me atrevo:
Mas naõ, que contra amor niſto diſcorro,
Mil almas levo, pois mil vezes morro.

XVI.

Agora alcançarás ſe firme ha ſido
O teu Armido, ó Lydia, pois agora,
Perdendo-ſe a ſi meſmo, ainda perdido
Naõ ſabe, naõ, perder o que te adora:
De meu naõ levo mais q̃ o meu ſentido,
Porque em ſaber matar-me me namora:
Que he bem que ſeja, já que amor ordena,
Pois foy o author da culpa, o algoz da pena.

XVII.

Em mil partes, ó Lydia, o deſengano
Sinto da minha dor, que naõ deſcança,
Pois ſe em teu coraçaõ me alcança hum damno,
Outro em meu coráçaõ tambem me alcança:
Neſte ſoffro o tormento de hum engano,
Neſte padeço a dor de huma eſperança,
Mas bem he que em mil partes me condene,

Por-

Porque haja onde mais ame, onde mais penne.

XVIII.

A tormenta-me a morte, e naõ me mata,
Porque nada em mim vive, ſó padece,
E ainda que agora ſó matar me trata,
Como me vê ſem mim, me deſconhece:
Ou he, Lydia, que tanto me maltrata
Minha dor, que ſua dor me naõ parece,
Ou que a dor do partir me tem deſórte,
Que a morte paſſo ſem ſentir a morte.

XIX.

Lembre-te, Lydia minha, eſta fineza,
Por querer-te ſómente padecida,
Que á viſta de perder tua belleza,
Por naõ perder o amor naõ perco a vida:
E a Deos, Senhora, que já da noite eſpeza
O curſo apreſſa as horas da partida:
Ay, Lydia, ſe inda a amor vives ſujeita
Dá-me teus braços, e minha alma acceita.

XX.

Diſſe Armido; mas Lydia, a quem naõ deve
Hum amoroſo allivio o ardente rogo,
Cobra em ſeus olhos derretida neve,

Be-

Bebe em ſua bocca ſuſpirando fogo:
Ja falla, ja naõ ouſa, ja ſe etreve,
Começa dando hum ay, mas para logo;
Até que vendo que detem a morte,
Quando Armido detem, diz deſta ſórte:

XXI.

Eſpera hum pouco, cruel, e a teu retrato,
Leva meu coraçaõ, que por ti parte,
Mas ſe a meu coraçaõ has ſido ingrato,
Que coraçaõ de novo poſſo dar-te!
Ficas, no que me deixas de barato,
Fiado em que por teu da dor ſe aparte,
Mas vê, que a qualquer dor ja naõ reſiſte,
Porque em ſaber ſer meu ſabe ſer triſte.

XXII.

Eſpera hum pouco, eſpera, amado auſente,
E ſe queres matar me na conquiſta,
Do que a minha alma em tua auſencia ſente,
Melhor victoria alcançará tua viſta:
Naõ tenhas medo, naõ, que ao rayo ardente
De teus olhos crueis meu ſer reſiſta,
Se já naõ tem tornado a ſórte crua
Minha dureza na dureza tua.

XXIII.

Eſpera, ſaberey quem te arrebata
De entre meus braços, ainda que violento,
Daràs, pois me naõ deixas por ingrata,
Eſſe allivio ſe quer ao meu tormento:
Padeça as queixas quem aggravo trata,
Rompa-ſe de huma vez o ſoffrimento,
Conheça o mundo, ingrato, pois me deixas,
Que em teus aggravos naſcem muitas queixas.

XXIV.

Se o ſangue illuſtre, que em teu peito mora,
Moſtrar na guerra ſeu valor pertende,
Como intentas matar a quem te adora,
Só por ires matar a quem te offende?
Infame corta a eſpada vencedora
De quem a vida corta, e a vida rende:
Oh, detem te, naõ faças tanto alarde,
Por parecer valente, e ſer cobarde.

XXV.

Na defenſa de huma alma deſvalida
Moſtra valor galhardo hum peito forte,
Olha, ingrato, ſe eſtimas minha vida,
Que cuſta teu valor já minha morte:

Bem pódes eſquecer tua partida,
Como a meu mal o remontado norte,
E pois teu peito minha voz naõ ſente,
Mais ingrato ſerás, naõ mais valente.

XXVI.

Naõ he valor entrar acompanhado
A contender brioſo com o inimigo,
Olha, cruel, adonde vás armado,
Que acompanhado vás, pois vou contigo;
Mas, naõ, que de duas vidas animado
Te ha miſter o rigor deſſe perigo,
Porque a pezar aſſim da arma homicida
Aſſegure tua vida em minha vida.

XXVII.

Se entre riſcos fataes, altas emprezas,
O valor mais á fáma te aviſinha,
Como de teu valor tanto te prezas,
Se tanto foges da fraqueza minha?
Creditos buſcas, creditos deſprezas,
Que tinha minha queixa, ou que naõ tinha?
Que teu receyo pelo ferro a deixa,
Póde menos que o ferro a minha queixa?

XXVIII.

Deixa, tyranno, o fim deſta conquiſta,
E ſe queres matar com mais violencia,
Naõ mates o inimigo com tua viſta,

Ma-

Mata-o se quer, ingrato, com tua au-
sencia:
Naõ posſa tanto o damno, a que te aliſta
De teu peito cruel a reſiſtencia;
Que ella mais póde com diſcurſo errante
Ser inimigo teu, que teu amante.

XXIX.

Naõ preſumas, cruel, de ſer valente,
Se pódes preſumir de ſer ingrato,
Que ſe teu trato mata duramente,
Eſcuſado he mais ferro, que teu trato:
Sobeja ainda a bála, e a lança ardente,
Onde póde matar ſó teu retrato;
Porèm naõ baſtas, naõ, para elle effeito,
Pois em teu peito faltará meu peito.

XXX.

Se da guerra o furor, ſó por deixar-me,
Buſcar quizeſte ingratamente duro,
Eſpera, naõ te vás, que com matar-me,
De hum, e outro trabalho me aſſeguro:
Poderás, offendendo-me, obrigar-me,
E eu, que a alta guerra de minha alma
aturo,
Farey que a morte, que teu goſto encerra,
Falte ao perigo, mas naõ falte á guerra.

XXXI.

Troféos inſignes tens em minha morte,

Pois meu peito a teu ſer eſtá ſujeito;
E ſe em meu peito eſtá teu peito forte,
Naõ venças menos peito, que a teu peito:
Mas oh, q̃ em vaõ ſe queixa minha ſórte,
Se, por ver teu valor, meu damno acceito,
Quando teu peito he tal, q̃ a meu gemido
Nem por ſer vencedor ſerá vencido.

XXXII.

Que triunfos procuras, que victorias?
Que naõ poſſa meu peito allegurar-te?
Na guerra vás buſcar eſtranhas glorias,
E as glorias deixas, que eu pudera dar-te?
Solicitas no ſangue altas memorias,
Deixando a Venus por ſeguir a Marte?
E a meu goſto teu riſco ſempre oppoſto,
Amas mais a teu riſco, que a meu goſto?

XXXIII.

Porque em meu peito te reſervas vivo,
Naõ temas o rebate de outra guerra.
Oh, vê que a guerra de meu peito altivo,
Ao tempo que meu mal, teu mal encerra!
Mas ay, que cuido, ingrato fugitivo,
Que ſe a dor, que a meu peito ſe deſterra,
A morte dura naõ baſtára a dar-me,
Nelle te matará ſó por matar-me!

XXXIV.

Quem póde, oh! quem, negar-te eſta victoria, Que

Que em meu damno cruel tanto dilatas !
Se , por dar mais aſſombros á memoria,
Com olhos feres , e com ferro matas !
Mas naõ, q̃ ha em teus olhos tanta gloria,
Que inda nos golpes,que com ferro tratas,
Temo que has de baldar tanta conquiſta ,
Quando os q̃ mate o ferro , anime a viſta.

XXXV.

Se em meu peito duas vidas naõ cuſtára
De teu agudo ferro á morte crua ,
Eu meſma ſeu rigor ſolicitára ,
Por dar novos troféos á fama ſua :
No ferro achára a vida , quando achára
Da morte a pena ſó por morte tua ,
Mas em vaõ deſejando o golpe érro ,
Que donde mata a dor , ſobeja o ferro.

XXXVI.

Se te auſenta a crueldade de teu peito ,
E vás ſatisfazê-la no inimigo ,
Torna atraz , e terá melhor effeito ,
Sendo por naõ partir cruel contigo :
Ou ſe ver-te deſejas ſatisfeito ,
Naõ o ſejas c'o eſtranho , ſê-o commigo,
Que vay muito entre os dous , ſe he que te infama ,
Nelle quem te aborrece , em mim quem te ama.

XXXVII.

Mas, ay, que do inimigo invejo a ſórte,
Quando do ferro prove o golpe duro,
Pois piedoſo cruel teu braço forte
Lhe acaba a pena, que eu co'a vida aturo:
Pódes ſer mais cruel, que em dar-me a morte?
Pois da-me a morte a mim, que eu te aſſeguro,
Que repartido o golpe em tua metade,
Seja menos a dor, mais a crueldade.

XXXVIII.

Bem ſey que em ti he açaõ de valentia
Ir buſcar a campanha, que appeteces,
Naõ por ſer mais cruel a tyrannia,
Mas por ſer mais cruel, ſendo-o mais vezes;
A vida, que me deixas, te deſvia
Da morte, que em matar-me reconheces;
Oh quanto, oh quanto em mim teu damno ordena,
Que dure a vida, porque dure a pena!

XXXIX.

Bem ſey, que entre os extremos das bravezas,
Com que mataõ teus golpes taõ violentos,

Mil

Mil vidas me tiraraõ as ferezas,
Se mil vidas tiveraõ meus alentos:
E assim a minha vida aqui desprezas,
Commettendo-a ao tropel de meus tormentos,
He só porque me matem mais constantes,
Pois mil vidas tenho em mil instantes.

XL.

Se he odio o que te ausenta de meus braços,
Porque na posse delles já te canças,
Ay, naõ te vás, Armido, que em seus laços
Eu te prometto novas esperanças:
Naõ te custe meu damno tantos passos,
Que a ti mesmo te alcanças nas vinganças:
Tem-me odio muito embora, mas, tyranno,
Sinta eu menos teu risco, que meu damno.

XLI.

Se minha vida te aborrece tanto,
Que ás armas estrangeiras te desterra,
Sentindo mais o risco do meu pranto,
Do que o perigo sentes de huma guerra:
Olha de meu amor o novo espanto,
Que suspeitando o mal, que lá se encerra;
E morrendo ja ás mãos de minha sórte,
Mais temo em ti a suspeita, que em mim a morte.

XLII.

A tantò de tua viſta o amor dilato,
Que baſtando a deter-te outros amores,
De ti meſmo terceira fora, ingrato,
Só por dever teu goſto a meus favores:
Lograr-ſe-ha no allivio de teu trato
Novo ardîl a pezar de teus rigores;
Que era em fim dor menos vehemente
Morrer eu offendida, que tu auſente.

XLIII.

Se iſto naõ obſtar, para que altivo
A' viſta de meus olhos te detenhas,
Eu me irey ao deſerto mais eſquivo
Gemer às féras, e queixar-me às penhas:
E quando a minhas dores compaſſivo
Naõ poſſa achar o ruſtico das brenhas,
Ver-te-hey ſequer, poſto naõ me acudas,
Nas féras livres, e nas penhas rudas.

XLIV.

Se intereſſe te leva a eſtranhos climas,
E ſó pelas riquezas te aventuras,
Torna atraz, que no bem, que deſeſtimas,
Mais riquezas teràs, do que procuras:
Eſſa ambiçaõ dourada, donde animas
Tanta luz de eſperanças mal ſeguras,
Ay, naõ te uſurpe, naõ, que he pouco experto

N'u-

N'uma incerta ventura hum prazer certo.

XLV.

Dar-te-hey (se acaso então me não mentias,
Quando mais lisongeiro te mostravas)
O ouro, que em meus cabellos dividias,
O aljofar, que em meus dentes numerávas:
Se ser grandes riquezas conhecias
As breves perfeiçoens, que em mim notavas,
Torna atraz, que eu farey que assim as possuas,
Que deixem de ser minhas, por ser tuas.

XLVI.

Mas, se tornar atraz a dar-me vida,
Não he possivel ja, querido ausente,
Porque de todo amor nos não divida,
Ao menos que te siga me consente:
Mal pódes recusar minha partida,
Posto que me aborreças duramente,
Sequer por obrigar-te, indo contigo,
Que por fugir-me fujas ao perigo.

XLVII.

Não temas que me falte a valentia,
Que me vençaõ temores, ou desmayos,
Que tambem sabe amor com bizarria

Deſpedir ſettas, e eſgrimir os rayos,
Faraõ meus olhos com gentil porfia,
Para poder matar nos teus enſayos;
Levando ſempre do contrario a palma,
Se ſua alma naõ for como tua alma.

XLVIII.

Ver-me-has pela campanha andar ſegura,
Sem que perigo algum me dê cuidado,
Como quem a pezar deſta brandura
Leva ſeu peito de teu peito armado:
Entaõ entre o furor da guerra dura,
Meu peito de duas vidas animado,
Moſtrará na batalha mais viſinha
Que vence a tua, mas peleja a minha.

XLIX.

Servir-te-ha de deſeza entaõ meu peito,
Sem que a teu peito aggrave eſta deſeza;
Pois por tanto, que ſoffre a teu reſpeito,
Bronze he na força, pedra na dureza:
Baldará todo o golpe em mim o effeito,
Poſto que naſça de mayor fereza, (tes
Porque inda que em meu peito de mil ſór-
Caibaõ feridas, já naõ cabem mortes.

L.

Moſtrarey q̃ meu peito te acompanha,
Quando com a dureza entaõ reſiſta

De

De qualquer golpe fero a furia eſtranha,
Salvo ſe for o golpe da tua viſta:
Serey gentil aſſombro da campanha,
E entrando com duas vidas na conquiſta,
Só terey por desdem da ſórte crua
Naõ dar a minha, por viver a tua.

LI.

Se acaſo do inimigo o ferro agudo
Óffender-te quizer vilmente forte,
Valer-te-has de meu peito para eſcudo,
Que izenta a tua vida ás leys da morte:
E ſe com ſer de prova, ainda com tudo
Puder mais que elle a força de tal ſórte,
Naõ temas, põem no á bála mais viſinha,
Que onde o golpe for teu, ſerá a dor minha.

LII.

Mas, como na dureza nada iguala
A teu peito, proſegue o Marcio jogo;
Verás que o fogo do odio naõ abála
A quem nunca abalou de amor o fogo:
Que eſpada, ou lança, que montante, ou bála
Vencerá peito, a que naõ vence o rogo?
Mas ay! ſim vencerá, ſe amor deſterra,
Que he filho o Deos do amor do Deos da guerra.

LIII.

Se entre o rigor da guerra mal seguro
Acaso de teu peito, ingrato Armido,
O duro pedernal, marmore duro
No carmim do teu sangue vir tingido;
Eu romperey do peito, que aventuro;
A nevada prizaõ, e ao teu unido,
A pezar do meu damno, e da tua sórte,
Teremos huma vida, ou huma morte.

LIV.

Tu ferido, e eu chorosa, hum doce encanto
Seremos do furor menos sujeito,
Eu supprindo teu sangue com meu pranto,
Tu apagando meu pranto com teu peito.
E quando nossa sórte possa tanto,
Que logre a morte em nós seu triste effeito,
Morreremos n'um ay, que amor confirme,
Tu co' ferro; eu co' a dor, tu ingrato; eu firme.

LV.

Mas aqui, muda a pena, a voz faltea
Da triste Lydia, a cujos olhos logo
Pedaços d'alma em crystallina vea
Remette o coraçaõ desfeito em fogo:
Quando Armido, que entaõ menos recea

Que

ue os perigos da guerra os de ſeu rogo,
epois que nectar bebe em ſeus alentos,
ſſim profana, aſſim commove os ventos.

LVI.

Detem, ó Lydia, as lagrimas, naõ chores,
ſe intentas aſſim tirar-me a vida,
eſerva para entaõ ſequer as dores,
aõ as gaſte em tal fé minha partida:
eixa, meu bem, as ancias, e os temores
ara quem te imagina taõ ſentida,
aõ cuſte a quem te vir com tal crueldade
uma morte o rigor, outra a piedade.

LVII.

Eu parto; mas ſe parto he porque o brio
o valor de meu ſangue aſſim me ordena,
porque com partir, ó Lydia, te deſvio
um deſcredito a troco de huma pena:
arto a fazer liſonja ao alvedrio,
o rigor com que a auſencia me condena,
ara poder cuidar que te mereço,
uando iguale o que te amo ao q̃ padeço.

LVIII.

Naõ me leva deſejo algum de guerra,
orque, como na guerra, em que me vejo,
e deſejar-te a ti meu bem ſe encerra,
aõ cabe já outra guerra em meu deſejo:

Ba-

Baſtava, Lydia, a dor, que me deſterra
Para me acreditar a paz que invejo:
E era, depois de ver-te, acçaõ perdida,
Indo a tirar a vida, ir taõ ſem vida.

LIX.

Naõ me obriga a crueldade a que m
auſente,
Que iſto, ſobre ſer culpa, era caſtigo,
Quando por ſer cruel co' a eſtranha gẽte
Fora, em deixar-te, mais cruel commigo
Ainda que bem pudera a ſede ardente
De matar abalar-me a eſte perigo,
Por ſer o tirar vidas na conquiſta
Copiar teus olhos, imitar-te a viſta.

LX.

Naõ he odio, nem menos ſe ha canſa
De gozar teus favores meu ſentido,
Porque eſtá nelle o goſto taõ trocado,
Que com o deſejo ſó os tem ſabido:
Com outro amor deter-me aqui has pro
vado; (de
Se he de outra Lydia, acceito eſſe parti
Com tanto, que em favor de acçoens ta
nobres, (dobres
Só porque eu dobre amor, tu as Lydia

LXI.

Naõ buſco nos deſpojos da victoria,
In

Intereſſado as glorias da ventura,
Que quem te leva, ó Lydia, na memoria,
Que procura, ſe leva o que procura?
Mas ſe he que ſou deſpojo da tua gloria,
Eſtá contente, Lydia, eſtá ſegura,
Que mil deſpojos te darey rendidos,
Por dar-te em mil deſpojos mil Armidos.

LXII.

Se outra couſa me obriga a que me auſente,
Mais que o querer ſervir-te acreditado,
De qualquer lança aguda, ou bála ardente
Vejas meu peito, ó Lydia, traſpaſſado;
Hum rayo, hum baſiliſco, huma ſerpente
Moſtre em mim ſeu furor executado,
E a viſta de outrem, que em teu peito more.
Mais me aborreças, quando mais te adore.

LXIII.

Lembre-te, ó Lydia! Mas aqui de Mar-
Confuſo eſtrondo multiplica logo, (te
Rompendo os Ceos de huma, e outra parte
No vento as tubas, nos metaes o fogo:
Armido ja ſe fica, ja ſe parte,
Lydia ja ſolta a voz, ja cala o rogo,
Huma chega os braços, outro a bocca applica,

Até

Até que Armido parte, e Lydia fica.

LXIV.

Deixa a parra cortez o alamo altivo,
O ruſtico penedo a hera inconſtante,
O touro namorado o ardor laſcivo,
A ſimplez aveſinha o caſto amante,
A fonte alegre o aljofar ſucceſſivo,
O vento brando ſeu diſcurſo errante,
Seu centro o mar, a féra ſeu bramido,
Tudo he pouco, iſto he mais, a Lydia
Armido.

LXV.

Tal Lydia a ſeu pezar entaõ rendida,
Entre os braços de Armido naõ ſe atreve
A largar a alma, ja de amor ſentida,
Por naõ largar de Armido a ſombra leve;
Foge a ſeu roſto cuidadoſa a vida,
Cobre ſuas flores condenſada a neve,
E ſó ſaõ nella clauſula da pena
Deſmayado o jaſmim, morta a açucena.

LXVI.

Eſtà ſem vida Lydia, e eſtà formoſa,
Inda mata ſem vida, e ſem ſentido;
Porque entre quantas vidas tira ayroſa,
Para poder viver, buſca a de Armido:
Mas como a natureza cuidadoſa
A Armido igual naõ deo, tendo o perdido,

Em

Em vaõ ſe canſa Lydia, em vaõ diſcorre,
Que em quantas vidas tira, em tantas morre.

LXVII.

Como quando em hum prado arroyo breve
Derretidos cryſtaes disfarça em prata,
Porque o Dezembro os veſtio de neve,
Com candida traiçaõ elle os deſata:
Ou como quando occulta em cinza leve
Diſſimulada a chamma ſe dilata,
Aſſim Lydia, encoberta a dor, e a magoa,
Se prende em fogo, ſe deſata em agoa.

LXVIII.

D'alta porçaõ de ſombra ja as eſtrellas
A Alampada nocturna o paſſo abria,
Quando em favor da noite outras mais bellas
A deſmayada Lydia deſcobria,
Sem favor eſtas, e ſem luz aquellas
Chorando eſtaõ com liquida porfia
Ver que Lydia de ſeu pezar ordene,
Que viva o corpo, porque o corpo pene.

LXIX.

Mas oh quem dirá agora o que ſentiſte,
Quando lá na alta noite em ti tornaſte,
E em teus braços achando a ſombra triſte,
Nelles menos, ó Lydia, Armido achaſte:

Quem

Quem dirá a pena, com que ó Ceo fe-
riſte, (taſte
Quem o exceſſo cruel, com que augmen-
Em tua voz, em teu peito, em teu alento
Fogo ao fogo, agoa á agoa, vento ao
vento?

LXX.

Dize-o tu, pois que o viſte, ó noite eſ-
E viſte profanados da fereza (cura,
Em ondas de ouro, em cãpos de brancura
Troféos de amor, deſpojos de belleza:
Dize-o, pois viſte em Lydia a formoſura,
Com que ſe autorizava a natureza,
Deſpir nas queixas, e privar nas dores
Dá pompa ás luzes, de liſonja ás flores.

LXXI.

Dize-o, pois tantas vezes repetido
Do doce amante ouviſte o brando alento,
Quantas o coraçãõ partio rendido
A poz dos éccos, que levava o vento:
Dize-o, ó noite cruel, e ſe o ſentido
Perdeſte entãõ de puro ſentimento,
Se dizê-lo naõ ſabes, diga-o a fama;
Mas julgue-o quem mais pena, ou quem
mais ama.

LXXII.

Já em vozes de metal ſe deſpediãõ

Do porto amado os lenhos nadadores:
E em Lydia as dores tanto mais creſciaõ,
Quanto mais vida reſervava ás dores:
Lagrimas, e ſuſpiros ſó ſe ouviaõ,
Porque do longo mar de ſeus rigores
Competiaõ coʻ as ondas, e cʻos tiros
Nos olhos a agoa, o fogo nos ſuſpiros.

LXXIII.

Aſſim a Armido altamente condenando
Os deſpojos gentîs do penſamento,
Porque a vida lhe leve o vento brando,
A vida Lydia entrega ao brando vento:
Até que arrebatada o mar buſcando,
Sahe a dar doce allivio a ſeu tormento,
Pizando entre o temor da noite fêa
Na triſte praya a ſolitaria arêa.

LXXIV.

Dormia o tempo, a noite repouſava,
Calava o Ceo, a terra immudecia,
Tudo hum medroſo aſſombro ſepultava,
Tudo hum temor eſcuro confundia:
Só com Lydia, que em dor a alma largava,
Só com Lydia, que em pranto a alma rendia,
A agoa turvando, e confundindo o alento,
Chorava o mar, e ſuſpirava o vento.

LXXV.

Volta Lydia seus olhos, mas a magoa
Do ausente Armido descobrindo logo,
Naõ fica arêa; que naõ lave em agoa,
Naõ fica espuma, q̃ naõ queime em fogo:
Do peito incendios de soluços fragoa,
Donde fulmina amor seu desaffogo,
Tornando em cinzas, á pezar do espanto,
Nos suspiros ao vento, ao mar no pranto.

LXXVI.

Qual sobre o verde ramo desmayado
O leve passarinho embarga a vida,
Sentindo as vozes do consorte amado
Entre as unhas crueis da ave homicida:
E o que era voz de Flora, Orfeo do prado,
Interprete de Abril, Rosa florida,
Porq̃ em divorcios vê já seus requebros,
Encolhe as azas, e suspende os quebros.

LXXVII.

Tal Lydia, vendo já seu bem perdido,
Os olhos pondo sobre as agoas, sente
Naõ q̃ se ausente como ingrato Armido,
Mas q̃ ingrato a naõ ouça como ausente:
Geme, chora, suspira sem sentido,
Até que triste a bocca abre prudente,
Abre firme, abre morta, abre homicida
A voz á dor, ao sentimento a vida.

Adon-

LXXVIII.

Adonde vás, cruel, ingrato, adonde?
Chorando apenas diz, e logo o alento,
Que nos éccos do vento lhe reſponde,
Em prantos, e ays lhe vay trocando o vento:
Adonde vás, Armido, ou quem te eſcon-(de
Aos extremos crueis do meu tormento?
Leva me, ingrato, as lagrimas, e as queixas
Se em deixar-me ſem ti, ſem mim me deixas.

LXXIX.

Quem te nega a meus olhos, doce auſente,
Quem te occulta á minha alma, ingrato amante,
Naõ he a agoa, pois corre taõ frequente,
Naõ he o vento, pois ſopra taõ conſtante:
Oh ſe a agoa parando aqui a corrente,
Co' vento me eſcutára hum breve inſtan-(te!
Mas ay! naõ, que aprendendo do teu tra-(to,
Corre a agoa livre, e foge o vento ingrato.

LXXX.

A agoa corre, mas corre preſumida,
Sopra o vento, mas ſopra deſvelado,
Ella, porque em ſi leva a minha vida,

Elle, porque em ſi leva meu cuidado:
Mas nem a agoa te eſconde, e vay ſentida,
Nem o vento te occulta, e vay turbado,
Que já em teus olhos, e nos meus a magoa
Te achára em vento, ou te encontrára em agoa.

LXXXI.

Mas, pois que as agoas correm ſem firmeza,
Pois que ſopraõ os ventos ſem conſtancia,
Nellas me póde ouvir tua eſtranheza,
Nelles te póde achar minha ignorancia:
Mas ay, que as agoas dobro na triſteza!
Mas ay, que os ventos multiplico na ancia!
E ſem te achar jámais em meu deſejo,
Mudanças acho, e inconſtancias vejo!

LXXXII.

Eſſa agoa, que correndo ſempre aſſiſte,
Eſſe vento, que ſopra, e eſtá preſente,
Só porque choro, ſe eterniza triſte,
Porque ſuſpiro, ſe repete ardente:
Oh ſombra da firmeza, em que conſiſte
O amor, com q̃ te adoro, ingrato auſente!
Que por ſer ſombra ſó de meus pezares,
Conſtancia os ventos tem, firmeza os mares.

LXXXIII.

Nas agoas naõ te alcança o largo pranto,
Nem

Nem nos ventos te acha o triſte alento,
Só porque leva em ſaudoſo encanto
Minha alma a agoa, minha vida o vento:
Mas ſe alma, e vida minha foſſe, em quan-
Liſonjas me fingio teu penſamento, (to
Como foges agora (ay homicida!)
De tua alma meſma, de tua meſma vida?

LXXXIV.

Porque ſuſpiro, e choro hum deſen-
gano
Me dás de teu rigor á viſta ſua?
Foges da alma, e da vida, cruel tyranno,
Que tantas vezes já chamaſte tua?
Mas como em damno meu, como em teu
damno
Tanto da parte eſtás da ſórte crua?
Quando padeço auſente, e morro firme,
Vás fugindo de ti, ſó por fugir-me?

LXXXV.

Se á vida, e alma foges, porque dura
A tua auſencia, naõ vês que a dor preciza,
Porque mais chore, em pranto ſe aſſegura,
Porque mais pene, em vento ſe eterniza?
Naõ foge á morte quem a morte atura,
A dor naõ deixa a quem na dor te aviza,
Que mais morre em viver, pois ſe conde-
A amar a vida por ſentir a pena. (na

Oh

LXXXVI.

Oh do mayor rigor amargo eſpanto !
Oh da mais triſte pena alto tormento !
Que nas agoas naõ te ache a magoa em pranto !
Que nos ays naõ te encontre incurſo o vento !
Mas, como minha pena póde tanto,
Que junto em hum tormento outro tormento, (goa
Para que mais fujas, faz que a minha ma-
Ajude em vento ao vêto, em agoa a agoa.

LXXXVII.

De meus ays foge o vento á ardente chamma, (fogo;
De meus prantos foge a agoa ao immenſo
Porque arde o vento, porque o amor ſe inflamma
Nos prantos, e ſuſpiros de meu rogo:
Mas ſe naõ ama o vento, a agoa naõ ama,
Bem foge de meu damno o deſaffogo,
Pois pódem ſó nas lagrimas, e alentos
Queimar-ſe as agoas, e abrazar-ſe os ventos.

LXXXVIII.

A quanto chega, ingrato, o que te adoro,

Pois

Pois juntando hum veneno a outro veneno,
Vence o mar, que navegas, no que choro,
Vence o fogo, que finges, no que peno!
E com ter o que peno tal decoro,
Que hum mar abraza no menor aceno,
Inda nos prantos, e ays, que aqui derramo,
Vence ao fogo, em que peno, o fogo, em que amo.

LXXXIX.

Mas fuja o vento, e roube meu socego,
Ausente-se a agoa, e leve meu cuidado,
Pois que por agoa goza tanto emprego,
Pois que por vento logra tanto estado.
Mas oh de minha sórte engano cego!
Que inda desfeito em agoa, e vento o fado
Me naõ deixa gozar o que sem magoa
Logra o vento por vento, a agoa por agoa.

XC.

A agoa fuja, e retrate em si a presteza,
Sopre o vento, e eternize em si a mudança,
Fuja, e roube meu bem na ligeireza,
Sopre, e leve minha alma na esquivança:
Verá o mundo qual he tua firmeza,
Verá o mundo qual foy minha esperança;
Pois rouba, e leva com turbado alento
A agoa tua fé, minha esperança o vento!

Mas

XCI.

Mas ay! ſuſpenda o vento o curſo errante,
A agoa detenha a liquida corrente,
Se te ſegue, e naõ te ha de ſer conſtante;
Se te buſca, e naõ te ha de ſer preſente:
Que he pouco hum mar, em quem padece amante,
Hum vento he pouco, em quem ſuſpira auſente,
Digaõ-no, ſem ſer muitos, os pezares,
Se dobro os ventos, ſe repito os mares.

XCII.

Mas corra o vento, mas apreſſe-ſe a agoa,
Fará na agoa, e no vento deſaffogo,
Quanto naõ póde ſuſpirando a magoa,
Quanto naõ póde padecendo o rogo:
E pois na agoa, e no vento incendios fragoa,
Partindo o coraçaõ envolto em fogo,
Atreva-ſe a eſſas náos, deixando nellas
Em cinzas troncos, e em carvaõ as vélas.

XCIII.

Mas a minha triſteza póde tanto,
Que receyo, a pezar do ſoffrimento,
Que ajude os troncos a nadar no pranto,
Que

Que ajude as vélas a fugir no vento,
Diga o tormento, mas admire o eſpanto,
Que em mim póde o amor mais que o tormento,
Pois chega a deſejar, inda em teu trato,
Por ſer mais firme, ſeres mais ingrato.

XCIV.

Foge, tyranno, que o fugir ouſado
De quem n'alma te guarda, onde te tinha,
Fructo he da pena, mas rigor do fado,
Mudança tua, mas firmeza minha:
Caſtigando-me a mim, vás caſtigado,
Que o ſer teu meſmo algoz aſſim convinha,
Pois jámais pagarás, em dor taõ crua,
Com menos pena, que naõ for a tua.

XCV.

A ambos o vento, e agoa nos reparte,
Mas es tu taõ cruel, como eu ſou firme;
Pois quando a mim me deixo por buſcarte,
Tu ingrato a ti te deixas por fugir-me:
A alma me levas, que contigo parte;
Mas naõ he muito, naõ, de mim partir-me,
Que como já a teu goſto me accommodo,
Contigo fujo, porque fujas todo.

Quan-

XCVI.

Quando apagas teu fogo em vento, e agoa,
Para que naõ ſe apague o que ſuſtento,
Choro, e ſuſpiro, porque a viva fragoa
De meu peito a agoa uſurpe, e abraze o vento:
Mas oh de minha ſórte injuſta magoa!
Oh de teu fogo ingrato ſoffrimento!
Que ſó porque ſe dobrem meus pezares,
Póde contigo hum mar mais que dous mares.

XCVII.

Fuja, leve muito embora a agoa a chamma,
Se alguma occultou teu peito forte,
Que ſe o teu peito ſó meu peito inflãma;
A' agoa, e vento lhe agradeço a ſórte:
Olha ingrato, inda auſente, quanto te ama
Meu coraçaõ, que, com cuſtar-lhe a mor-
Tuas ingratidoens, ſegue teu trato,
Por te ver mais amante, ou mais ingrato.

XCVIII.

Mas temo que nas ondas, e em meu peito (pondas,
C'um extremo a outro extremo conreſ-

Tem-

Temperando os ardîs em teu ſujeito
O ardor do peito no cryſtal das ondas!
Vivirá meu cuidado ſatisfeito
Quando a hum tempo appareças, e te eſ-
condas, (go,
Sendo lá a teus cryſtaes, ou cá a meu ro-
Sol ſempre em ondas, Feniz ſempre em
fogo.

XCIX.

Se em ver o mar, e vento eſſa belleza,
Soube tomar a ſeu favor bonança,
Sequer agradecida a tal braveza,
Mar, e vento em ti mude a eſquivança:
Mas ay! ſey que te eſqueces da nobreza,
Por te eſquecer de amor, que em mim te
cança,
Quando ſequer tomára por partido,
Por ver-te nobre, ver-te agradecido.

C.

Mas, ó troncos crueis, ó ingratas vélas,
Paray na agoa, e no vento o curſo forte,
Por ventura que a quem com taes cautê-
Offende a vida, liſongea a morte: (las
Mas ay! que haõ decretado já as eſtrellas,
Que o meſmo, que aborrece minha ſórte,
Me dê morte, por ter-me aborrecida,
Sem ſaber quando he morte, ou quando
he vida.

Pa-

CI.

Paray, digo outra vez, a minhas ma-
goas, (tos,
Eſcutay por hum pouco a meus tormen-
Logo meus olhos vos daraõ mais agoas,
Logo minha alma vos dará mais ventos,
E inda que vos pareçaõ vivas fragoas,
Oh! naõ deixeis de ouvir meus ſentimen-
Porque troncos, e vélas ſem ſentido (tos;
Seguros vaõ, pois vay ſeguro Armido.

CII.

Mas he tanta a dureza, com que infama
Armido o peito ſeu, que a ouvir meu rogo
Primeiro as vélas ſentiráõ a chamma,
Primeiro os troncos arderáõ no fogo:
Oh nunca ouvida pena de quem ama!
Que abale mais a hum tronco o deſaffogo
Dos ſuſpiros, e prantos, que dilato,
Que a hum coraçaõ cruel, que a hum
peito ingrato!

CIII.

Paray com tudo a ouvir-me eſpaço
breve,
Que em fim tanto temor já vos affea,
E quem preſidios tem de occulta neve,
Em ſi alentos de fogo em vaõ recêa:
Paray, que quem de Armido a ver ſe atreve
Os

Os olhos livres, onde amor ſe atêa,
Sem confeſſar em cinzas, que ſe inflâma,
Que teme o fogo, ou que recêa a chamma.

CIV.

Paray, q̃ quando eu os via, e os gozava,
Taõ livre de outro fogo me ſentia,
Que todo o ardor por neve reputava,
Porque arder em ſeu fogo ſó ſabia:
Porèm ſe reſiſtindo á ſórte brava
De ſuas chammas rompeis a ardente via,
Naõ temais, naõ, que eu crea q̃ naõ poſſa
Prender meu fogo na dureza voſſa.

CV.

Porèm fugî, fugî, donde eſſe ingrato
Em agoa, e fogo expire, como expiro;
Pois que o naõ rende o pranto, q̃ delato,
Pois que o naõ vence o fogo, que ſuſpiro:
Porèm ſeguro irá do falſo trato,
Que ſaudoſa padeço em ſeu retiro;
Naõ morrerá, q̃ a morte em ſeus rigores
Gaſtou as penas, e eſgotou as dores.

CVI.

Partî contentes, e partî ditoſos,
Partî ſeguros de qualquer perigo,
Porque em quanto houver prantos, e ays choroſos
As tempeſtades viviràõ commigo:

Se-

Será allivio a meus olhos laſtimoſos
Ver que por voſſo bem meu mal proſigo;
Pois vos eſcuſo, na ancia, que ſuſtento,
As furias d'agoa, as coleras do vento.

CVII.

Partî, que na agoa, e vento, em què me exhalo,
Para laſtro meu peito vos ſeguro,
Se he bronze no que ſoffro, e no q̃ calo,
Se he pedra no que paſſo, e no que aturo:
Mas naõ, que outro levais, q̃ a todo abalo
Mais he que pedra firme, ou bronze duro;
Diga-o pois, q̃ o naõ move em ſeu retiro
A agoa, que choro, o vento, que ſuſpiro.

CVIII.

Seguros ides para tanto effeito,
Mas olhay naõ vos falte a vigilancia,
Que inda que pedra, e bronze acheis ſeu peito,
Na dureza o ſerá, naõ na conſtancia:
Mas poderá ſupprir em ſeu ſujeito,
Por firme, effeitos taes a voſſa inſtancia,
Se houver neſſa dureza de affligir me,
Que he muito o que cruel ſabe ſer firme.

CIX.

Seguir-vos-ha minha alma com ſeu rogo,

Já

Já em ſoluços desfeita, já em ſuſpiros,
Unindo o vento, miniſtrando o fogo
A voſſas vélas, como a voſſos tiros:
Poderá ſer, que em fim meu deſaffogo
Liſongee eſſe ingrato em ſeus retiros,
Que pois me matáõ, lhe daráõ contento
O coraçáõ no fogo, a alma no vento.

CX.

Mas, ſe a alma triſte, o coraçáõ turbado
Sentir nos tiros, e encontrar nas vélas,
Como poderá ſer que deſvelado
Náõ fuja deſtes, e náõ deixe aquellas!
Entáõ nas triſtes ancias do meu fado
Vos verey, a pezar de outras cautélas;
Salvo ſe conhecer que em vós ſe preza
De igual voſſa dureza a tal dureza.

CXI.

Mas ó tu, mais cruel que ondas, e ventos,
Pois quando elles á viſta de meus dãnos
Sujeitaõ a teu goſto ſeus alentos,
Tu foges a meu goſto em teus enganos:
Oh ſe puderaõ já meus ſentimentos
Em meus braços achar os deſenganos,
Ou dando a vida á vida, ou morte á morte,
Que ditoſa que fora minha ſórte!

Olha,

CXII.

Olha, ingrato, ſe padecer deſejo,
Que por ter-me aos pezares repetida,
Perco a vida na parte, em que os invejo,
E na parte, em que os finto, perco a vida!
Mas ay, que em minha dor nova dor vejo,
Quando vejo na dor deſta partida,
Que, ſendo na alma a dor menor que a chamma,
Se occupa no que pena, naõ no que ama!

CXIII.

Mas quem crer poderá o deſengano
De que fiquey ſem ti, ſe eſtou commigo?
Naõ te partiſte, naõ, que por teu damno
Era força partir tambem contigo:
Mas naõ; porque me baſta o duro engano,
De que em meu peito eſtás, doce inimigo;
Para que, inda aſſiſtindo á menor parte,
Me naõ ſaiba deixar, por naõ deixar-te!

CXIV.

Olha, auſente cruel, como já corro
A ter-te auſente, ſem ſentir-te eſquivo,
Que ſe na falta deſſa viſta morro,
Tambem no engano deſſa ſombra vivo:
Alèm de tanta offenſa, que diſcorro,
Na tua viſta ſabe compaſſivo (penſa
Ser mais o mal, e bem, que em mim diſ-

Da

Da ſombra o engano, q̃ da viſta a offenſa.

CXV.

Mas naõ, que duplicando meu deſgoſto,
Eu meſma em minhas penas ſolicito
O ultimo extremo de morrer com goſto,
Ou de morrer com goſto reſuſcito:
Ou ja a tanta morte vive expoſto
Meu coraçaõ, que a morte, que repito,
Como a vida naõ acha, obra deſórte,
Que ſe naõ mata a vida, mata a morte.

CXVI.

De tanta pena deſengana a ſórte,
Vendo no alto rigor deſta partida,
Que ſe naõ chega a auſencia a dar-me a morte,
He porque a ſombra tua me dá vida:
Jámais aquella acabará por forte,
O que eſta ha de durar por repetida:
Mas o prodigio, que meu peito aſſombra,
He a viſta matar, e animar a ſombra.

CXVII.

Vivo penando, e vivo de matar-me,
Porque a vida naõ perco na partida,
Mas ſe a vida naõ póde o amor tirar me,
Como poderá a dor tirar-me a vida?
Olha quanto hey chegado a atormentar-me,

Que vivendo, e morrendo desvalida,
Ainda naõ sabe meu tormento esquivo
O modo porque morro, ou porque vivo.

CXVIII.

Mas ay de mim, que ausente de quem amo,
Como acharey allivio a meu tormento,
Sé até as queixas, e ays, que aqui derramo,
Trunca a voz, rompe o ar, confunde o vento!
Receba-me, a pezar do que me inflámo,
O centro vil desse humido elemento;
Mas naõ, que dirá amor que he injusta magoa,
Que o q̃ nasceo em fogo açabe em agoa.

CXIX.

As sombras tristes em meu pranto invoco,
As ondas leves com meu rogo inflammo,
Com meus soluços as estrellas toco,
Com meus suspiros os penhascos chamo,
Os Ceos, ingrato, com razoens provoco,
As arêas com lastimas infamo, (alhêas,
Mas ay! que as ancias me ouvem como
Sombras, ondas, penhascos, Ceos, arêas.

CXX.

O' tu, que a minhas vozes te retiras,
Fa-

Fazendo em mim de teu furor enſayos,
Armem-ſe contra ti no vento as iras,
No mar as ondas, na campanha os rayos:
O porto amado, porque tanto aſpiras,
Te cuſte a vida com taõ crueis deſmayos,
Que pareça que nelle a teu reſpeito
Teu meſmo peito eſtá contra teu peito.

CXXI.

Deſpoje-te da minha liberdade,
Porque a gozes ingrato com deſconto,
De eſtrangeiros piratas a crueldade
Na Lybia ardente, e no gelado Ponto:
Occupe-ſe a mayor ferocidade
Em deſfazer teu coraçaõ n'um ponto;
Porque nem inda tenhas deſſa ſórte
Para allivio da tua a minha morte.

CXXII.

Mas naõ: no brando Ceo, n'agoa ſerena
Tenha ſocego o vento, o mar bonança,
Que ſe dura em tua vida minha pena,
Nella dura tambem minha eſperança:
Goza o porto, cruel, que amor ordena
Iguale a crueldade á eſquivança,
Que á viſta do rigor de ter te vivo,
Eu ſerey mais crûel, tu mais eſquivo.

CXXIII.

Mas vós, Ceos, cujas luzes veſte o dia,

Vós, mar, cujos crystaes encrespa o vento,
Sede, pois que de vós meu bem se fia,
Testimunhas aqui de meu tormento:
Ouvi destes suspiros a porfia,
Notay destes desdens o soffrimento,
Mas como os notareis, tendo esse ingrato
Se a belleza no Ceo, no mar o trato?

CXXIV.

Mas se guardais de Armido a formosura,
Mas se de Armido tendes a inconstancia,
Naõ me admiro que falte já a brandura
Em vosso extremo para ouvir minha an-
Só me admira que vivaõ na figura (cia:
Desse cruel meus males com constancia,
Quando tristes seus numeros, e idéas,
Conto estrellas no Ceo, no mar arêas.

CXXV.

Ceos, estrellas, penhascos, ondas, ventos,
Que retratais meu bem, que ouvís meu damno,
Doey-vos do rigor de meus tormentos,
Sequer co' a imagem só de hum doce engano:
Para penar day vida a meus alentos,
Imitareis ao vivo esse tyranno;
Que pois seu gosto minha morte ordena,
Em mim quem menos morre, he quem mais pena.

Mas

CXXVI.

Mas ay, que, se a pezar desta fineza,
Buscas, ingrato, em mim melhor victoria,
Ves aqui, que me mata já a dureza
Das ancias tristes, da passada gloria:
Porèm mate-me embora essa fereza,
Que amor renovará minha memoria,
Vendo que no rigor, que me condena,
Busco mais vida por soffrer mais pena.

CXXVII.

Recebe já, cruel, a vida minha,
Meu coraçaõ recebe, amado ingrato;
Pois quanto á dura morte mais visinha
Dilato a vida, teu pezar dilato:
Naõ sinto o morrer, naõ, que assim convinha
Que fosse o fructo de adorar teu trato,
Sinto sim que eras meu, e que sem ver-te
Perdendo a vida, (ay triste!) hey de perder-te!

CXXVIII.

Eu morro, ingrato meu, e morro ausente,
(Diz Lydia) e já turbado o brando alento,
Entre suspiros tristes docemente
Rompe o Ceo, move o ar, abranda o vento:
Morro, (torna a dizer) morro contente,
Por-

Porque me mata eſſe rigor violento,
De que vás, mas aqui já ſem ſentido;
Indo a dizer armado, diſſe Armido.

CXXIX.

Cahe em fim de repente, a voz turbada;
A cor defunta, o geſto amortecido,
A neve de ſeu roſto deſmayada,
Já o naçar da bocca deſmentido,
A alma dos movimentos toda atada,
O brio dás acçoens todo perdido,
Sómente de ſeu roſto a cor ſerena
Dá moſtras do que vive no que pena.

CXXX.

Qual em cinzas de purpura oloroſa,
De ſi meſma belliſſima ſangria,
Em fragrancias mortaes eſpira a roſa
Da doença de hum Sol, do mal de hum dia:
E em deſmayos de nacar laſtimoſa
Alentos de ambar rouba a pompa fria,
Deſpedindo no ardor de ſeu theſouro
Por bocca de carmim ſuſpiros d'ouro:

CXXXI.

Tal Lydia deſmayada, tal ſem vida,
A's leys de ſeu tormento naõ reſiſte,
Nella vendo a triſteza taõ valida,
Deſeja a formoſura de ſer triſte:

A mor-

A morte eſtá turbada, eſtá corrida
De ver quaõ bella, quaõ formoſa aſſiſte;
Quando em ſeu roſto a dous troféos u ſana
Mata por bella, e mata por tyranna.

CXXXII.

Oh flor de pompa illuſtre deſpojada!
Oh Ceo da ſombra eſcura deſmentido!
Oh roſa em ſeus ardores deſmayada!
Oh arroyo em ſeus cryſtaes eſcurecido!
Oh poſto Sol de amor! Oh laſtimada!
Oh triſte Lydia, que rigor ha ſido
O que pode eclypſar eſſas eſtrellas,
Bellas com luzes, e ſem luzes bellas!

CXXXIII.

Que pena ſe atreveo ao Ceo brilhante
Deſſe roſto gentil, onde a ventura,
Dando as mãos ao diſcreto, e ao galante,
Pazes fez entre a ſórte, e formoſura?
Quem deſmayou o Sol, quem deſſe Athlante
Rendeo a neve, reclinou a altura?
Oh tyranna penſaõ de hum penſamento,
Porque ſe chama amor, o que he tormento!

CXXXIV.

Amava Lydia, por iſſo ſe aventura,
Rompendo os privilegios da belleza,

Por-

Porque a dor, que no aggravo está segura;
Menos deve ao descuido, que á firmeza;
Sobeja em Lydia amor, falta a ventura,
Nella a morte he rigor, mas he fineza,
Pois morre só por fé de achar rendida
Para mais largo amor mais larga vida.

CXXXV.

Formosura gentil, que tanto amaste,
Que por amar sem vida a vida déste,
E tanto por teu bem te desvelaste,
Que perdido teu bem, tu te perdeste:
Elle amor, de que tanto te pagaste,
Esse amor, a quem firme obedeceste,
No templo te eterniza já da fama,
Onde sempre bem vive quem bem ama.

# SAUDADES
## DE
# LYDIA, E ARMIDO.

Pelo Doutor

ANTONIO BARBOZA BACELAR.

I.

JA' da horriſona tuba o repetido
Clamor formava á bellica harmonia,
E incitando ao militar ruído,
Já cada qual inquieto ſe partia:
Lydia ſó encoſtada ao bello Armido
Porfia em deſpedir-ſe, e em vaõ porfia,
Porque enlaçando as queixas c'os abraços
A dor lhe prende a voz, amor os braços.

II.

Era o tempo, em que o claro Firmamento
Emmaſcára da noite o negro manto:
Entre os braços da ſombra eſtava o vento
Prezo menos do ſomno, que do eſpanto:
Naõ rompia o ſilencio humano acento

Mais

Mais que da tuba o ſom, de Lydia o pran-
E com murmureo flebil, e ſombrio, (to,
Ou ajudava, ou murmurava o rio.

III.

Em fim, Lydia começa deſmayada:
Ah! já chega, doce Armido, a hora;
Mas a voz já no meyo articulada
Truncou-ſe parte dentro, parte fóra:
Lá fez écco no peito reprezada,
Ouve-a Armido, que no peito mora,
E a trombeta outra vez enfurecida
Chama em Armido o esforço, em Lydia a vida.

IV.

Deſperta Lydia ao ſom, e acceſa em
Pede todo o valor ao ſoffrimento, (fogo
Torna a ſoltar a voz, mas pára logo,
Ou co' a preſſa, ou co' a furia, ou co' tormento:
E com pranto, com laſtima, com rogo
Pede attenção por premio ao ſentimento:
Ouve-a Armido cruel, que naõ recêa,
Valor, que Ulyſſes he, voz de Serêa.

V.

Em fim, partes-te, Armido! Em fim ſe parte
De meus olhos a luz, do peito a vida!

Em

Em fim, trocas, cruel, amor por Marte!
Deixas-me em fim a vida repartida!
Naõ me leves, tyranno, huma só parte,
Leva eſtoutra, que ſendo dividida,
Fica de balde, já que amor ordena,
Que em vez da vida me alimente a pena.

VI.

Se armado de duas vidas o inimigo
Te vir poſto em campanha denodado,
Temerá certo contender contigo,
E terá eſte allivio meu cuidado:
Temerey muito menos teu perigo,
Se te vir de duas vidas animado;
Mas com tanto, que á bála mais viſinha
Trates de offerecer primeiro a minha.

VII.

Leva-a contigo pois, que vàs ſeguro,
Por mais que o Caſtelhano bálas chova,
Que ſe ſoffrido tem teu desdem duro,
Bem tem qualificado que he de prova:
Que eſcudo, ou peito, que trincheira, ou muro
Poderà rebater a furia nova, (te?
Com que amor hoje a offende, e ſe reba-
Leva-a contigo, e entra no combate.

VIII.

Se te obriga o valor, a que tyranno

Fu-

Fugindo a huma alma, que em teus olhos mora,
No peito do soberbo Castelhano
Vás esconder a espada vencedora:
Menos valor he dar a hum peito insano
Morte, que vida a hũa alma, que te adora:
Vás introduzir guerra a estranha terra,
E deixas quem te adora em viva guerra?

IX.

Oh quantas vezes me juraste activo
Que antes atraz o Tejo tornaria,
Que pudesse jàmais Armido esquivo
Sem os olhos de Lydia ver o dia?
Torna atraz, doce Tejo fugitivo,
Que jà Armido de Lydia se desvia:
Torna atraz, lisongea a minha queixa,
Torna atraz, que ja Armido a Lydia deixa.

X.

Mas ainda que exprimento a dura ausencia, (mo,
Me persegue o discurso em tanto extre-
Que mais choro o receyo, que a experiencia,
Menos sinto o que passo, que o que temo;
Temo do Castelhano a resistencia,
A cada nome do inimigo tremo,
Oh que infeliz estado amor me ordena,

On-

Onde he a ſaudade a menor pena !

XI.

De hum amoroſo medo convocado
Se remonta o diſcurſo fugitivo,
Quanto encerra poſſivel triſte o fado,
Tanto futuro moſtra o diſcurſivo:
Detem, ó Iberio vil, o ferro ouſado,
Naõ toques deſte peito o marmor vivo,
Que ha muitas vidas a eſſe peito unidas,
Naõ tires de hum ſó golpe tantas vidas.

XII.

Mas oh loucura vãa ! oh amante erro!
Naõ tens, naõ, que temer o Marcio jogo,
Porq̃ naõ póde entrar n'um peito o ferro,
Onde naõ póde entrar de amor o fogo:
Ja deſde agora meu temor deſterro,
Que naõ reſiſte o ferro a hum brando rogo;
E pois deixas meu rogo ſem effeito,
Reſiſtir pódes tudo com teu peito.

XIII.

Naõ convem ao florido de teus annos
Mais que de amor a doce ſuavidade,
Da antiga Patria reparar os damnos,
Cuidado he juſto da mayor idade:
Oh ! deixa, Armido, deixa os vãos enganos,

Que

Que te moſtra o verdor da mocidade,
Naõ es inda capaz da gurra dura,
Salvo aonde for arma a formoſura.

XIV.

E ſe tomas a guerra por motivo
De me deixar ſem parecer ingrato,
Deixa-me antes por outra fugitivo,
Que eu te remitto a culpa de barato:
Em quanto te eu tiver ſeguro, e vivo,
Prometto naõ chorar teu falſo trato,
Eſcuſa-me a partida, e os temores,
E eu ſerey a terceira em teus amores.

XV.

Eu farey com que logres teu cuidado,
Sem te moſtrar nem longes de deſgoſto,
Que tenho já commigo decretado,
Que naõ me cauſe pena o q̃ he teu goſto:
Eu obrarey deſórte, que obrigado
Vejas ſeu peito a teu querer diſpoſto;
Sempre fará meu rogo algum effeito,
Se ſeu peito naõ for como o teu peito.

XVI.

Se he ódio, e taõ ſómente me aborreces
Pelo delicto de querer-te muito,
Se te offendem meus ays, que muitas vezes
Se colhe das finezas eſte fructo,

Eu

Eu me irey para hum monte, onde ás ve-
zes (to;
Conte meus males a hum penhaſco bru-
Naõ ſeja o odio, naõ, teu homicida;
Naõ valho eu tanto, que te cuſte a vida.

XVII.

Se aſſegurada em teu valor a eſpada
Naõ teme do inimigo a bizarria,
Agora na Canicula abrazada
Queima o ar, arde o Sol, e ferve o dia:
Poderás na campanha, e na eſtacada
Moſtrar contra o Iberio valentia;
Mas mal teu roſto contra o Sol ſe atreve,
Que em fim he Sol, quando teu roſto he
neve.

XVIII.

Em quanto ferve o Sol, e em quanto la-
Eſſe celeſte Caõ do Firmamento, (te
Em quanto o ar os rayos naõ rebate,
Suſpende da partida o penſamento:
Naõ ſe acaba a batalha n'um combate,
Inda terás quinhaõ no vencimento;
Já naõ peço que eſcuſes a partida,
Peço hum eſpaço a troco de huma vida.

XIX.

Em fim, ſe he força que te partas logo
Por ganhar na victoria inteira a palma,
Que

Que me leves contigo só te rogo,
Pequena carga te fará huma alma:
Temperaràs hum fogo em outro fogo,
Passaràs huma calma em outra calma,
Causaràõ minhas lagrimas contigo
Brandura ao Sol, piedade ao inimigo.

XX.

Valor tenho tambem para ajudar-te,
Que naõ implica o esforço com brandura,
Que depois que tratou Venus com Marte,
Tambem de armas entende a formosura:
Teràs victorias sempre em toda a parte,
Huma de amor, e muitas da ventura,
Vencendo ayroso em duplicada palma
Muitos corpos no campo, em casa huma alma.

XXI.

Se acaso do inimigo o ousado braço
Tingir em sangue de teu peito a neve,
Tu veràs como em pranto me desfaço,
E com ella te lavo o sangue leve:
Farey de meus cabellos fino laço,
Que sirva de atadura à chaga breve,
E enxugaremos ambos entretanto
Ao tempo que eu teu sangue, tu meu pranto.

Tu

XXII.

Tu me verás briosa na campanha,
Porque contigo a nada me acobardo,
Será tua tambem toda a façanha,
Que obrar valente meu amor galhardo:
Sempre o amor de esforço se acompanha,
Arderey de valor, se de amor ardo;
Causará meu valor mortaes desmayos,
Que he filho o deos do amor do deos dos rayos.

XXIII.

Ah! se te ameaçar a arma homicida,
Me interporey veloz, armada, ou núa,
E partida em dous peitos a ferida
Será em qualquer delles menos crua:
Teremos huma morte, ou huma vida,
E qualquer poderá chamar-lhe sua;
E alcançaremos ambos desta sórte,
Se nos unia amor, nos una a morte.

XXIV.

Mas que digo, que a morte menos dura
Será, se entre nós ambos for partida?
Delirio, pois naõ póde ter brandura,
Por mais que em nós se veja dividida:
Antes assim mais fêa se affigura,
Mais dura, mais cruel, mais homicida;
Pois se junta huma vida só nos mata,

Partida a duas vidas desbarata.

XXV.

Se te obriga a nobreza a que arrojado
Naõ temas dos combates o perigo;
Se te partes ſómente por honrado,
Força ſerá que eu vá tambem contigo:
Naõ vás todo, ſe eu fico, que animado
Fica outro Armido, a teu pezar, cõmigo;
E eu, que já a teu goſto me accommodo,
Temo que digaõ, que naõ ſoſte todo.

XXVI.

Se brioſo pertendes vencimento
Do feroz, atrevido, e forte Ibéro,
Ou ſe intentas moſtrar teu grande alento,
Reſiſtindo ao inimigo irado, e fero,
Conſente-me te vá no ſeguimento,
Que ſó aſſim triunfante ver-te eſpero;
Baſtará, ſe he que me amas, minha viſta
Para dar-te a victoria na conquiſta.

XXVII.

Pois meus rogos deſprezas inclemente,
Engendrou te do Caucaſo a dureza?
De algum robuſto tronco es deſcendente,
De quem trazes no duro a natureza?
Parte-te pois, que eu morrerey auſente
Antes que acabes felizmente a empreza,
E para te ſer facil a conquiſta

Ba-

Baſta que obre a eſpada o que obra a viſta.

XXVIII.

Mas ah! detem-te, Armido, que enganado
Vás entregar troféos ao adverſario,
Naõ ſejas, naõ, meu bem, precipitado,
Porque naõ he valor ſer temerario:
Se queres o inimigo avaſſallado
Naõ vás á guerra, deixa o teu contrario;
Porque ſe eſte lograr da tua viſta,
Naõ perderá a vida na conquiſta.

XXIX.

Mata-o antes, Armido, co' auſencia,
Que ſerá para elle o mór tormento,
Uſa commigo, Armido, de clemencia,
Naõ deſafies, naõ, meu ſentimento:
E ſerá, ſe naõ partes, tua aſſiſtencia
Da vida, e morte o unico inſtrumento;
Matarás, aſſiſtindo-me, o inimigo,
E vida me darás, ſe eſtás commigo.

XXX.

Aqui chegava Lydia, e deſtillando
Em diluvios de fogo incendios d'agoa,
Aos olhos communica em licor brando
O fogo, que exhalava a ardente fragoa:
Armido a attendeo mudo, e diſfarçando
Com externa alegria a interna magoa,

As lagrimas lhe alimpa, o rolto toca:
Bebe aos olhos o pranto, os ays á bocca.

XXXI.

Lydia, lhe diz, eu parto, mas deſórte,
Que já naõ tenho que temer perigo,
Pois ſe eſta auſencia me naõ cauſa a mor-(te,
Naõ temo que ma cauſe o inimigo:
Em teu nome guerreiro, altivo, e forte
Parto ſem mim, e parto ſó contigo:
Deixa por hora o medo ſatisfeito,
Que vay ſeguro, pois te leva, o peito.

XXXII.

Quem naverá, que poſſa maltratá-ló,
Se lhe aſſiſte em defeza huma deidade?
Naõ me cuſta o Iberio algum abálo,
Temo-me, Lydia, ſó da ſaudade:
Faltar-me de teus olhos o regálo
He a mayor, que temo, adverſidade;
Se matar me naõ queres entretanto,
Detem as queixas, e ſuſpende o pranto.

XXXIII.

Naõ temo, Lydia, o Sol, inda que queime,
Nem o ardor da Canicula incendido:
Que quem vive em dous ſóes, hum Sol naõ teme,
E bem vês que em teus olhos hey vivido:

Se

Se com ardores a cigarra geme,
Naõ recêa esse ardor o forte Armido,
Que se em fogo de amor vivo abrazado,
Ando a mayores calmas costumado.

XXXIV.

Vou merecer-te á guerra, porque agora
Infame he a paz a quem nasceo honrado,
E grande mancha fora em quem te adora
Descançar em teus braços infamado:
Delicto, ó Lydia, irreverente fora
Merecer com affrontas teu cuidado;
Meu amor desta guerra ha de ser fruito,
Que o que val muito, sempre custa muito.

XXXV.

Naõ temas, Lydia, a morte na partida,
Nem dês lugar no peito a taes temores,
Eu te asseguro com certeza a vida,
Naõ faças caso, naõ, de seus rigores:
Esta, que agora faço, despedida,
De tua vida te dá certos penhores;
Porque se eu estou seguro lá comtigo,
Tu ficarás segura aqui commigo.

XXXVI.

Naõ temo os golpes, naõ, que se occupado
Das frechas de teus olhos homicidas
Trago o peito em feridas traspassado,

Naõ

Naõ tenho onde me caibaõ mais feridas:
Só peço, Lydia! Más aqui falteado
Da trombeta em cadencias repetidas,
Deixa o diſcurſo, interrompendo-o o brio,
E entra em guerra o valor co' alvedrio.

XXXVII.

Luta em Armido o esforço co' a braudura,
Contende com o affecto a bizarria;
Mas eſta vez foy traça da ventura,
Que quando cede amor à valentia,
Ja naõ tem privilegio a formoſura:
De balde Lydia em lagrimas porfia;
Porque o valor com aviſos prevenidos
Mandou prender os olhos, e os ouvidos.

XXXVIII.

Parte-ſe Armido, fica Lydia. Oh quanto
Fogo Lydia exhalou da interna fragoa!
Acompanha-lhe os paſſos com o pranto,
Quer-lhe eſtorvar a fuga c'um mar d'agoa:
Deſapparece Armido, e Lydia tanto
Se deixou penetrar da aguda magoa,
Que entregue em fim à dor, e à dor rendida
Lhe embargou hum deſmayo o fim da vida.

Oh

XXXIX.

Oh Lydia triſte, oh Lydia deſgraçada!
Quem te diſſera, Lydia, n'alguma hora,
Que havias de chorar-te aſſim deixada
De quem, ſendo cruel, diz que te adora!
Chora, Lydia formoſa, e ſepultada
Em diluvios de pranto triſte chora,
E ſe ſe ouve a voz n'algum gemido,
As ſuas vozes ſaõ: Armido, Armido.

XL.

Oh, que dirias Lydia, quando abriſte
A vez primeira os olhos muda, e fria,
Quando te viſte ſem Armido, e viſte
Mudo o ar, cego o Sol, auſente o dia!
Encarecer as penas, que ſentiſte,
Só do ſilencio minha Muſa o fia,
Que em taõ grande pezar a Muſa ordena
Que obre o diſcurſo, naõ eſçreva a penna.

EPI-

# EPITAFIO
## NA SEPULTURA
# DE LYDIA,

*POR HUM ANONYMO.*

## SONETO.

ESta, que vês, errante peregrino,
Urna funesta em marmore erigida,
He sepulchro horroroso de huma vida
Morta às mãos ou da Parca, ou do destino:
Foy-lhe mortal doença o amor mais fino,
O querer bem lhe foy féro homicida;
Se fosse, como quiz, taõ bem querida,
O tempo contaria Nestorino:
Lydia jaz aqui, Lydia desgraçada,
Lydia, aquelle de amor raro portento.
Mas ah! naõ cuides, naõ, que sepultada
Entre as cinzas está do esquecimento:
Está viva Lydia, ainda que enterrada,
Que inda em seu peito amor infunde alento.

A' VAI-

# A' VAIDADE DO MUNDO.

## TERCETOS MORAES.

Por

FRANCISCO DE VASCONCELLOS Coutinho.

Fabio neste dos Seculos abrigo,
Extasis reverente da vaidade,
Antidoto da dor, da ancia jazigo
Nos hermos desta muda soledade
Segundo domicilio das autoras,
Oraculo primeiro da verdade:
Venerando os harpoens, passando as horas,
Faço nestas reliquias do que hey sido
Dos symptomas da dor, da alma as melhoras.
Pois conheço em meus damnos advertido,
Que saõ justos castigos da verdura
Estes impios venenos de Cupido.
Que ja como tropeço da ventura,
Nos lustres do esplendor dourando as fezes,

He

He contagio da ſórte a formoſura.
Pois nos herpes da magoa tantas vezes
As que em brindes de goſto eraõ affagos,
Das violencias do fado ſaõ revezes.
Digaõ-no em mudas cinzas os Carthagos,
Onde foraõ nos braços das Elenas
As ternuras ſobornos dos eſtragos.
Pois ao pezar, ao goſto, á dita, ás penas,
Tecendo as almas victimas nos braços,
Eraõ cinzas os marmores nos Ethnas.
E juntando as delicias, e fracaços
Preſtava ao meſmo tempo o fado ſummo
Ternuras ao deſejo, á dor pedaços.
Unindo o amor, e o odio em tal refumo
Em carceres de luz, ſettas de rayos,
Sobre Olympos de fogo Egeos de fumo.
Porèm fique-ſe Troya entre os deſmayos,
Olhemos cada tronco derrubado,
Dos Dezembros ludibrio, alma dos Mayos.
Pois cadaver no boſque amortalhado,
Caveira da floreſta, urna de Flora,
Epitafio de Abril, tumba do Prado,
Nos moſtra que de amor deſpojo fora,
Pois

Pois lhe deraõ a terra os brancos oſſos,
Hum vento amante, hũa hera aduladora.
Tendo de ambos em mizeros ſobroços,
Nos abraços das heras as ruinas,
E nos ſopros do Zefiro os deſtroços.
Deſcem do riſco as agoas cryſtallinas
Em cryſtal, que em tremuras ſe deſata,
A requeſtar as flores, e as boninas.
E apenas dos ardores ſe arrebata,
Quando no barro turvos os candores
Naõ ſaõ mais que cadaveres de prata.
Garfo apenas da caſa dos amores
Naſce no campo a roſa, que Alva molha,
Ja confundindo a Venus, e os ardores;
Quando adverte logo quem as olha
De amor huma reliquia em cada vêa,
Da morte hum epitafio em cada folha.
Pois ſe amor nos imperios de Amalthea
Deixa, roubando ao boſque as maravilhas,
Secca a planta, a flor murcha, a planta fêa:
Se as librés, ſe os arminhos, ſe as mantilhas
Desluzidas, impuras, e abrazadas
Saõ mortalhas, ſaõ ſombras, ſaõ paſtilhas:
Que muito oſſas de fogo armas hervadas,

Sen-

Sendo aos ſentidos remoras brilhantes,
Sejaõ do goſto pirolas douradas!
Ardem no golfo os liquidos diamantes
Sentem na eſphera os tremulos zafiros,
E amaõ no abyſmo os barbaros gigantes
Pois em Jove, Plutaõ, Neptuno os tiros
De amor fazem render-lhe aos ſeus impe-
rios
Pranto o mar, ays o centro, o ar ſuſpiros
Os Tarquinos, os Numas, e os Tiberios
Foraõ alvos de igniferos cartazes,
Sendo rayos de entre ambos emiſferios.
Hum Alcides, hum Ceſar, que voraz
Padroens lhes faz a fama em cada bocca
O firmamento thronó, os pólos bazes:
Abrazados de amor na chamma loucá
Infamando do braço altas idéas,
Fazem ſettas do fuzo, armas da roca.
Choraõ-ſe Didos, Fedras, e Medéas
Vendo no mar, no zefiro, nas prayas
Fugir Jazoens, Hyppolitos, e Enéas.
E tocando da ſórte ultimas rayas
Em reſgate da dor, da ancia deſquite,
Foraõ do goſto as lagrimas alfayas.
Jaz Leandro nos Reynos de Anfitrite
Que abſorto aos Pyramides de Avarõ
Acaba em cada falſos de Salite.

Rom

Rompe Piramo, a golpes de hum gemido,
No alcaçar Soberano aos ays veſtigios,
E acaba n'um punhal amortecido.
Fulmina Orfêo os carceres Eſtigios,
Querendo antes vencer do Averno a preza,
Que conſervar no peito os campos frigios.
Pois ſe he taõ fraca a humana natureza,
Que erguendo Capitolios na vaidade
Os derruba aos arbitrios da torpeza;
Já que ao goſto obedece a liberdade,
Naõ pódem dictames do diſcurſo
Evitar precipicios na vontade;
Por pagar dos auxilios o concurſo
Deſpenhe em cinza os idolos do vicio,
Que naõ ſuſteve aos Icaros o curſo.
Porèm dando ás vaidades novo hoſpicio,
Onde a razaõ formava hum holocauſto
Lhe reſerva a vangloria hum ſacrificio.
Rompe o peito nas lagrimas exhauſto,
Ficando das venturas na carreira
Por alfaya o pezar, a dor por fauſto.
E inda vendo dos goſtos a caveira,
Entre os mudos horrores do eſcarmento

Le-

Levanta simulacros a cegueira.
Que he taõ barbaro o humano entendimento,
Que vendo consumir Troyas na chamma,
Inda quer levantar Grecias no vento.
Esses Heróes, que em pisanos da fama
Esgotáraõ os Fidios, e os Timantes,
Roubando ao Pindo o timbre, ao Sol a rama:
Hoje em reliquias só do que eraõ d'antes
Saõ as letras aviso das memorias,
Saõ as Urnas despojo dos instantes.
Essas, que foraõ timbre das vanglorias
Bellezas, que, na galla prezumidas,
As deixa o desengano transitorias:
Que lhes valem de Abril pompas floridas,
Se no sagrado horror da sepultura
Astros pizados saõ, flores cahidas?
Lenho podre, Atalaya mal segura
Em brocado da tumba, Urna funesta,
Em taboa de caruncho alta pintura.
Da desfolhada pompa apenas resta
Em caduca elegancia o desengano,
Quanto brilhou triunfo da floresta.
Esses no Mauzoléo do Vaticano,

Ca-

Caracteres, que impias mudas aras
Saõ reliquias do Seculo tyranno:
Queixas saõ, que fulmina o tempo claras,
Vendo quam endeozados se presumem
Os Imperios, os Solios, e as Tiaras:
Sem que a temer os damnos se costumem,
Inda que de Tonante os rayos desçaõ,
Por mais que do Vezubio as cinzas fumem:
Vejaõ, antes que ao tempo os annos cresçaõ,
Quaõ estreitas a morte as contas toma,
E que os éccos da tumba naõ dispensaõ.
Olhem para os Encelados de Roma,
Onde a golpes hum Seculo infelice
Quanto em jaspe adulava, em cinza somma.
Que quiz a Omnipotencia que cahisse,
Porque, como do mundo era Cabeça,
Tivesse huma caveira, em que se visse.
Veja-se neste espelho a gentileza,
Que se he caduca a vida nos escolhos,
Como fica nas bazes a belleza?
Guarde as flores Abril, Agosto os molhos,

Que

Que a fouce, com que a morte ſe deſvela,
Vem avizando as flores, e os abrolhos.
Pois no verde cavallo, em que hão de
vê-la,
Se orna das Primaveras, que desfolha,
Se compõem dos verdores, que atropella
Advirta-lhe as eſpigas quem as olha,
Porque a fouce, que oſtenta nas fadigas
Leva ao Dezembro o tronco, ao Mayo
folha.
Alerta, Primavera, que perigas,
Pois prevenindo laſtimas nas flores,
Vem fazendo os enſayos nas eſpigas.
Se pois os gritos da alma ſaõ mayores
Quando he mais dos humanos a maldade
Como excedem os goſtos aos horrores?
Tantos Camaleoens da vaidade,
Alvergues impios da ſoberba louca,
De quem tem medo os éccos da verdade
Que eſperaõ quando a morte a raya to
ca?
Quando hum achaque as purpuras derr
ba?
Quando hum rayo as piramides ſuffoca?
Veja, pois, bem que ufano baixe, o
ſuba,
Que ha de cahir nos tumulos da morte.
E

E ſerá de erguer nos extaſis da tuba.
Humilhe-ſe a cabana, campe a Corte,
Que lá ſerá do mundo nos conflictos
O valente caduco, o debil forte.
Enlutados carbunculos marchitos
Seraõ na eſféra os tremulos adornos
Mortalhas do zafir, do pólo gritos.
Dádo em gyros o fogo, a luz em tornos,
Nos coriſcos aos Caucaſos mortalhas
Nos eclypſes ás lagrimas ſobornos.
Ficando do Univerſo nas batalhas
Por tumulos funeſtos as arêas,
Do firmamento as trémulas medalhas.
As Driades unidas, e as Nerêas
Seraõ urnas de Doris os ſalites,
E tumulos de Ceres as pavêas.
Pois, rompendo das prayas os limites,
Se veraõ nos dous ambitos eſtragos
Amaltheas adornos de Anfitrites.
Ruidoſas Serpes os cometas vagos
Vomitando em relampagos tocſgos,
Dará plantas o fogo, a terra lagos.
E, profanando os funebres abrigos,
Cahiraõ elles timbres de Corintho,
Que de cinzas heroicas ſaõ jazigos.
Sem ficar deſte immenſo labyrintho,
Nem inda aos epitafios hum ſó verſo,

Que naõ ſeja nos marmores extincto.
Reduzido a mortalhas o Univerſo
Começaràõ da tuba os roucos brados,
Sem diſtinguir o throno, o ceptro, o ber-
Eſſes troncos agora desfolhados, (ço,
Reveſtidos de novas Primaveras,
Seraõ luto dos tumulos os prados.
Té que julgando os ſeculos, e as eras,
Huns iràõ para eſtragos dos abyſmos,
Outros para luzeiros das eſféras.
Oh ſe deixaſſe o mundo os barbariſmos
Com que abforto dos ſeculos nas horas
Lhe naõ lẽbraõ da morte os parociſmos!
E ſe os tenros arminhos das Auroras
Viſſem que ſaõ da ſombra as luzes filhas,
E que quando mais vîs, mais brilhadoras!
Diſpa o pompoſo Abril as maravilhas,
Pois vê neſſes de nacares alleyos,
Trazer os epitafios nas mantilhas.
Acabem da belleza os vaons enleyos,
E vejaõ já que feudos ſaõ dos annos,
Que ſómente do tempo ſaõ correyos.
Os Martes, os Lycurgos, e os Tyrános
Que lhes valem as borlas, e os eſcudos
Se, vivendo Saturnos, morrem Janos?
Ponhaõ os olhos neſſes Troncos rudos,
Que neſſe cemiterio adormecidos

Por

Por tantas boccas nos accuſaõ mudos.
E ſe ainda ao deſengano enſordecidos,
Naõ reſpeitaõ de Cloto aquellas tramas,
Já que naõ lhe põem olhos, dem-me ouvidos.
Tronco ſem folhas, que fizeſte ás ramas?
Aſtro ſem luzes, quem te guarda os rayos?
Cinza ſem fogo, quẽ te offẽde as chãmas?
Pois nas áſcuas, nas ſõbras, nos deſmayos
Vejo apagados, languidos, e baços,
As chammas, os relampagos, os Mayos.
Se brilhavas Narciſo, prende os laços,
Se blazonavas Midas, luze as rendas,
Se prezumias Marte, eſgrime os braços.
Pois ſe perdeſte a força, o luſtre, as prẽ-
Que val ao brio, á gála, á vaidade (das,
As forças, os agrados, e as Commendas!
Se foſte Rey, que he deſſa Mageſtade?
Se foſte Sabio, que he das elegancias?
Se foſte moço, donde tens a idade?
Pois ſe perdeſte letras, ceptro, e infãcias,
Que val ao throno, ao berço, e ás cadeiras
Os dominios, verdores, e as jactancias!
Se as gálas, ſe os theſouros, ſe as fróteiras,
Se os ceptros, ſe os talentos, ſe os abonos
Nas aras da ventura ſaõ carreiras.
Quem naõ vê q̃ nos extaſis dos ſomnos

Se haõ de acabar aos impetos dos annos
Ambrio, prata, engenho, berço, e thronos?
Cayaõ, pois, elles idolos profanos,
E já que fazem torre ás vaidades,
Reservem hum postigo aos desenganos:
Vendo q̃ quando em loucas Magestades
Os arrebata o gosto das caricias,
Os desengana o golpe das idades.
E se os gostos da morte saõ primicias,
Saibaõ, trocando em lagrimas os rizos,
Que deste horror os annos saõ noticias,
E deste damno as horas saõ avisos.

En-

*Entrando na Corte o Senhor Rey Dom Joaõ V. (de glorioſa memoria) com os Sereniſſimos Principe, e Princeza do Braſil, noſſos Senhores, ſerenou o dia, tendo chovido toda a noite antecedente.*

## SONETO.

SEnhor, moſtrais, vencẽdo a tẽpeſtade,
A quanto o poder voſſo ſe eſtendia;
Pois que ás eſtrellas chega a Monarchia
Quando a eſtaçaõ reſpeita a Mageſtade.

A voſſa gloria adquire a noſſa idade
De Alta Princeza a nobre idolatria,
E he menos governar a luz, e o dia,
Que erigir-nos de novo huma Deidade.

Entrais na Corte, ó Rey, ſẽpre glorioſõ,
E das nuvens vencido o vapor denſo
Naõ altera o concurſo Mageſtoſo.

E he certo q̃ fizeſte, em tudo immenſo,
Mais que nũca, hoje o mundo venturoſo,
Em que o Ceo de admirado eſtá ſuſpenſo.

*Por huma douta penna.*

A LU-

# A LUCRECIA
## ROMANA.

## SONETO.

EM fangue hóradamente derramado,
Infamia infauſtamente ſuccedida,
Lava a triſte Lucrecia, e na ferida
Abre caminho ao ferro, e porta ao fado.
Dirige o duro golpe ao tenro lado
Sem receyo da fama de homicida,
Porque como he a honra alma da vida,
Cadaver era o corpo injuriado.
Morra, diz, o inſtrumento da deshonra,
Que para a formoſura ſer culpada
Baſta ter da laſcivia o incentivo.
Fique vingada em Collatino a honra,
Que ſe me exime á culpa o ſer forçada,
Baſta-me para a morte o ſer motivo.

*Pelo Doutor Antonio Barboſa Bacelar.*

A S.

# A S. PEDRO

## Quando negou a Chriſto.

## SONETO.

A' Viſtà daquelle amoroſo alarde
Obrado de ſeus pés, ás mãos de algozes;
Se nega a Chriſto Pedro, humilde em vozes;
A vozes logo o nega de cobarde.

Duvida hum bẽ, e os pés entrega tarde,
Teme hum mal, e as deſculpas dá velozes;
Frio treme entre chammas taõ atrozes,
Fervoroſo em taõ pias ondas arde.

Aſſim a Deos tendo Pedro por amigo
Naufragava n'um mar a confiança;
E n'outro mar ſe ſalva do inimigo;

Que logrando os affectos da eſperança,
Sem fé a mór bonança traz perigo,
Com ella o mór perigo tem bonança.

*Por Bacelar.*

A NOS-

# A NOSSA SENHORA DO ROSARIO.

## SONETO.

Fragrante Rosa em Jericó plantada,
E como Alva formosa esclarecida,
Como Sol entre todas escolhida,
E como puro espelho immaculada.
Virgem antes dos Seculos creada
Para Máy do Supremo Author da Vida,
Para fonte de graça dirigida,
E de toda a desgraça preservada.
Pois ao vosso Rosario se dedica
Esta Academia no que tanto acerta,
Consagrando-se a vós, Divina Rosa:
Claro, patente, e manifesto fica,
E sem fallencia ha conclusão certa,
Que do mundo ha de ser a mais gloriosa

*De hum Academico.*

# AO PADRE ANTONIO VIEIRA

*Prégando na Degolaçaõ de S. Joaõ Baptiſta.*

## SONETO.

MOrre Joaõ por odio, más deſórte
Lhe augmentais a ventura na cahida,
Que ſe Herodias lhe invejava a vida,
Sendo hoje viva, lhe invejára a morte:
Pode tirar-lhe a vida adverſa ſórte;
Mas por vós a tragedia repetida
Faz taõ ſoberba a pena padecida,
Que ſuaviza ao ferro o duro córte.
Como por vós na morte acha ventura,
Se invejoſa Herodias o antevira,
Conſervara-lhe a vida de traidora,
Que, como lhe buſcava a deſventura,
Naõ pedira a cabeça, e ſe a pedira,
Naõ fora a de Joaõ, a voſſa fora.

*Por Bacelar.*

# A LA VIRGEN DE GUADALUPE.

## SONETO RETROGADO DICCIONAL.

Divina Virgen, Celeſtial Maria,
Sagrada Eſther, Honor de Eſtremadura;
Preſervada de culpa, ſiempre pura,
Digna de Dios glorioſa Monarquia.
Camina para vós, ſiendo vós guia,
Atribulada el alma en vós procura
Deſeada bonança mas ſegura,
Benigna Abigail, fecunda Lia.
Aurora en Guadalupe os vi mas bella,
Luzero Univerſal acà os admiro,
Señora, Eſpoſa, Madre, Hija, Donzella;
Verdadero refugio, a vós aſpiro,
Protectora Divina, ſois mi Eſtrella,
Eſpero en vós, porque con vós reſpiro.

*De hum Anonymo.*

# AO AMOR DO MENINO DEOS NASCIDO.

## SONETO.

AMor ſublime, eterno, e incõprehenſivel,
Amor, q̃ o torpe amor converte em puro,
Amor, que ao duvidoſo faz ſeguro,
Amor, que tudo vê, ſendo inviſivel.
Amor, que faz ſuave ao inſoffrivel,
Amor, que moſtra claro o que era eſcuro,
Amor, q̃ faz mais brando o q̃ he mais duro,
Amor, que facilita o impoſſivel.
Amor, que tudo vence, e tudo apura;
O homem com ſeu Deos pacificando
Quiz q̃ eſte Deos ao homem ſe ajuntaſſe.
E juntos o Creador com a creatura,
Que a creatura em Deos ficaſſe amando,
E Deos nas creaturas ſempre amaſſe.

*De hum Anonymo.*

*Pedindo-ſe huma mercè a Noſſa Senhora.*

## SONETO.

A Vós, ó Virgem pura, luz radiante,
Eſtrella de Jacob reſplandecente,
Roſa de Jericó, Judith valente,
De Deos Filha, Eſpoſa, Mãy, e Amante.
A vós, ó bella Aurora rutilante,
Cedro ſem corrupçaõ, Torre eminente,
Fecunda Vara de Jeſſé florente,
Lua chea de graça ſem minguante.
A vós, Arca Divina, Muro forte,
Soberana Rachel, Palma formoſa,
A vós invoco, a vós, bem confiado,
Day-me, no que pertendo, bõa ſórte,
Pois que nunca faltaſtes generoſa
A quem vos invocou neceſſitado.

*De hum Academico.*

# A' CONCEIÇAÕ
## DE
# NOSSA SENHORA.

## SONETO.

CLara Luz, cuja excelſa fórmoſura
Dos eclypſes por Deos foy reſervada,
Lua cheya de graça, que manchada
Jámais de culpa foy, Mãy ſempre pura.
Eſcada de Jacob, Guia ſegura,
Real Templo, em q̃ o Verbo fez morada,
Na voſſa Conceiçaõ immaculada
Foſtes a mais perfeita creatura.
Mas qual podia ſer, quem eſcolhida
Para Divina Mãy era, Senhora,
Senaõ vôs ſem peccado concebida!
Que ſe o Sol de Juſtiça vinha fóra,
Era força que achaſſe já naſcida
Para taõ claro Sol taõ bella Aurora.

*Por hum Anonymo.*

# AL PRODIGIOSO TRANSITO DE LA VIRGEN SEÑORA NUESTRA.

## SONETO.

AL Cielo, de la tierra deſpedida,
Sube la Virgen ſiempre immaculada,
De Exercitos Celeſtes feſtejada,
En carroças de luzes conduzida.
Toda de tornaſoles reveſtida,
De luzientes eſtrellas coronada,
En jubilos el Cielo a ſua llegada,
En ſuſpiros la tierra a ſu partida.
En triunfos aſſi todo en Alteza
Unifórme la Empyrea Corte jura
Reyna del Cielo, y tierra a ſua belleza.
Oh de Dios Prouideneia altiva, y pura,
Que al que por el ſe humilla a mas baxeza
Sabe el miſmo exaltar a mas altura!

*Por hum Academico.*

# A' MORTE DE DIOGO LOPES DA FRANCA,

Que morreo degolado.

## SONETO.

DEtem a maõ infamemente armada,
Que eſſa vida que cortas, homicida,
Foy já de Heſpanha tantas vezes vida,
Quantas foy morte a Mauritana eſpada.
Eſſa, que vês cabeça, hoje proſtrada,
A tragico theatro reduzida,
Se vio de tantas glorias já veſtida,
De quantas hoje lagrimas chorada.
Prẽde-lhe agora as mãos cobarde a ſór-(te,
Porque lhe falta á morte atrevimento
Para oppor-ſe a ſeu braço a meſma morte;
Que era tal de ſeu braço o fórte alento,
Que ſe lhe naõ ligára o braço forte,
Duvidoſo ficára o vencimento.

*De Bacelar.*

A HU-

## A HUMAS SAUDADES.

## SONETO.

SAudades de meu bem, que noite, e dia
A alma atormentais, ſe he voſſo intento
Acabares-me a vida com tormento,
Mais liſonja ſerá, que tyrannia:
Mas quando me matar voſſa porfia,
De morrer tenho tal contentamento,
Que em me matando voſſo ſentimento,
Me ha de reſuſcitar minha alegria.
Porèm matay-me embora, q̃ pertendo
Satisfazer com mortes repetidas
O que á belleza ſua eſtou devendo.
Vidas me day para tirar-me vidas,
Que ao grande goſto, cõ q̃ as for perdẽdo,
Seraõ todas as mortes bem devidas.

*De Bacelar.*

A HUNS

# A HUNS OLHOS TORTOS.

## SONETO.

TRaveſſos olhos, que na traveſſia
Deixais os olhos todos derrubados,
Contra quem ſó tres dedos cavalgados
Saõ na manhaã remedio a todo o dia:
Dos milagres, que fez Santa Luzia,
Nenhum ſabemos de olhos enfreſtados,
E mais de olhos, que ſaõ taõ namorados,
Que olhaõ hum para o outro á mor porfia:
Cioſos olhos, pois eſſas meninas
Eſcondeis no mais alto das capellas,
Naõ conſintais haver dellas ſuſpeita:
Torcey-lhe a condiçaõ de pequeninas,
Porque nunca ſe poſſa dizer dellas
Quem torto naſce, tarde ſe endireita.

*De Bacelar.*

## A HUM DESMAYO.

## SONETO.

COntra Flora aos ſuſpiros fugitiva
O amor em hum deliquio ſe conjura,
Muda-ſe o vivo fogo em neve pura,
Mas mais aquella neve o fogo aviva.
Até no parociſmo almas cativa
Deſmayada a mais bella formoſura,
Nos embargos da vida inda lhe dura
O rigor, em ſignal de que era viva.
Silvio, que aſſiſte a elle, e a Flora adora,
Trazendo-a no peito retratada,
Com hum deſmayo outro deſmayo chora;
Mas naõ foy maravilha deſuſada,
Se a bella copia ſe deſmaya em Flora,
Que ſe deſmaye em Silvio a copiada.

*De Bacelar.*

# A HUMA AUSENCIA.

## SONETO.

Sinto-me, sem sentir, todo abrazado
No rigoroso fogo, que me alenta;
O mal, que me consome, me sustenta,
O bem, que me entretem, me dá cuidado.
Ando sem me mover, fallo calado,
O que mais perto vejo se me ausenta,
E o que estou sem ver, mais me atormenta,
Alegro-me de ver-me atormentado:
Choro no mesmo ponto, em q̃ me rio,
No mór risco me anima a confiança,
Do que menos se espera estou mais certo;
Mas se de confiado desconfio,
He porque entre os receyos da mudança
Ando perdido em mim, como em deserto.

*De Bacelar.*

*A's melhoras, que o Senhor Rey Dom Joaõ V. ( de glorioſa memoria ) teve na ſua moleſtia.*

## SONETO.

MOnarcha Auguſto, Principe adorado,
Vivey glorioſo, reſiſtindo forte,
Se os triunfos nos moſtraõ que da morte
Sois temido, Senhor, e reſpeitado.

Viveis de muitas vidas animado,
Só a voſſa he razaõ que nos importe:
Como ha de chegar da Parca o córte
A quem alentos todo hũ Reyno ha dado?

Deponde o ſuſto, e natural receyo,
Pois ſó a dar-vos gloria conhecida
No cruel accidente a morte veyo.

Morrereis, mas ſerá voſſa homicida
Depois que naõ houver ( aſſim o creyo )
Em todo o Portugal huma ſó vida.

*Por huma douta penna.*

GLOS-

# GLOSSA AO SONETO DE CAMOENS

*Sette annos &c.*

## SONETO.

SEtte annos de paſtor Jacob ſervia
Labaõ, pay de Rachel, ſerrana bella,
Mas naõ ſervia ao pay, ſervia a ella,
Que a ella ſó por premio pertendia:
Os dias na eſperança de hum ſó dia
Paſſava contentando-ſe com vella;
Porèm o pay, uſando de cautella,
Em lugar de Rachel lhe dava Lia.
Vendo o triſte paſtor que com enganos
Lhe fora aſſim negada ſua paſtora,
Como ſe a naõ tivera merecida,
Começa de ſervir outros ſette annos,
Dizendo: Mais ſervira, ſe naõ fora
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

## GLOSSA I.

ARde Jacob deſórte, que elevado
Na viſta de Rachel o penſamento,
Faz tanta eſtimaçaõ de ſeu cuidado,
Que cuida naõ merece o ſeu tormento:
Como julga o emprego remontado,
Deſconfia do ſeu merecimento,
E cifrando em ſervir ſua valia,
Sette annos de paſtor Jacob ſervia.

II.

Servia, mas taõ ledo, que parece (yo,
Que o ſervir tẽ por premio em doce enle-
Que o deſejo do fim, que ſe appetece,
Do mayor padecer faz doce meyo:
Rachel, que ſeus tormentos lhe agradece,
Bem quizera já ver o prazo cheyo,
Mas alongava o tempo á cuſta della
Labaõ, pay de Rachel, ſerrana bella.

III.

Rachel o premio á ſeu ſerviço ordena,
De taõ ledo ſervir Labaõ ſe encanta,
Rachel deſeja o fim de tanta pena,
Labaõ grangeyo faz de pena tanta:
Rachel de deshumano ao pay condena,
Labaõ do que enriquece ſó ſe eſpanta;
Serve Jacob, e amante ſe deſvella,
Mas naõ ſervia ao pay, ſervia a ella.

O ſer-

IV.

O servir tem por doce passatempo
Na esperança Jacob de merecella,
Do servir para o amor só furta o tempo,
Mas ainda era servilla este querella:
Naõ o cança a esperança ha tanto tempo,
Que, como mais merece á vista della,
Tanto della gostou, que parecia,
Que a ella só por premio pertendia.

V.

Tem de esperar a gloria, e naõ alcança
Da dilaçaõ a pena o sentimento;
Oh venturoso amor, onde a esperança
Se casava taõ bem co'o soffrimento!
Espera alegre, e de esperar naõ cança,
Que, como faz deleite do tormento,
Por pequenos instantes avalia
Mil dias na esperança de hum só dia.

VI.

Tanto está de seu damno satisfeito,
Que cuida compra a gloria muy barato,
E como pena á vista do sujeito,
Suaviza-lhe a pena o doce trato:
Suspira entre os limites do respeito,
Padece entre os respeitos do recato;
E como naõ quer mais da sua estrella,
Passava contentando-se com vella.

De

VII.

De Rachel, e Labaõ Jacob ufano
Cuida que tem a paga aſſegurada;
De Rachel em hum riſo ſoberano,
De Labaõ na palavra concertada:
Mas ay! q̃ cedo chega o deſengano, (da;
Que a mais firme eſperança em fim he na-
Pois lhe falta co' a fé, naõ Rachel bella;
Porèm o Pay uſando de cautella.

VIII.

Oh mentido prazer, quaõ enganado
Trazes hũ peito amante em ſeu tormento!
Promettes-lhe hum favor imaginado,
Sendo hum fragil engano, hum leve vẽto:
Serve o pobre paſtor, e quando o fado
Lhe promettia a paga ao ſoffrimento,
De hum pay intereſſeiro a tyrannia
Em lugar de Rachel, lhe dava Lia.

IX.

Dentro fogo Jacob, e neve fóra,
Ficou com o premio novo, que topava;
Muito ſentia a perda da paſtora, (va;
Mas mais ſente a traiçaõ, q̃ o pay moſtra
Arde, pena, ſuſpira, geme, e chora,
Vendo que perde o bem, que tanto amava;
Mas de todo enloquece entre ſeus damnos
Vendo o triſte paſtor que com enganos.

A mais

X.

A mais robuſta ſerra, que arrogante
Reſiſte ao tempo de ſi meſma armada,
Laſtimado o paſtor, quanto conſtante,
Tinha já de ſeu pranto laſtimada:
Muita pena lhe cuſta ao triſte amante
Ser-lhe a ſua paſtora ao fim negada,
Mas ainda ſente mais o ver que agora
Lhe fora aſſim negada a ſua paſtora.

XI.

Auſentar-ſe quizera de corrido,
Mas amor, e Rachel, e ſeu cuidado
Mandaõ que, ſobre as cuſtas de offendido,
Torne a tomar deſcontos de enganado:
Torna de novo a commetter partido,
E, a pezar das lembranças de aggravado,
De novo a merecê-la offrece a vida,
Como ſe a naõ tivera merecida.

XII.

Oh doce affago de hum amante intento,
Que tanto a hum penſamento deſvarias,
Que, depois de enganado o ſoffrimento,
Inda fia em promeſſas de alegrias!
Torna a buſcar o premio em ſeu torméto,
Premio eſperado de taõ largos dias,
E lavrador de amor, colhendo enganos,
Começa de ſervir outros ſette annos.

Ser

XIII.

Seu goſto era ſervir, mas naõ quizera
Que o goſto pareceſſe violentado;
E aſſim ſente a traiçaõ, que o pay fizera,
Por tirar eſta gloria ao ſeu cuidado:
Rachel lhe diz: Jacob querido, eſpera,
Ainda que agora ſervirás forçado.
E elſe torna conſtante á ſua paſtora,
Dizendo: Mais ſervira ſe naõ fora.

XIV.

Naõ quer o paſtor mais do que querê-la,
Nem buſca mayor premio, que adorá-la,
Muito cuida que alcança em poder vê-la,
Pouco cuida que faz, ſabendo amá-la:
Para ter mais lugar de merecê-la,
Quaſi eſtima a occaſiaõ de naõ lográ-la:
Só ſente ter, em gloria taõ creſcida,
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

*Pelo Doutor Antonio Barboſa Bacelar.*

OU-

## OUTRA GLOSSA
## AO MESMO SONETO.

I.

EM fogo activo, mais q̃ o Ethna ardẽ-(te,
Feniz de amor Jacob acceſo ardia,
E para ſe fazer ao bem preſente
Sette annos de paſtor Jacob ſervia:
Andava no ſerviço taõ contente,
Fazendo tanto mais do que devia,
Que tinha tal criado a bõa eſtrella
Labaõ pay de Rachel, ſerrana bella.

II.

Moſtrava ao pay, e á filha tal cuidádo,
Que no campo amoroſa ſentinella,
Nella paſcia os olhos, nelle o gado,
Mas naõ ſervia ao pay, ſervia a ella:
Quando Rachel ſahia ao verde prado,
Sahia-lhe ao caminho ſó por vella:
Se ella premios lhe dava, elle dizia,
Que a ella ſó por premio pertendia.

III.

Se á fonte hia Rachel, do Sol affronta,
Para tomar-lhe o pote elle a ſeguia,
E quanto mais a vê, tanto mais conta
Os dias na eſperança de hum ſó dia:

Se

Se a ſua nova ovelha ſe remonta,
Jacob ao ſeu collo lha trazia;
E quando em caſa a laã fiava ella,
Paſſava contentando-ſe com vella.

IV.

Já quaſi o longo tempo ſe acabava,
Que merecido tinha Rachel bella,
Mil vezes a pedio, diſſimulava
Porèm o pay, uſando de cautella:
Chorando o paſtor triſte ſe queixava
Do rigor delle, da obediencia della;
Pois quando mais amante a merecia,
Em lugar de Rachel lhe dava Lia.

V.

Com muda voz ſe queixa da ventura,
Que deo a tal amor taes deſenganos;
Foge do pay, que o chama com brandura,
Vendo o triſte paſtor que com enganos:
Mas como ſe murchava a formoſura,
Da filha evitar quiz mayores damnos,
Que, pela ver muy mais merecedora,
Lhe foſſa aſſim negada ſua paſtora.

VI.

Com mais alento já, mór eſperança
Torna aos mortos eſpiritos á vida,
Deſeja merecê-la, naõ deſcança,
Como ſe a naõ tivera merecida:

Por

or indigno ſe tem, pois naõ alcança
A gloria, que lhe era taõ devida;
E naõ temendo haver outros enganos;
Começa de ſervir outros ſette annos.

VII.

Eterno qualquer dia lhe moſtrava
A eſperança do bem de tal paſtora,
Que pelo ver taõ grande ſuſpirava,
Dizendo: Mais ſervira, ſe naõ fora:
Merecimentos novos deſejava,
Deſeja-ſe immortal pelo que chora;
Julgando ſer na gloria promettida
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

*Por Bacelar.*

## AO MESMO ASSUMPTO.

## SONETO.

PErtendendo Rachel, ſerrana bella,
Sette annos de paſtor Jacob ſervia;
Porèm como a Rachel ſó pertendia,
Naõ ſervia a Labaõ, ſervia a ella.
Conſolava a eſperança ſó com vella,
Indo paſſando hum dia, e outro dia;
Dava-lhe alento o muito que queria,
E pagava-ſe ſó com merecella:
Porèm quando por meyos taõ tyrannos
De Rachel ſe lhe nega a formoſura
Agradece a Labaõ eſtes enganos, (ra,
Cifrando em mais ſervir mayor ventu-
Dizendo: Servirey, porque os meus annos
Com ſervilla haõ de ſer de eterna dura.

*De Bacelar.*

Can-

*antava huma Dama, e Fabio ſem a ver ſe enamorou ſó por ouvî-la.*

## ASSUMPTO ACADEMICO.

Uido que ſaó tres Semanas,
Pois tres Academias ha,
Que quaſi eſte meſmo aſſumpto
Nos deraó para fallar.
huma Dama, que cantava
Em hum boſque, ou hum pomar;
E agora canta em Palacio,
Adonde eſcondida eſtá.
uſica, e Dama? Gran couſa!
Naó deve de cantar mal,
Que ſe naó, diſſera eu della
Cantar mal, e porfiar.
om tudo, o que mais me admira,
Confórme os catarros ha,
Que ha tantos dias que cante,
E que indá poſſa piar.
uem addivinhára entaó,
Que ſe puzera a guardar

Me-

Meya duzia de conceitos
No livro do cabedal,
Por ter que dizer agora,
Tanto aqui, como acolá,
Da Muſica as excellencias
Muito para celebrar.
Traz porèm de novidade
Eſte aſſumpto original,
Que era Dama nunca viſta,
E inda por repreſentar.
Que bella para Comedia!
Se a farça andára por cá,
A's punhadas, e a perdoens
A houveramos de comprar.
He circunſtancia mutante,
Que graça ao negocio dá,
Pois de ouvî-la Fabio hum dia
Logo a quiz enamorar.
Logo quiz? Naõ digo bem,
Que taõ rematado eſtá,
Que no toque da violla
Toca o coraçaõ á amar.
He de ſaber ſe eſta Dama,
Fabio, ſabe temperar,
E com preſteza, ſe naõ,
Muy bem aviado eſtás.
Em fim, a huma voz adoras?

Quizera-te perguntar
Qual era o tom deſta voz
Pela mercê que te faz?
Voz, he palavra commũa;
Se a voz do povo ſerá?
Porèm eſſa voz naõ canta,
He voz ſó para chorar.
Que a voz, que ſuppõem ſogeito,
Já ſey me reſponderás,
E que o ſogeito era Dama
Digniſſima de adorar.
E ſe a voz foſſe o falſete
Do meu vizinho Moraes,
Taõ fino, e taõ ſoberano,
Que he já Muſico Real?
Dize, havias de querer-lhe?
Dizes que naõ. Claro eſtá;
Pelo menos no ſentido,
Que queres conſiderar.
Se eſſa Dama foſſe torta,
Fêa, brava, e de máo ar,
E cantando como hum Anjo
Te ſahirá hum Satanaz?
Querer-lhe-hias muito? Naõ,
Nem zombando, me dirás.
Pois logo porque te apreſſas,
Se em preſſas te has de ficar?

Se depois de enamorado,
Muy fino, e muy cordial
Foras buſcar a Maria,
E te acháras com Guiomar,
Huma mulata da dança
Com beiços de alguidar,
E huma caçoula perpetua,
E trezentas couſas más?
Havias de amá-la? Naõ;
Porque amor, ſendo rapaz,
Com penſoens taõ rigoroſas
Mal ſe póde conſervar.
Pergunto: Se eſſa Madama,
Depois de taõ bem cantar,
Tendo huma voz de Jacob,
Tiveſſe humas mãos de gral;
Seria digno ſogeito,
Para nelle te empregar?
Naõ por certo, em nenhum caſo,
De preſſa reſponderás.
Saya a publico eſta Dama,
Vejamos que cara traz,
E ſe for para querida
Metterá ſeu Memorial.
A viſta ao entendimento
Huma conſulta fará,
E deſpachando-a a vontade,

Com mil razoens amarás.
Em namorar-te de ouvida
Naõ digo que fazes mal;
Porèm ſe os olhos ſe enganaõ,
Sómente o ouvir que fará!
Aqui huma queſtaõzinha
Se pudera levantar;
Como naõ for teſtimunho,
Nenhum aggravo fará.
De todos cinco ſentidos
Qual he o mais nobre? E qual
Com mais poderoſo affecto
Póde a vontade obrigar?
Todos reſpondem que os olhos
Saõ a parte principal,
Por onde nas almas entra
Amor, ſem dizer lá vay.
Os outros quatro, que ſaõ
Ouvir, cheirar, apalpar;
Goſtar, como menos nobres,
Saõ poſtiguinhos naõ mais.
Bem que todos a vontade
Pódem ſeu pouco brindar,
Sempre quando o mais he muito,
Nunca algum a ſatisfaz.
Deſórte que outro ſentido,
Que o ver naõ ſeja, ſerá.

Motivo para o deleite,
Mas naõ para amor cabal.
Será huma confuſaõ
Ver a vontade, que já,
Sendo potencia, aos ſentidos
Lhes dá licença de amar.
Em concluſaõ, Fabio amigo,
Agora naõ me dirás:
A quem amas, neſte caſo,
A' Dama, ou ao ſeu cantar?
Se ao cantar, te digo que
De ti naõ ſeguro eſtá
O Rouxinol no arvoredo,
Nem a Serea no mar.
E ſe amas á Dama, he certo,
Que bom partido terá
Contigo toda a mulher
Em teu amor ſingular.
Pois a razaõ de que o ſeja
Baſta para te obrigar,
Sem ſaberes com que cara
Mais cara te ſahirá.
Neſta duvida, ou certeza,
Te quero hum caſo contar,
Bem que ha muito ſuccedido
A Orfeo, hum certo Galan.
Dizem que era cazado,

E que o Cura do Lugar
Os recebera n'um dia
Elle, e a mulher; quem faz tal!
Viveraõ, naõ sey que tempo,
Em viva guerra, inda mal,
Até que a morte c'o a noiva
Metteo o negocio em paz.
Euridice foy ao Inferno
De tal vida descançar;
Que a vida dos mal cazados
He peyor que a infernal.
Era Orfeo Musico grande,
Foy-se cantando até lá,
Levando os montes traz si,
Arvoredo, e tudo mais.
Dizem que tambem as pedras
O seguiaõ sem cessar;
E o mesmo lhe succedera
Se acaso cantara mal.
Cessou, pois, no Reyno escuro
Todo o tormento, e pezar;
E Plutaõ, ja de enfadado,
A sua mulher lhe dá;
Com condiçaõ infallivel,
Que naõ olhe para traz,
Para que naõ se arrependa
De ver que torna a cazar.

Elle, vendo-ſe enganado,
De induſtrioſo, ou de ſagaz,
Torna a olhar para a mulher,
E lha tornou a encampar.
Neſte ſucceſſo, ou prodigio,
A diſtinçaõ acharás:
Que o canto move o inferno,
E as mulheres ficaõ lá.
Quero que o canto enamore,
No que for para agradar;
Porèm querer bem de amor
Reſpeita ao ſogeito mais.
Bem eſtá que a belleza agrade,
Privilegio Celeſtial;
Porèm, ſem ver, querer bem,
Fora querer avoar.
Adorar a hum accidente,
Que póde o ſogeito errar,
Accidente he ſem ſogeito,
Que ſem milagre naõ ha.
Mas eu, que fiz atégora,
Vay por meya hora a gritar,
Contradizendo no aſſumpto
O que por certo nos dà?
Se Fabio ſe enamorou
De ouvir a Nize cantar;
Sem a ter viſto, façamos
A iſſo hum Soneto. Và.

SO-

# SONETO.

ROmpe el ayre la voz de oculta Dama,
En paſſos de armonia, y de dulçura,
Y el ayre roto por mil partes jura
Que es digno el canto de una eterna fama.

Tan dulce es el veneno, que derrama,
En todo lo que alcança, ſu blandura,
Que lo inſenſible a oirla ſe apreſura,
Y lo ſenſible por la oir ſe inflamma.

Oyola Fabio, y en penſamiento altivo
Adorar la preſume amante luego,
Siendo el no verla eſpuelas al motivo:

Quierela con mayor deza ſociego,
Y por ſer del amor retrato vivo,
Sin verla adora, porque amor es ciego.

*De hum Academico.*

RO-

# ROMANCE.

Que avarienta de favores,
Que liberal de tormentos
Es tu piedad con mis ánsias;
Es tu rigor con mi pecho!
Que obediente a mi deſtino
Te admira mi penſamiento;
Pues tu piedades limitas
Por obſervar ſus decretos!
La mitad de un papel mio
Dexas ſin reſpueſta, ay Cielos!
No porque el tiempo te falte,
Mas porque yo falte al tiempo.
Caudal immenſo reprimes,
Porque con rigor immenſo;
Por huir a la memoria,
Huyes al entendimiento.
Ay! mira, encanto del alma,
Que tambien en muchos verſos
Se otorgan pocos favores,
Se cifran muchos deſprecios.
Mira que es accion injuſta,
Que entre raudales diverſos,
Por ſoltar los de mis ojos
Reprimas los de tu ingenio.

Pero bien ſè, dueño mio,
Que has evitado con eſto,
Si motivos de alegrias,
Deſperdicios de conceptos.
Yo confieſſo que es muy juſto;
Porque theſoros immenſos,
Solo merece alcançarlos,
Quien alcança merecerlos.
Mas ſupueſto que conoſco,
Que deſengaños adquiero
Quando exagero verdades,
Quando explico rendimientos:
Otra vez buelvo a canſarte,
Mas tan temeroſa buelvo,
Que abraſando-me de amores,
Tiemblo, ſeñor, de recelos.
Quien viò tan nueba desdicha,
Quien viò prodigio màs nuebo,
Que tema ſempre caſtigos,
Quien ſiempre merece premios!
Pero que mucho que tema,
Quien ſabe en fin tan de cierto,
Que nunca de una ignorante
Puede guſtar un diſcreto.
Mas, ſeñor, ſi amor es alma,
Y el alma es entendimiento,
Yo que ſoy la mas amante,

La mas diſcreta a ſer vengo.
Y aunque razon tan notoria
No me acreditàra en eſto,
Para abonarme baſtava
De mi cuidado el empleo.
Amo tus partes divinas,
Y eſto con tal exceſſo,
Que eſtimo màs tus agravios,
Que los favores agenos.
Tu ſabes quanto te adoro,
Pues ſabes lo que me has hecho,
Que amor, que offenſas no acaban,
Ya no es amor, es portento.
Dirás que muchas te quieren,
Bien ſê que dirás lo cierto,
Que para immenſas vitorias
Son tus poderes immenſos.
Mas yo ſê, dueño querido,
Que dirás en todo tiempo,
Que ninguna, ſino Silvia,
Supo adorarte ſin premio.

*Mandou Filis a Aonia por offerta de Reys hum coraçaõ de cryſtal com guarniçaõ de ouro em occaſiaõ de queixas, e ciumes.*

## Em reſpoſta da meſma Aonia.

## ROMANCE.

COmo eſtais do coraçaõ,
Meu coraçaõ, me dizey;
Que com o voſſo me tenho
Por certo achado muy bem.
Mas ſe eſte coraçaõ voſſo
He coraçaõ, que ſe vê,
He o melhor, que ha no mundo;
O mais fino, o mais fiel.
Oh ſe todos aſſim foraõ,
O que haveria que ver!
Que de couſas ſe ſouberaõ,

E que

E que de faltas de fé !
Deſenganos ſe veriaõ ,
Naõ ſe enganára ninguem ,
Nem coraçaõ enganoſo
Entaõ havia de haver.
Verificar-ſe-ha o dito
Daquella ſentença , que he :
Nenhum coraçaõ ſe engana,
Com mais razaõ o direy.
Bem affortunada eu ,
Que poſſuo o melhor bem ,
E do voſſo coraçaõ
Sou theſoureira fiel :
Vede , com tanta ventura ,
Que riqueza naõ terey ,
Poſſuindo hum coraçaõ ,
Onde naõ ha mais que ver !
Digo que haverá no mundo ,
Por bõa fortuna , quem
Tenha hum coraçaõ muy fino ,
Mas como eſte meu naõ ſey.
Se tendes tal coraçaõ ,
Naõ tenho mais que querer :
Dentro no meu , por minha alma ,
Eſte coraçaõ porey.
Já tenho tudo o que quero ,
Faz-me , Amor , eſta mercê :

Te-

Tenho o coraçaõ na maõ,
Sem enganos vivirey.
Muito devo á minha ſórte
Neſta entrega, que me fez,
Que eſtando atéqui queixoſa,
Agradecida me tem.
Tenho vencido a demanda,
Em que tanto tempo andey:
Ganhey-vos o coraçaõ,
Já he meu, em que vos pez.
Foy premio do meu amor,
Premiar-me quiz como Rey,
E em dia de Reys me dá,
O que me fez merecer.
Já naõ temo de Narciza
O nome, nem nada; que,
Como eſtais ſem coraçaõ,
Ninguem vos ha de querer.

# ROMANCE.

COraçon, pues os maltratan,
Bolved, bolved a ſer mio,
Que dueño, que os niega premios,
Quien duda que os dá caſtigos.
Herido eſtais de ſu mano,
Mas ſi bien eſtais herido,
Mal os aplica remedios
Quien os aumenta peligros.
Amar ſin correſpondencia
Mirad que paſſa a delirio,
Porque ſi bien es fineza,
No puede nunca ſer brio.
No deis credito a venturas
Libradas ſolo en indicios,
Que tambien finge piedades
Quien executa delictos.
Yo confieſſo que preſumo
Talvez affectos benignos:
Mas ay, que todos mis bienes
No paſſan de preſumidos!
Confuſa vivò entre dudas,
Mas, coraçon, mal he dicho;
Que ſolo confuſa muero,
Pues ſolo confuſa vivo.
Nuevos rigores inventa

La cauſa de mis ſuſpiros;
Pues talvez miente fabores
Para duplicar hechizos.
Ay que diverſos effectos
En ſus acciones diviſo,
Pues unas me dan peſares,
Otras me cauſan alivios!
A quien havrá que no aſſombre
Tan confuſo labyrintho,
Pues quando preſumo glorias,
Entonces hallo martyrios!
Huid pues coraçon luego,
Huid de eſcuros abiſmos,
Que para morir de dudas,
Mas quiero morir de olvidos.
Huid de quien os maltrata,
Que ſiempre cauſan al tibio
Executiones de ingrato,
Preſunciones de querido.
Huid de dueño tirano,
Dexad amantes delirios,
Que nunca las tiranias
Fueron de amor incentivos.
Pero ſi temeis acaſo
Las violencias del deſtino,
Advertid que nunca eſtrellas
Pudieron mas que alvedrios.
Reſiſtid inclinaciones

Evi-

Evitareis precipicios,
Que donde un ciego es el norte,
Qual podrá ser el camino!
Mas, coraçon, si es forçoso,
Que ameis con tantos peligros,
Y quereis ser maltratado
Antes que ser fugitivo:
Ocultad los rendimientos
De vueſtro amor tan preciſo,
Porque naciendo venturas
No mueran nunca ludibrios.
Ay coraçon rendido,
Sufrid, amad, quered, vivid cautivo,
Que adonde reina amor, no manda el brio.

*Por hum Anonymo.*

LX.

Onde com glorias taõ felices viva,
Que a seus pés se sujeite a furia brava
Da inconstante fortuna, por captiva,
Da intratavel inveja, por escrava:
E Cupido adorando a galla altiva
De tantas perfeições, lhe renda a aljava;
Porque a seu brio humilde se submetta
Sem força o arco, sem virtude a setta.

LXI.

Eu, que fuy atégora acompanhando
A Principes taõ altos, discorrendo,
Seus vestigios illustres observando,
Para os ir nesta copia descrevendo:
Taõ relevante assumpto ja deixando,
Vou os rasgos á penna suspendendo,
Porque mais dilatar-me naõ convinha
Deixo a Lisboa, e volto á Patria minha.

LXII.

Nesta terra com Regios pensamentos
Mandava o Rey fazer todos os dias
A pessoas honradas, e Conventos
Grandes esmólas, muitas obras pias:
Deixou para os Sagrados Ornamentos
Do Senhor do Bom Fim, que as regalias
Da Capella preservem sem desdouro,
Muy grande somma de moedas de ouro.

LXIII.

Gualter de Andrade Rua era o ſecreto
Eſmoler, que eſtas obras miniſtrava,
A quem com Regio eſpecial Decreto
Taõ ſoberana commiſſaõ ſe dava:
Por arbitrio de ſeu fervor diſcreto,
Subſidio taõ commum ſe diſpenſava,
A todos dando por diverſos modos,
Porque conhece neſta terra a todos.

LXIV.

Aſſim ſe julga ſempre agradecida
A taõ zeloſo amor, porque deſeja
Que nos augmentos, ſendo a mais luzida,
Sirva ás mais terras de luſtroſa inveja:
De ſeu Porto a importancia conhecida
Propôs ao grande Rey, para que ſeja
Motivo para vir a viſitá-lo,
Naõ ſómente por vê-lo, mas honrá-lo.

LXV.

Elle foy Director deſta jornada,
Que quiz fazer a Excelſa Mageſtade,
Porque ſe viſſe a induſtria bem traçada
Com que o Rio tem mais capacidade:
Pois do deslaſtre a fórma exercitada
Lhe reſulta de tanta utilidade,
Que ſe livra de ſer para desditas
Hum monſtro de cabeças infinitas.

LXVI. Diſ-

LXVI.

Diſpondo as novas Leys do Regimẽto,
Com que o Direito do ſeu Sal ſe cobra,
Deo á Regia Fazenda mais augmento
Na ſua direcçaõ, notavel obra:
Correndo os annos, cõ mais juſto intento
Se verá que o Commercio mais ſe dobra,
Devendo-ſe taõ proſpero recurſo
A ſeu bom zelo, e ſingular diſcurto.

LXVII.

Deſta Praça a grandeza mais honroſa
Sempre procura com fiel deſignio,
Que ſe póde chamar muy venturoſa,
Sómente por lograr ſeu patrocinio:
Taõ nobre diligencia generoſa
De ſeu futuro augmento he vaticinio,
Devendo-ſe acclamar no amor piedoſo
Por Pay da Patria, e Protector zeloſo.

LXVIII.

Eſta he a copia, emfim, (ſe naõ me enga-
Da nunca viſta pompa ſublimada, no)
Com que o Luſo Monarcha Soberano
Fez em Setuval generoſa entrada:
Que impére Auguſto, que domine Ufano
Com propicio louvor, ſórte elevada,
Com plauſiveis troféos, perpetuas ditas,
Pompas immenſas, glorias infinitas.

LXIX.

Affim permitta o Ceo, para que o veja
Portugal com taõ proſpera fortuna
Ser Luz da Europa, Protecçaõ da Igreja,
De Africa Terror, da Fé Columna:
E gozando das ditas, que deſeja,
Com fórte a ſeus deſignios opportuna,
Exalte o ſeu louvor, que a Fama abona,
De Pólo a Pólo, e de Zona a Zona.

LXX.

Seu nome acclame fempre victorioſo
Todo o Paîz, que o Sol tem manifeſto,
Desde que naſce em thalamo formoſo,
Até que morre em tumulo funeſto:
E das armas, que logra venturoſo
Com tanta inveja do inimigo infeſto,
Veja o Sacro pendaõ ſer collocado
Sobre as ruinas do Agareno ouzado.

LXXI.

Da Aſia offerta, que o ſeu nome zela
Benigno o Sol, e liberal a Aurora,
Na mina ſingular, na concha bella,
Rubîs, que cria, e perolas, que chora:
Para que logre com ditoſa eſtrella
Dos Luſos a bandeira vencedora
Muy propicios troféos a ſeu deſejo,
Por ſer o Indo tributario ao Tejo.

LXXII. No

LXXII.

No nome de Joaõ bem ſe acredita
Eſta fortuna Regiamente grata,
Que ha de ſer para nós de grande dita,
Pois parece do Ceo propicia data:
De Joaõ o Primeiro heroico imita
O valor, que invencivel ſe relata,
Debellados ficando com desdouros
Na Campanha Heſpanhoes, em Ceuta os

LXXIII. (Mouros.

De Joaõ o Segundo, que ſe acclama
Oraculo diſcreto da prudencia,
Com providentes documentos ama
As mais cultas idéas da advertencia:
De Joaõ o Terceiro, que na Fama
Exemplo fora da melhor Regencia,
Segue, para os arbitrios mais perfeitos,
Os ſabios dogmas, inclytos preceitos.

LXXIV.

E do Quarto Joaõ, ſeu generoſo
Memoravel Avô, taõ decantado,
Com prompto eſtudo obſerve cuidadoſo
Os altos pontos das razoens de Eſtado:
Porque em ſeu grave ſeculo ditoſo,
Em politico acerto adminiſtrado,
Reſuſcite com mais proſperidade
De Auguſto o tempo, ou de ouro a idade.

LXXV. No

LXXV.

No jardim de ſeus annos, ſem mudáça,
Se habilite a colher em paz ſegura
Das flores apraziveis da eſperança
Os fructos mais ſuaves da ventura :
Mais que Tito, com firme confiança
Da Patria chegue a ſer delicia pura,
Melhor que Ceſar com progreſſo inſigne
Na terra impére, ſobre o mar domine.

LXXVI.

Para Rey taõ ſublime, reverentes
Só formem por idéas relevantes
Os Lyſipos eſtatuaes excellentes,
Os Apelles retratos elegantes :
Para que ſempre fique em preeminentes
Dourados caracteres ſcintillantes
Eſcrito em prata, eternizado em bronze
Nas partes quatro, nas eſféras onze.

# EGLOGA

NA MORTE DO SENHOR

# D. MIGUEL,

FILHO DELREY

# D. PEDRO II.

*Que em 23 de Janeiro de 1724 naufragou no Tejo.*

*ESCRITA*

PELO CONDE DA ERICEIRA

D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES.

INTERLOCUTORES:

*Anfriso*, *Caçador.* *Fileno*, *Pescador.*
*Lise*, *Pastora.*

*Anfriso.*

QUe fazes neſtes boſques, meu Fileno?
Se do mar já deſprezas o exercicio,
Trocaſte o tormentoſo pelo ameno.
Deyxas da peſca o perigoſo officio?
Se antes as aves, do que os peixes ſegues,

Hoje

Hoje o Fado cruel me foy propicio.
Pois na minha amizade he bem q̃ em-
pregues
Quanto a ſua fineza te aſſegura:
Se eſta inferencia he certa, naõ ma negues.
Suſpiras? Choras? Que occaſiaõ taõ
dura
Aſſim perturba hum animo conſtante,
Me move hum ſuſto, e hũ pezar te apura?

*Fileno.*

Anfriſo, ſe o naõ diz o meu ſemblante,
Naõ ſaberás meu mal, porque naõ fio
Que a debil voz taõ forte pena cante.
Da minha magoa agora deſconfio,
Porque naõ he taõ grande o ſeu exceſſo,
Que explique a dor, q̃ ás lagrimas confio.

*Anfriſo.*

Antes q̃ faça em mim mayor progreſſo
O temor, que a certeza, dize, amigo,
Se o meu peito addivinha eſte ſucceſſo?
Preſago o coraçaõ falla commigo,
E me diz, quando tu timido calas,
Que teve Melibeo algum perigo.
Naõ me reſpondes, e do peito exhalas
Triſtes ſuſpiros, com que vejo os ares
Chorar nos éccos quanto tu me callas!
Oh como ſe anticipaõ os pezares!

Se

Se he certo o que imagino, agora vejo
Que buscas nos meus olhos outros mares.

*Fileno.*

Em parte faz a pena o que desejo,
Pois deyxa conhecer-te quanto sente
A Tragedia mayor, que chora o Tejo.
Do triste naõ esperes o eloquente,
E se o suppoens, a duvida, ay Anfriso,
O pezar na certeza naõ te augmente.

*Anfriso.*

Se discorreste livre o teu juizo,
Soubera que a verdade de hum affecto
Mais teme o mal confuso, que o preciso.
He desesperaçaõ o teu projecto,
Commigo tanta dor fiel reparte,
Naõ vejas só taõ lastimoso objecto.
De Melibeo me toca tanta parte,
Que aos dous huma amizade pura, e fina
Póde sincera a ambos igualar-te.

*Fileno.*

Naõ me esquece q̃ hum symbolo ima-(gina
Aos tres nos seus altares a amizade,
No Triangulo igual, que nos destina.
Apagou-se huma linha, com crueldade
Desfez a Parca huma uniaõ taõ forte,
Que até vencia a mesma eternidade.
De hum golpe atroz o inexoravel córte

Fez

Fez ſepultar no mar, e no Occidente
Hum Sol, q̃ ha de dar luz á meſma morte.
*Anfriſo.* (ſente
Oh, naõ me digas mais! Pois naõ con-
O coraçaõ no horror deſte contagio
Novo veneno, que no ouvido ſente.
*Fileno.*
Se já to prevenia o ſeu preſagio,
Attende agora quanto ouvir querias,
Padeçamos no pranto outro naufragio.
A naõ ſer ſepultado em ondas frias,
O' Melibeo, ás tuas cinzas puras
Duas Pyras ardentes já terias.
Neſtes dous coraçoens ardes, e duras,
E eternamente em qualidade, e fórma
Pyramides, e Pyras te aſſeguras.
*Anfriſo.*
Se em ambos huma pena ſe confórma,
E hoje mais ſó do monte a ſoledade
Em a noſſa ſaudade ſe transfórma,
Conta-me eſta Tragedia com verdade,
E unidos, o Epicedio cantaremos,
Mas que depois morramos da ſaudade.
*Fileno* (mos,
Para q̃ augmente a dor os ſeus extre-
Tyrannizando as vozes a memoria,
Quãto ellas doces cantaõ, nós choremos.
Vi-

Vivia, Melibeo, com tanta gloria,
Que até na noſſa Patria ſuperava
A inveja em benemerita victoria.
Regio ſangue ao eſpirito animava,
Nobremente a modeſtia o abatia,
Altamente a grandeza o elevava.
Eſta contrariedade, que vencia,
Vinculando o carinho, e o reſpeito,
Voluntarios obſequios lhe adquiria.
Por mais que a inveja com maligno ef-
Cegaſſe das virtudes ao luzido, (feito
O odio da razaõ ficou ſujeito.
E deyxou o impoſſivel conſeguido
De que huma vez neſte Paiz ſe viſſe
Ser invejado, e naõ aborrecido.
Se a ſua gentileza te exprimiſſe,
Ou te julgára eſquecimento indigno,
Ou quizera teu peito mais ſentiſſe.
Era teu digno irmaõ, aſſim defino
O valente, o diſcreto, o generoſo,
E quantos bens dá prodigo o deſtino.
Da illuſtre, e bella Liſe amado eſpoſo,
Lograva amante em vinculo adorado,
Sórte, que fez a Jupiter cioſo.
Liſe, que de opulento, e rico Eſtado
O fez Senhor, e de tres bellos fructos
Entre flores o amor vio coroado.

Her-

Herdeyros de preclaros attributos,
A quẽ tinha elevado o Graõ Monarcha,
A ſer de antigas glorias ſubſtitutos.
Naõ ſe atrevia a temeroſa Parca
A Heróe tanto, ſe elle lhe naõ dera
Fatal motivo na infelice barca.
Com Alecto, Theſyfone, e Megéra
Se introduz nella o funebre Caronte,
E ſó alli mortal o conſidera.
O Tejo transformado em Flegetonte,
Em tumulo de prata, em urna de ouro
A laſtima renova de Faetonte.
Occulta avaro o mais feliz theſouro,
Que guardou no ſeu Templo cryſtallino,
A quem venera o Vouga, adora o Douro.
Da caça ancioſo Adonis peregrino,
Com ſettas mais activas, q̃ as de Apollo,
Suavizava dos Cyſnes o deſtino.
Das nuvens negras ſe cubria o Pólo,
De eſcumas brãcas ſe encreſpava a agoa,
De horriveis furias ſe valia Eólo.
Rayos forjava de Vulcano a fragoa;
Tantas Deidades, tantos Elementos
Querem ſer triſtes cauſas de hũa magoa!
Os que ſó devem ſer os inſtrumentos
Da alta felicidade dos humanos,
Os artifices ſaõ dos ſeus tormentos?

Ado-

Adoremos decretos Soberanos,
Porque a fé, e a razaõ vê que saõ justos,
E os negaõ só sacrilegos profanos.
No animo heroyco nunca entráraõ sus-
O valor muitas vezes da cautéla (tos,
Naõ attende aos avisos nunca injustos.
Por ver em Lise a sua amada estrella,
Despreza as que ou escuras, ou contrarias
Huma luz lhe escondiaõ menos bella.
De Leandro as finezas temerarias
Na erudita memoria hoje esquecidas
O expõem cõ peito firme ás ondas varias.
Do amor, e da fortuna achou unidas
As sempre lamentaveis inconstancias,
Contra quem mais merece, prevenidas.
Incauto Palinuro, as ignorancias,
Perdido o leme, padeceo primeiro,
Pequeno emprego a tantas arrogancias.
Piedoso Melibeo, corre ligeiro
A soccorrê-lo, imita-o na clemencia,
E em tudo igual o illustre companheiro.
Iphis, que do perigo na violencia,
Naõ na fortuna, fino o acompanha,
E só venceo dos Fados a inclemencia.
De infernal furacaõ a furia estranha,
Tanta heroyca piedade abominando,
Desce do Imperio azul á azul campanha.

De Zefyro fugio o impulſo brando,
E aos implacaveis impetos do Noto
Ceo, terra, e mar ficáraõ vacillando.
O Bergantim ſem leme, e ſem Piloto,
Contra quem ſobejavaõ menos iras,
Sepultado ſe vio, perdido, e roto.
Anfriſo, tu deſmayas, tu ſuſpiras?
Tu, que antes me animavas, já cobarde
No fim da Tragedia te retiras?

*Anfriſo.*

Permitte-me, ó Fileno, me acobarde,
Que he nobre eſte temor, e ſe he poſſivel,
Faze que tanto mal hum pouco tarde.

*Fileno.*

Anfriſo, como o mal he infallivel,
E o teu preceito unido com teu rogo
Deyxa o ſilencio inutil, e impoſſivel;
Seja aſpero remedio o deſafogo:
Quando a prizaõ ſulfurea o Ethna rópe,
Ninguem ſuſpende o rápido do fogo.
E pois que a tua voz naõ me interrópe,
Acabarey o laſtimoſo caſo, (pe.
Por quẽ meu peito em lagrimas prorom-
Antes que foſſe o mar eterno Occaſo
De Melibeo, que reſiſtindo á ſórte
Naõ prevenio eſte fatal acaſo:
O pinho arroja, que o opprime forte
E do

E dominando a quem o dominava,
Em triunfante carro vence a morte.
Invejoso Neptuno, porque achava
Quem naõ cedia ao seu feróz imperio,
Convocou de Protheo a furia brava.
Do centro do maritimo Hemisferio
Feridas do Tridente vem as Fócas
Da vida mais illustre em vituperio.
Naõ reservaraõ as occultas rocas
Monstros, q̃ pelo abysmo se introduzem,
Que naõ abrissem as horrendas boccas.
Os rayos de Diana inda naõ luzem,
E Melibeo, que intrépido vencia,
Já naõ acha as estrellas, que o conduzem.
Fiel Iphis primeiro o soccorria,
E ouve que humilde ao Ceo invoca pio,
Teme devoto, forte naõ temia.
Expõem-se por livrá-lo, e no desvio
Que fez dos dous irmãos a mayor onda,
Sepulta a Melibeo o Patrio rio.
Se Pollux vive, Castor naõ se esconda
Se naõ para viver, e repartida
Huma immortalidade os corresponda.
Thetis, de tanto mal compadecida,
As Nereidas, e as Tagides ao pranto
De Melibeo com lastima convida.
Ceruleo coro com funesto canto

Aug-

Augmenta com as lagrimas as agoas,
Foge das Focas o horroroſo eſpanto.
Entre a neve o Amor accende as fragoas,
Ardem nas ondas os amantes rayos,
Naſcem das mortas cinzas vivas magoas.
Cantaõ as Nymfas tragicos enſayos,
E ſuavizando as triſtes conſonancias,
Animaõ os obſequios nos deſmayos.
De Suprema Deidade as finas ancias.
Já nas margens auriferas feriaõ,
Interrompendo as doces diſſonancias.
Da bella Franceliza conheciaõ
A ſuaviſſima queixa, o doce accento,
Que as maritimas grutas repetiaõ.
Thetis, tocando o funebre inſtrumẽto,
Que a Melpomene rouba na Hypocrene,
Equivocava o canto, e o lamento.
Conſagra a Melibeo rito ſolemne,
E em Semideos do Tejo o immortaliza;
Mas que Aquiles o inveje, e a condẽne.
Pois vê que hoje o adopta, e eterniza,
E o deyxa inteiramente invulneravel,
Que aquelle exemplo a prevenção lhe aviza.
Regenerado o Semideos amavel,
Melhor defende o Tejo, que Portuno,

Do irmaõ o Imperio fica inexpugnavel.
Jove, que manda o Reyno de Neptuno,
Em alto ſolio quaſi a ſi o iguala,
E o deſtino cruel faz opportuno.
O ambar mais puro já do amor exhala
Fumos fragrantes, que no ſacrificio
Ardente culto ao Numen aſſignála.
Hum templo de cryſtal deo exercicio
De Glauco em breve tempo á rara idéa,
Só para ter a Melibeo propicio.
De coral o enriquece Galatéa,
E de nacar Doris o ſeu tecto eſmalta,
As paredes de perolas Deyopea.
Eſtatua viva a Melibeo ſe exalta,
Fica divinizada a gentileza,
E nem da morte entre os horrores falta.
As laminas de aljofar tanta empreza
Em bem gravados ſymbolos publicaõ,
E nem occulta o mar a alta grandeza.
A' Fé, e á Religiaõ a hum tempo applicaõ
As myſticas figuras, que retrataõ
Luzes, que em Melibeo ſe multiplicaõ.
Ao valor Jeroglyphicos dilataõ
Em mais ſólida fórma, e mais robuſta,
Com que á Parca, e ao tempo desbaratáõ.

Tem a Docilidade copia juſta ;
Sinzel exacto repreſenta o Regio
Do Sangue excelſo na proſapia Auguſta.
Moſtra a verdade o ſeu ſemblante egregio ,
Sempre adorado , e pouco conhecido ,
Porque fugio do mundo ao ſacrilegio.
A Generoſidade , o mais luzido
Emblema achou, e em ouro bem gravado
Eſtava , ainda que prezo , diffundido.
Vê-ſe a Conſtancia em throno ſublimado ;
Com roſto igual debuxa-ſe a Prudencia ;
Com ſuave attracçaõ eſtá o Agrado.
Aguda a Diſcriçaõ , clara a Sciencia ,
Florida a Erudiçaõ , e laborioſa ,
E , unida com as tres , doce Eloquencia.
A Agilidade prompta , e vigoroſa ,
E em ara triangular tem a amizade
Culto , que o mundo razas vezes goſa.
Hercules a ſuſtenta , e perſuade ,
Theſeo a conreſponde , e fino obſerva ,
Perithôo a merece na igualdade.
Tudo em ſonhos me diſſe hoje Minerva,
E me inſpirou Melpomene , enſinando
Quanto aos altos eſpiritos reſerva.
Os meus barcos já deyxo naufragando,

As

As redes rompo, o porto, que buscava,
Aborreço por placido, e por brando.
De Erice a altiva rocha eu dominava,
A quem deo nome Venus Ericina,
Que com candidos Cysnes a illustrava.
O caracol torcido, a concha fina,
De que a Lyra formou o Deos ligeiro,
A Musa funeral hoje abomina.
O mar foy deste mal motor primeiro,
Naõ quero vê-lo mais, suas mudanças
Tolere o ambicioso aventureiro.
No bosque as floreſcentes esperanças
De Melibeo o nome reproduzaõ
Em verdes folhas tragicas lembranças.
Do Tejo as agoas justamente accuzaõ,
Pois ainda Melibeas as naõ chama,
Porque a taõ grande nome se reduzaõ.
O mar Icario perpetûa a fama
De hum vôo transformado em precipicio,
A que a cega vaidade Febo inflamma.
Foy de Helle menos nobre o sacrificio,
E em eterna memoria o Hellesponto
Leo da sua piedade claro indicio.
Naõ foy igual ao caso, que te conto,
O que immortalizou com doce pena
As tristes ondas barbaras do Ponto.

*Anfriſo.*

Ceſſa, Fileno, ceſſa, pois condena
O meu affecto em lagrimas afflictas
Quanto a ti ſó Melpomene te ordena.
Dotes heroicos, glorias infinitas
Tambem quero cantar, para que logo
As ſciencias, e as artes tu repitas.

*Fileno.*

Seja o louvá-lo eterno deſaffogo.

*Anfriſo.*

Galhardo Melibeo, quando te via
Na caça neſtes verdes orizontes,
Teu acerto, e teu braço parecia
Nobre eſtrago dos ares, e dos montes:
Velóz, e aſſuta a ave, que corria,
Faz que tu mais ſublime te remontes,
Sem que poſſa livrá-la a azul esféra,
Nem verde aſylo á mais horrivel féra.

*Fileno.*

O engenho mais ſublime, e mais agudo
Se elevava, e feria mais activo,
E no amor da ſciencia alcançou tudo,
A que naõ chega o ſabio mais altivo:
Naõ baſta aos argumentos forte eſcudo,
Myſterio occulto, ou inferior motivo
Naõ teve a natureza reſervado
Ao douto Filoſofico cuidado.

*Anfriso.*

Se o visses dominar destro, e robusto,
De hum cavallo os impulsos vigorosos,
E quando mais ardente, e mais adusto
Render-lhe os féros impetos fogosos:
Mandar sem ira, executar sem susto
Da arte equestre os preceitos generosos;
Entenderás que o mar o acha opportuno
Para reger o carro de Neptuno.

*Fileno.*

Quanto nas Mathematicas ensina
Clara a verdade com principios certos,
Dos numeros na celebre doutrina,
Das linhas nos mysterios encobertos:
Lusitano Archimedes examina,
E deyxa os seus segredos descobertos;
Mas sendo eterno o circulo, que apuras,
Naõ te haõ de comprehender tantas figu-

*Anfriso.* (ras.

Scientifico fazia o exercicio
Da negra espada nos ensayos claros,
Robusto esgrime, mas naõ quer propicio
Que sirvaõ ás offensas os reparos:
Pois quando fora debil sacrificio
Todo o valor, a golpes taõ preclaros,
Os impulsos activos da violencia,
Moderava nas iras a prudencia.

*Fileno.*

Tanto ſabia do Latino idioma,
Que adoptariaõ ſuas doutas frazes
No mais polîdo ſeculo de Roma
Horacios puros, Tullios efficazes:
E quanto Italia, Heſpanha, e França toma
Da origem Lacia as linguas ſó capazes,
Deve á ſua eloquencia os documentos,
Em Lyricos, Rhetoricos accentos.

*Anfriſo.*

Doce harmonîa em clauſulas canoras
Compunha o Cyſne, que no Tejo morre,
Velóz o plectro a agitaçoens ſonoras,
Sem faltar á cadencia a lyra corre:
Ayroſo, e deſtro nas nocturnas horas
Hum Coliſſeo magnifico diſcorre,
Na muſica ſe vê a melodîa,
Na dança ouvem os olhos a harmonîa.

*Fileno.*

Quanto a fabula em véos ſubtil encobre,
Quantos ſucceſſos referio a Hiſtoria,
Quanto erudita a Critica deſcobre,
E acha a Filologia na memoria:
Feliz emprego da attençaõ mais nobre
Deo aos vaſtos eſtudos tanta gloria,
Que quaſi em cinco luſtros pareciaõ
Que nas folhas dos livros floreſciaõ.

*An-*

*Anfriſo.*

Pincel polîdo, e remontada penna
Deſtros raſgos com vôos elevados
Fia ao papel, a quem a fama ordena
Que fiquem no ſeu Templo debuxados:
Com caracter perfeito aſſim condena
Caracteres vulgares, que apagados
Indigno emprego a hum Eſcritor famoſo,
Vem inutil o jaſpe, o bronze ocioſo.

*Fileno.*

Mas huma voz ao longe mais ſuave
O Epicedio interrompe, o ar laſtima.

*Anfriſo.*

He Filomena, que lamenta grave
O grande mal, que a Aurora deſanima?

*Fileno.*

Naõ he taõ triſte, ou harmonioſa a ave,
Como eſta, que deſmaya quanto anima.

*Anfriſo.*

Ouve, q̃ he Liſe quẽ cantando aſſombra,
Que ao ſilẽcio deo voz, deo luz á ſombra.

*Liſe.*

Melibeo adorado, já que a ſórte,
Para que eu morra mais, naõ quer que eſpire,
E a vida em q̃ ainda vive a minha morte
Faz, porque dure o fogo, que reſpire:

E já

E já que ſurdo o mar, tyranno, e forte
Entre as ondas naõ deyxa que ſuſpire,
Sem que penetrem no rigor das magoas
Os ſuſpiros em ar, do pranto as agoas.
Para chamar por ti, a eſte deſterro
Buſca ſaudoſa huma infelice amante:
A côr das eſperanças, he hum erro,
Que liſonjêa huma alma taõ conſtante:
Tem vizos de ouro, e coraçaõ de ferro
O Tejo, que te rouba naufragante,
E ſe a firmeza no ſeu centro occulta,
Como a ti ſó, e a mim me naõ ſepulta?
Se naõ baſta o carinho de meus braços
Para reſuſcitar-te, donde fino
Te naõ deixe outra vez romper os laços,
Mas que o queira fatidico o deſtino:
Vê que te chama Aonia, os ſeus abraços
De affecto paternal emprego digno,
Com Pierio, e com Inaço renovem
Os nomes Regios, que o reſpeito movem.
Verey ſe he a innocencia mais activa,
Já que foy a fineza delinquente,
Mas ſe do meu affecto a chamma viva
Naõ baſta, as outras obraõ tibiamente:
Se naõ accende as ondas, e ſe altiva
Naõ leva aos Ceos hum holocauſto ardente,

Ou

Ou ſe perca entre os Aſtros, ou naufra-
gue,
Certa eſtou, Melibeo, que naõ ſe apague.
Ainda que congelaſſe a errante neve
A tua bella eſtatua cryſtallina,
A animá-la o meu peito aqui ſe atreve,
Sem uſurpar ao Ceo chamma Divina:
E ſe a huma idolatria o premio deve,
Quem a outra rendeo victima fina,
Corra o véo o maritimo theatro,
Verá ſe ao dar-lhe eſpirito a idolatro.
Naõ temo q̃ chegaſſe a corromper-ſe
Quem de mim nunca pode dividir-ſe,
E ſe em meu coraçaõ veyo a accender-ſe,
Como hũ eterno ardor vejo extinguir-ſe?
Tambem ſey que naõ ha de desfazer-ſe
Quem á minha firmeza ſoube unir-ſe,
E ſe em urna inconſtante as cinzas vagaõ,
Na pyra de meu peito naõ ſe apagaõ.
Thetys cruel; á tua ſórte invejo;
Mas naõ hey de imitar tua inconſtancia:
Sol menos bello entre os teus braços vejo,
E cada dia o largas ſem conſtancia:
Quem te chamou formoſo, horrivel Tejo,
E achou ſuave a tua diſſonancia!
Finges, e ainda és mais barbaro q̃ o Nilo,
Dourado Monſtro, vago Crocodilo.
Meli-

Melibeo, Melibeo, naõ me reſpondes?
Pois immudeça o meu ſentido canto;
E ſe nas agoas tragicas te eſcondes,
Porque naõ eſcolheſte as de meu pranto?
Mas ſe divinizado conreſpondes
A hum fino affecto, que te adora tanto,
Faze que éu ſeja na immortal idéa
De melhor Acis nova Galatéa.

SEN-

# SENTIMENTOS DE D. PEDRO, E DE D. IGNEZ DE CASTRO,

POR

MANOEL DE AZEVEDO PEREIRA.

## PRIMEIRA PARTE.

### I.

ERa na meya idade, a que chegava
Em fragoas de zafir o Sol que ardia,
E nas azas do tempo, que voava,
Icaro de ſeus rayos era o dia:
Quando com flãmas de ouro ſe abrazava,
Que morrer incendido entaõ queria,
Sendo por renaſcer com novo alarde
Em cinzas de rubim Feniz da tarde.

II. Na

II.

Na liſonjeira planta ſe enlaçava
Cortez o vento com gentil porfia,
E nos jardins a roſa, que encalmava,
Em berços de eſmeralda adormecia:
A ſimplez avezinha ſe banhava
No murmureo correr da fonte fria,
Renovando na viſta, e doce alento
Narciſos nos cryſtaes, Orféos no vento.

III.

Mas Ignez, que por penas ſó vivia,
Naufragando em ſoluços cada inſtante,
Ignez, aquella Ignez, que amor fazia
Por lhe dobrar as magoas mais conſtante:
Aquella, em cujas graças competia
Ser formoſa, diſcreta, e ſer amante;
Em cujas prendas naõ tiveraõ parte
Artificios da induſtria, invenções da arte.

IV.

A que nos dotes da alma taõ poſſante,
Diſcreta, grave, terna, e generoſa,
Que, da meſma belleza ſendo Atlante,
Tinha por menor prenda o ſer formoſa:
Nos donaires do talhe taõ galante,
Nos alinhos da graça taõ viſtoſa,
Que, topando na culpa de Narciſo,
Fora ſem culpa o ſeu diſcreto aviſo.

V. Mas

V.

Mas qual o paſſarinho deſcuidado,
Liſonja mais gentil da tenra idade,
Foy das mãos do menino apriſionado,
Que lhe roubou no laço a liberdade:
E quando delle mais galanteado
Exprimenta no mimo a crueldade,
E quando a cor das pennas lhe contenta,
Nas que lhe tira, muitas lhe accreſcenta.

VI.

Tal Ignez na manhaã dos tenros annos,
Nas primeiras auroras da eſperança
Deo nos laços de amor doces enganos,
Do vendado rapaz linda vingança:
Mas os golpes da Parca deshumanos
A belleza por flor em flor alcança,
E exprimentou na ſempre amarga ſórte
Por mãos do Deos de amor armas da (morte.

VII.

Eraõ gentil emprego a ſeus cuidados
As finezas de Pedro, que a beldade
Soube nellas trazer aprizionados
Ceptro, Coroa, vida, e liberdade:
Entre ambos tinha amor já taõ ligados
Os ſoltos alvedrios da vontade,
Que foy nelles baldado, e foy perdido
Naſcer Anteros, por creſcer Cupido.

VIII. Mas

VIII.

Mas oh tyranna dor, que amor invent
Forçoſa foy de Pedro a dura auzencia,
Atropos da alma, que da pena izenta
Sabe nella ſentir mortal violencia:
Como prezo partir-ſé Pedro intenta,
Ignez na alma ſentio nova inclemencia,
Que quer a ſórte, pois amor ordena,
Onde naõ chega a morte, offenda a pen

IX.

Quantas vezes, Ignez, no penſament
Eſte dezar notaſte a teus favores,
Quantas vezes, Ignez, nas mãos do ven
Os viſte, vês agora, e verás flores!
Tanto nas affeiçoens goſto avarento
Eſte pezar ſentiſte em teus amores,
Que naõ poſſo dizer que neſte empreg
Eſtavas, linda Ignez, poſta em ſoceg

X.

Entre os braços de Pedro ardẽte frag
Se acoſta Ignez ſem vida, e ſem ſentid
Que multiplica a dor, e dobra a magca
Lograr preſente o bem, q̃ he já perdido
Dos olhos ſolta dous chuveiros de agoa
Oceanos de neve, onde Cupido
Quiz da belleza já molhando as vélas,
Chegaſſe a tempeſtade até ás eſtrellas.

XI. Qu

XI.

Qual em berços de purpura oloroſa,
Delicias da manhaã, da tarde empreza,
Dos melindres de flor enferma a roſa,
Deſmayado o valor, murcha a lindeza:
A que já foy de Abril pompa luſtroſa,
Livro de amor, emblema da belleza,
Perde a graça, por ver que o Sol lhe talha
Do meſmo carmeſim gálla, e mortalha.

XII.

Tal do fogo de amor na immẽſa calma
A cor Ignez perdeo, que amor ordena
Os deſmayos, q̃ tinha impreſſos n'alma,
Trasladaſſe no roſto a viva pena:
Já deſpojo da dor, da magoa palma,
Com reſpirar de flor, ar de açucena,
Exhala nova dor ao penſamento
Em faudoſos ays o doce alento.

XIII.

Ay caduco prazer, diz laſtimada,
Eſperança de hum bem, doce tormento!
Ay que por verde murchas apreſſada
Primavera de amor, da dor portento!
Ay melindroſa flor agonizada,
Deſpojado jaſmim de qualquer vento,
Que quando naſce traz na meſma alvura
Gálla, mortalha, berço, e ſepultura!

XIV. Ay,

XIV.

Ay, que chegas, ó dia, em q̃ amor tira
Duas almas de hum peito! oh noite fria!
Oh noite, digo, porque a quem ſuſpira
Foge a luz, morre o Sol, acaba o dia:
A bocca, de que hum ay outro ay retira
Já cançada, mais baixo repetia:
Paray, Senhor; mas hum ſoluço ardente
Suffoca o par, repete o ay ſómente.

XV.

Paray, torna a dizer, meu goſto amado,
Gloria deſta alma em quãto gloria tinha;
Mas ay, allivio meu, ay meu cuidado,
Como podeis parar, ſe he gloria minha!
Mas ſe deſtina o Ceo, e manda o fado
Eſta alma caſtigar, que amor mantinha,
Deixay-me a voſſa, porque a ſórte ordene
Mais almas tenha, porq̃ aſſim mais pene.

XVI.

Mas naõ, q̃ he contra amor eſta porfia;
Mas naõ, q̃ deixo amor niſto aggravado:
Muitas almas naõ quero, que ſeria
Repartir o tormento a meu cuidado:
Mas ſe a pena permitte companhia
Neſta auzencia cruel, (oh triſte fado!)
Antes que a dor a roube da partida,
Levay-me, vida minha, a minha vida.

XVII. Só

XXVII.

Quando o menino deos, e a Aguia cega,
Que regala cruel, ſuave mata
O peito, que a ſeu peito culto nega,
De ſettas de ouro branco fez de prata:
No cortez mimo a clara viſta emprega,
Mais amoroſa ja, menos ingrata,
E bem que eſtima de tal fé o abono,
Se o naõ perdera por achar ſeu dono.

XXVIII.

Pinta entre ſi do outro a doce guerra,
E tanto os olhos, e faces lhe enriquece,
Que hũ mappa faz do Ceo, outro da terra,
Quando aquelle mais luz, e eſta florece:
Buſca no prado a quem no peito encerra,
E a par de hũ trõco em fim, q̃ sõbras tece,
Reſiſtencias do Sol, guerra da calma,
Achou ſeu corpo, mas perdeo ſua alma.

XXIX.

O corpo vio nas flores reclinado,
Porèm cuidando ſer morte ſuave,
O que era ſó repouſo deſvelado,
Cortez ao ſomno, á vigilancia grave,
Teme o querido, evita o deſejado,
Naõ ſabe proſeguir, nem tornar ſabe,
Qual borboleta, quando as luzes gira,
A quem o amor impelle, e o temor retira.

XXX.

Em fim chegou, e vendo neve, e roſa,
Que na maõ, e na boca affina as cores,
Sente menos cruel, mais amoroſa,
Fogo entre neve, aſpid entre flores:
Do Ceo imaginava a fronte ayroſa,
E do Sol os cabellos brilhadores,
Mas entre o Sol, e Ceo toda ſe aſſombra
De ver o Ceo na terra, o Sol na ſombra.

XXXI.

Que pudera render ſe perſuade
O paſtor, mais que Paris bem diſpoſto,
Naõ ſó Venus, mas toda a mais deidade
Com as ricas maçaãs do bello roſto:
Por delictos as julga, e com verdade,
Pois de tudo ſe eſquecem com ſeu goſto;
Mas quando nellas vê taõ lindas cores,
Por fructo naõ as tem, tem-nas por flores.

XXXII.

Cercando a groſſa bocca buço louro,
Huma ſingular roſa conſtruia
Com pedra de rubim, engaſte de ouro:
Veneno em tudo a Ninfa em fim bebia,
Veneno, que do nectar he desdouro;
Porèm bebendo mais, mais ſe embebia,
Menos ſedenta eſtá no rio, e fragoa
De fogo ſalamandra, adiça em agoa.

XXXIII. Por

XXXIII.

Por poſtigo ſubtil, que o ſomno experto
Nas raſgadas janellas do ſeu roſto
Deixára mal fechado, mal aberto,
Conſidera o paſtor da Ninfa o goſto:
E que deixára a Troya tem por certo
A bella Ninfa engano bem compoſto,
Ao abrir das janellas, onde encerra (ra.
Guerra de Marte naõ, mas de amor guer-

XXXIV

Abre em fim as janellas elegantes,
Donde hum par de meninas apparece,
No ſer meninas, no matar gigantes:
Deſperto amor com olhos ja parece,
Quem Sol ſem elles parecia d'antes;
Pelos da Ninfa hum doce fogo deſce
Ao coraçaõ, que ardendo bate as azas,
Naõ por fugir, por avivar as brazas.

XXXV.

Mais branda cada vez, menos ſevéra,
Menos ſe difficulta, mais ſe inflamma;
Porèm ſeu peito avara recupera,
Quando ſeu amor prodigo derrama:
Hum tronco de frondoſos braços era
Pavilhaõ de huma verde, e doce cama,
E cortina tres vides, cujos laços (ços.
Grilhões na planta, algemas ſaõ nos bra-

XXXVI.

Sobre hum verde tapete, donde affina
Seu primor Flora, e vence com mil cores
Quanto America lavra, e tece a China,
Se aſſenta a nova deoſa dos amores:
Como a Doris ſegundo a quem deſtina
O amor delicias, e o ciume dores,
Promettendo-lhe em huma, e outra parte
Huma Venus gentil, hum novo Marte.

XXXVII.

Voaraõ triſtes junto ao verde leito,
Aves da noite, ſem temer o dia,
Moſtrando triſtes o funeſto effeito,
Que contra os dous amantes ja ſe urdia:
Se ja naõ foy que voos deſte geito
Eraõ voz, que ao retiro os perſuadia,
Clamando q̃ deixaſſem hum breve goſto
Por fugir á violencia de hum deſgoſto.

XXXVIII.

A ſombra deſta vide, que dilata
Pompoſos ramos de hum verde claro,
Ao Sol os furta, que com rayos mata,
Quando irado, e cioſo o monſtro raro
Hũa rocha humilhou, q̃ ás náos he grata;
Porque as conduz ao porto, como Faro
Ficando aſſim por huma, e outra via,
Faro, maſ cego; rocha ſim, mas pia.

XXXIX. Mais

XXXIX.

Mais alta rocha ſobre a rocha muda
Dá ſonoroſo alento á rouca avena,
Cuja horroroſa voz, agreſte, e ruda
Deixa a tuba mayor frauta pequena:
A Nimfa o ouve, e o medo a cor lhe muda
De ardente roſa em candida açucena;
Fugir ao ſom naõ póde, ou naõ ſe atreve,
Porq̃ o medo lhe põem grilhões de neve.

XL.

Da tuba rouca o ſom grandes eſpaços
Horrendo gemie, atroa ruidoſo:
Sendo prizaõ aos pés, algema aos braços
Tira o ligeiro a ambas, e o forçoſo;
Das mãos tira o vigor, aos pés os paſſos;
Temem da voz o canto pavoroſo,
E concebem da voz hum horror tanto,
Que a morte ambos quizeraõ, mais que o canto.

XLI.

O' gentil Galathea, mais ſuave,
E branca mais que as pombas de Cupido,
Mais formoſa que o paſſaro, que grave,
Ouro a coroa, purpura o veſtido,
He das aves o Sol, e do Sol ave,
Naõ menos grata, que o jardim florido,
Mais doce, quãdo a calma, e frio aſsõbra,
Que o Sol no Inverno, q̃ no Eſtio a sõbra.

XLII. As

XLII.

As grutas deixa, tece o cabello louro
De ouro, ou zafir da undoſa Monarchia,
Que ſobre ſeu azul fará teu ouro
Parar a noite, e proſeguir o dia:
A teu pé deve o naear o theſouro,
Que com liquida neve o orvalho oria;
Pois teu cabello largo, e teu pé breve
Cifra os rayos do Sol, da Aurora a neve.

XLIII.

Cruel filha dos mares, cujo ouvido
A' minha voz he de aſpid ao encanto,
A's agoas deſte entrega teu ſentido
Deſte muſico triſte ao doce pranto, (do
Que os ventos tem calado, e immudeci-
Com a voz de falcaõ, e d'Orfeu canto,
Immudecendo entre hũa, e outras vêas
Do rio os cyſnes, as do mar ſereas.

XLIV.

Paſtor ſou, mas por eſtes horizontes
Quando bebe o meu gado, quando paſce,
Furta ao mar rios, corre á terra montes,
E fórma a laã, e leite, que lhe naſce,
Móres outeiros, naõ menores fontes,
Iguaes ás que por huma, e outra face
Deſcem a meu peito, q̃ cõ novo encanto
Dentro arde em fogo, fóra arde em prã-

to XLV. Mais

XLV.

Mais do q̃ as flores, e q̃ orvalho as flores
Arvores tenho, onde abelhas crio,
Que ſahem de hũa, e entraõ de mil cores
De flores chêas, ricas de rocio:
Unindo cada tronco ſeus licores,
O que foy breve orvalho, he largo rio,
Onde ſe muda, para mór theſouro,
O práto da Alva em riſo, a prata em oure.

XLVI.

Tendo meu pay a Jupiter ſegundo,
Naõ ſegũdo em valor, ſegundo em ſorte,
Mal póde a larga terra, o mar profundo
Dar-te ſogro mayor, mayor cõſorte: (do
Naõ me deſprezes, quãdo admira o mun-
Minha excelſa eſtatura, e peito forte,
Qual outro nunca vio o Rey do Pindo
Do Nilo ao Tanais, e do Tejo ao Indo.

XLVII.

Trinacria o breve Ceo, o Ceo nevado,
Trinacria, q̃ he do mũdo nobre emporio,
Deve a meu corpo Atlante levantado
Hũ novo monte, hũ quarto promontorio:
Se pois ao Ceo Atlante eſtá chegado,
E o Sol primeiro aos montes he notorio;
Bem ſerá, bem, que teus favores cante,
Sendo Atlante a teu Ceo, e a teu Ceo monte.

XLVIII. Ao

XLVIII.

Ao Sol vi hoje, e vi-me juntamente
No quieto cryſtal de hum lago frio,
Por ſinal que me foy ſua corrente
Eſpelho pouco, ſendo largo rio:
Meu olho radiante, e o Sol luzente
Ficáraõ neſta viſta ao deſafio
Taõ huns na luz, que fomos neſta guerra
Elle do Ceo gigante, eu ſol da terra.

XLIX.

De minha gruta pende no rochedo
O truculento vulto, e pelle ayroſa,
Com que nos brutos cauſa amor, e medo
A fantaſma por fêa, e por formoſa:
Laſtimoſos ſinaes outro penedo
Dos peregrinos deſgraçados goza;
Porèm ja a dar hoſpicio me accómodo,
E ſe antes Marte fuy, amor ſou todo.

L.

Mais de perolas chêa, que de vento
Igualmente de bens, e males chêa,
Huma frota deſſe humido elemento
Beijou meu porto, e abraçou a ar a:
Eſte de cera, e cana inſtrumento ê
Era entaõ doce freyo á ſalſa vêa
Com taõ ſuave ſom, que bem pudéra
Ser açucar na cana, e mel na cera.

LI. Quan-

LI.

Quanto o rico Senhor do roto pinho
De metaes, e de aromas me apreſenta,
Com que o Feniz fabrica, e tece o ninho,
E com que doura o Sol, e o feto argenta,
Tudo te offereço: rompe o véo marinho
Naõ te eſcondas, q̃ a luz sẽpre ſe oſtenta;
E ſe vem na celeſte Monarchia
As Eſtrellas de noite, o Sol de dia.

LII.

Ao grato hoſpicio hum novo peregrino
Tributou quanto verte, e quanto chora
Electro louro, aljofar cryſtallino
A triſte Lampetuſa, a alegre Aurora:
E com engaſte de metal mais fino
Hum niveo ſom, que dente eburneo fora
Do feroz bruto, q̃ os mais fortes traga,
Torres ſuſtenta, exercitos eſtraga.

LIII.

Arco digo gentil com ſettas de ouro,
Obra feliz de artifice famoſo,
Que em tua maõ de ſeu marfim desdouro
Será, ſe menos branco, mais ditoſo:
Pois imitas em luz a Febo louro,
A Febo imita em arco taõ luſtroſo;
E aſſim ficareis ambos neſta guerra
Elle arco do Ceo, tu Sol da terra.

LIV. Aqui

LIV.

Aqui romperaõ cabras petulantes
Seu duro canto, naõ ſeu brando effeito,
Deſenlaçando as vides, que eraõ d'antes
Cortinas freſcas do pompoſo leito:
Porèm vendo o Monarcha dos gigantes
Trocada a ſorte aſſim por eſte geito,
Pedras, e vozes deſpedio ligeiras,
Mais duras as ſegundas, que as primeiras.

LV.

Os montes pelos ares vaõ voando
Com furia tanta ao longo arremeſſados,
Que lá aonde chegaõ, vaõ formando
Novos montes mais altos, e elevados:
Naõ ceſſa de atirar, nem de ir gritando
Com força tanta taõ medonhos brados,
Que a terra treme, o Ceo, e o mar ſuſpira
Hum do que falla, outro do q̃ atira.

LVI.

Eſtraga o pavilhaõ com furia brava
Pedras arremeſſando, que puderaõ,
Segundo a força, com que as atirava,
Arruinar ao mundo, ſe quizeraõ.
Mas como ſó com ellas intentava
Vingar a affronta vil, que lhe fizeraõ,
Que ſó ſoffraõ os dous o golpe ordena,
E que quem fez a culpa, ature a pena.

LVII. Ven-

LVII.

Vendo que ao mar com Galatea déſce
Medroſo Acis, o Cyclope tyranno
Tantas rochas atira, que parece
Naõ Polifemo ja, mas Centimano;
Rayos Jove! Pois rayos bem merece
Eſte novo Tyfonte deshumano, (mo!
Que ao Ceo ſe atreve: rayos Deos ſupre-
Que Acis he Ceo, Tyfonte Polifemo.

LVIII.

Hum penhaſco arrancou mais levantado,
E neſta pedra tantas vezes dura
Teve o Paſtor ditoſo, e deſgraçado,
Primeiro do que a morte, a ſepultura:
A doce Ninfa do ſeu mar ſalgado
O deos convoca, e ſeu favor procúra,
Vem todos aonde á morte rende a palma
O corpo do Paſtor, da Ninfa a alma.

LIX.

Ja Polifemo eſtá de eſpanto abſorto,
Vendo correr por purpura rocio;
E a penha, que foy alma de Acis morto,
Urna permanece, e de Acis rio:
Conſerva ſeu licor, que foge ao porto
De membros de cryſtal da morte frio;
E ſeus olhos, e vêas neſta mágoa
Ficaõ olhos de fonte, e vêas de agoa.

Oh

LX.

Oh gloria mal preſente, e mal paſſada!
Oh delicia de amor, qual vento leve!
Mais que o fogo de hũ rayo accelerada,
Naõ menos móbil, q̃ de hum rio a neve!
De Veraõ noite, quando mais pauſada,
De Inverno dia, quando es menos breve,
He bem caduco o cego, que confia
Em vento, em fogo, em neve, em noite em dia.

*A F. Que perdeo hum Cupido de coco, que trazia, de que ſó lhe ficarão as azas.*

## ROMANCE.

FAzer hum Romance quero,
Mas duvidoſo me ſinto
Se o faça grave, ſe agudo,
Se o faça creſpo, ſe lizo.
Vá de véras, vá de graças,
Que ſendo aſſumpto Cupido,
Pede véras, como deos,
Quer graças como menino.
A vós, bella Tisbe, invoco,
Porque eſtou perſuadido
Que acharey de Apollo muito
Em quem de Sol tanto admiro.
Hum Cupidinho perdeſtes,
E por final que imagino
Que me haveis odio cobrado,
Pois haveis o amor perdido.

Era

Era de coco o rapaz,
Que jũto a geſto taõ lindo
Ficou feito como hum coco,
Sendo bello como hum brinco.
Azas no gibaõ deixou,
Mas eu ſey que o Cupidinho,
Se ſe tem ido ſem azas,
Sem penas ſe naõ tem ido.
Tantas deixou na partida,
Que bem póde o deos mal viſto,
Sem deixar comvoſcò as ſuas,
As voſſas levar comſigo.
Naõ podendo amor com todas,
Procedeo como muy fino,
Porque largou as do vôo
Por levar as do martyrio.
Largou-as, porque depois
Que a tal Ceo teve ſubido,
Voar mais era impoſſivel,
E menos naõ era brio.
Naõ foy ſenaõ, porque eſtando
De tal gloria dividido,
Ir pezado era fineza,
Andar leve era delicto.
Ou foy talvez por moſtrar
Que eſtava de vós ferido,
Pois ave, que deixa as pennas,

Pu-

Publica que leva os tiros.
Por ver ſe lhe daveis azas,
Azas vos deo, mas eu digo
Que naõ foy por iſſo ſó,
Foy tambem por iſto, e iſto.
Foy, porque de vós auſente.
Dava moſtras, dava indicios
Com as azas de ſer vario,
Sem as azas de ſer fino.
As azas deixou no peito,
Porque fora deſvario,
Chegando do Ceo aos globos,
Torná-las do vento aos giros.
Icaro de voſſas luzes
Azas perdeo, e achou riſcos,
Que naõ quer Sol taõ brilhante
Ter Icaro menos digno.
Deixou no gibaõ as penas,
Porque as do Senhor de Egnido
Quando vaõ entrar-vos na alma,
Vos tocaõ ſó nos veſtidos.

*Carta a hum amigo, em que lhe dá conta de huma jornada.*

## ROMANCE.

PAulo, ſe novas quereis
Daquelle valle feliz,
Illuſtre eſféra de roſas,
De eſtrellas bello jardim;
E ſe tambem as venturas
Deſte moderno Amadîs,
Naõ de Gaula, mas de Garça,
Que nunca temeo nebli.
Vá de verſos, vá de novas,
Mas naõ eſpereis aqui
Mentiras de Poeſias,
Verdades de hiſtoria ſim.
Pezava em caſa de Aſtrea
Dos Aſtros o Gran Soffî
De prata em duas balanças
Reſplandores de ouro mil.
A doce mãy de Memnon,
De Faetonte o pay gentil,

Aca-

Acabava de chorar,
E começava de rir:
Mas melhor me explicarey,
Se vos eſcrever aſſim:
Era ja Settembro entrado,
E o Sol queria ſahir,
Duas figuras dos Gregos,
Que ſeguiaõ por ſeguir,
O confuſo D. Noutel,
Quero dizer D. Luiz.
Mas deixando aves nocturnas,
Junto com o Sol ſahi
Bem poſto, e melhor diſpoſto
Do que al face por Abril.
O Luz, Sol deſtas eſtradas,
Se foy diante de mim,
Que como ſou Rey dos Magos,
Com luz diante parti.
Dez cabras me acompanharaõ;
Se naõ periguey, roî
Oito, ou nove çapateiras,
Com que bellas obras fiz.
De huma peſcada naõ trato,
Que ao meu pobre nariz,
Bem que melhor naõ cheirava,
Cheirava mais que hum jaſmim.
Para ſe ver até boca

Minhas armas de Pariz,
Levey tres luſtroſos fraſcos
De polvora carmeſim.
Deſta ſorte petrechado
Paſſey o Mondego, e vi
Em poucos momentos d'agoa
De arêas ſeculos mil.
Apeey-me junto a Cêa
Outros dizem que cahi,
Lançou a fugir o macho,
Lançou o moço a fugir.
Mas para que me detenho
Neſte ſucceſſo infeliz,
Se a renovar a dor torno,
A moleſtia a referir?
Pelas doze, ou pouco menos,
Cheguey a Semide em fim;
Naõ por andar pouco a beſta,
Mas por andar muito ſim.
Jantey, e dormi hum pouco,
Tres horas digo, dormi,
Que iſto de dormir tres horas
He muy pouco para mim.
Fuy-me logo a converſar,
E agora, Muſas, aqui
Requintay as cordas de ouro,
E a cythara de marfim,

Logo vi a voſsa irmaã,
Voſſa irmaã auſente vi,
Serafim pelo diſcreto,
Pelo bello Serafim.
Ao grande Luiz aſſiſtia,
Bem que ella he taõ gentil,
Que para aſſiſtir a hum grande
Lhe baſta aſſiſtir a ſi.
Deo-me as bem vindas modeſta;
Eu de como reſpondi,
E comecey a calar
Por intereſſe de ouvir.
O que ouvi, dizer naõ poſſo,
Que conceitos taõ ſubtis
Só quem os ſouber dizer,
Os ſaberá repetir.
Chegou logo alli Correa,
Bello eſplendor de Mongil,
Que melhor que as cinco Zonas,
Os Ceos pudéra cingir.
Vieraõ doces diverſos,
Naõ muy doces para mim,
Porque me ſoube melhor
O que ouvi, que o que comi.
Com vergonha, e ambiçaõ
De alli naõ poder luzir,
O dia vi retirar,

E vi logo a noite vir.
Sepultou o Sol ſeus rayos
No tumulo de zafir,
E de luz tanta eclipſado
Naõ era Sol, mas Sol criz,
Agradecido, e cortez
Logo entaõ me deſpedi,
E caminhey para Cêa,
Sem de Semide ſahir.
Ceey, e naõ digo muito,
Porque ja ſabeis de mim,
Que quando tenho vontade
Naõ hey miſter perrexil.
Logo depois do cear
Do apoſento ſahi,
Paſſeando, e mais o Luz
Para o ſomno divertir.
Varias queſtões propuzemos,
Eu ao Luz, e elle a mim,
Elle para as ſublimar,
Eu para as diminuir.
Das redes de amor zombey,
De ſeus incendios me ri,
Com donaires gracioſos,
Com picantes anexins.
Chamey fraco ao deos mais forte,
Vede a quanto me atrevi;

Annão ao mayor gigante,
Cego ao lince mais ſubtil.
Chamey ás feridas grandes,
Que em peitos daõ varonís,
Picadinhas de alfinetes
Em coraçoens de alfenim.
De livre me gloriey,
E de bronze prezumì:
Ri-me de ſeu mór tormento,
E de ſeu goſto me ri.
Baſta, naõ contemos mais,
Que daõ muito que ſentir
Lembranças, que hum desditoſo
Tem de quando foy feliz.
Demais que ja tem chegado
Aquella beſta ruim,
Cuja ligeira fugida
Aó principio referi.
Leve-te o demonio, macho,
E mais quem te trouxe aqui;
Agora me vens buſcar,
Quando havias de fugir?
Quando eſtou taõ deſcançado,
Dize-me, beſta, a que fim
Me vens privar deſte bem?
Dize me que mal te fiz?
Vay te em paz, foge ligeiro,

Aſſim vivas gordo, aſſim
Por cavallo de S. Jorge
A caſa te vaõ pedir.
Se me foges, oh que fama
Taõ grande te ha de ſeguir!
Competidor do Pegaſo,
Das Muſas ſerás rocim.
Vivirás ſempre em meus verſos,
Illuſtre macho, e por ti
Se dirá Machina a fonte,
Que Caballina ſe diz.
Eſtas palavras lhe diſſe,
Eſta petiçaõ lhe fiz,
Mas naõ querendo entender,
Me conſtangeo a partir.
Montey nelle, e entaõ cuidey
Que me dizia que ſim,
Porque lhe ouvi muitas vezes
Em alta voz dizer im.
Cri que queria deixar me;
Porèm eſtirado alli,
Se o moço, que me aſſiſtia,
Naõ tiveſſe maõ em mim.
Caminhey, deo duas voltas
Com bizarria gentil,
E levantando-ſe em gemeas,
Gemendo no chaõ me vi.

Os que viraõ esta desgraça,
Se começaraõ a rir,
E tantas vayas me deraõ,
Que estive quasi em me ir,
Porque foy taõ grande a quéda,
Que a morte muy perto vi,
Inda que naõ a cavallo,
Estirado no chaõ fim.
Mas ser grande cavalleiro
Entaõ claramente vi,
Pois perdendo as estribeiras,
Os estribos naõ perdi.
Oxalá que eu os perdera,
Que nunca me vira assim;
Porque prezo a hum estribo
Muy longas terras corri.
Como ao infame do macho
Ser Pegaso prometti,
Como Pegaso voava,
Levando-me atraz de si,
Creyo que por minhas culpas
Levey castigo taõ vil,
Quando ao rabo de hum cavallo
Arrastado me vi ir,
Pára, macho do diabo,
Pára mi, pára, rocim,
Lhe dizia; porèm elle
Nenhum caso faz de mim.

Antes virando o focinho,
Cuidey ſe ria de mim,
Quando o vi a brir a boca,
E os dentes descobrir.
E o caſo vinha a ſer,
Que o macho entre manhas mil
Tambem tinha a de morder,
Quando parecia rir.
Eu naõ fiquey todo trigo,
Quando taõ alegre o vi,
Antes cuidey que fazia
O mú cevada de mim.
O Luz naõ apparecia,
Nem me podia acudir,
Pois naõ podia haver luz
Quando eſtrellas tantas vi.
A manhãã vinha rompendo,
Mas eu entaõ entendi
Que ſahia a enforcar,
Quando alva lhe vi veſtir.
A traz vinha logo Apollo
Com galla muito gentil,
E em lugar de campainha
Tocar hum fino lhe ouvi.
Nem faltava alli Juſtiça,
Porque, como eu adverti,
O Sol trazia balanças,
Final proprio de aguazil.

Parou de cansado o macho,
E eu torney a subir,
Sobre cansado, corrido
De ver o quanto corri.
Despedi-me: ay que tormento!
Já naõ posso proseguir,
Que ainda sinto a dor passada,
Como presente a senti.
Despedi-me, mas que digo,
Se fiquey, quando me vim
Desorte, que assisto lá,
Inda mais que assisto aqui!
Para descobrir tal pena
Poucas eraõ linguas mil,
Mas com dizer que chorey
Creyo que as descobrí.
Mil a mil lagrimas ternas
Do meu coraçaõ verti,
Com que o da terra elemento
Elemento de agoa fiz.
Mas vejo que já vos canso
Com tanto chorar, e rir:
A Deos, Paulo, que vos guarde,
E naõ se esqueça de mim.
Hoje treze de Settembro,
Na quinta de S. Martim,
Annos cincoenta e quatro
Com seiscentos sobre mil.

# A SANTA IZABEL Rainha de Portugal.

## MOTE.

*Quando da guerra eſpantoza*
*Fazeis paz dourada, e quando*
*Dais ouro, ficais mudando*
*Ferro em ouro, e ouro em roza.*

## *Gloſſa.*

### I. DECIMA.

REndido a laſcivo ardor,
E tyranno do amor puro,
Fez Diniz, amante impuro,
Guerra a voſſo puro amor:
E Affonſo a Diniz, traidor,
Guerra, que eſpanta furioza;
Mas vós de ambas victorioza,
Gloria alcançais ſoberana
Da guerra de amor tyranna,
Quando da guerra eſpantoza.

II.

Soffreis mal conreſpondida
Do Eſpozo Rey grave offenſa,
Quando o Santo amor diſpenſa
Paz na guerra embravecida:
Onde a furia he mais creſcida
Eſtá voſſo Zelo obrando;
Soffreis, orais, e moſtrando
O valor, que o peito eſconde,
Cauſais amor puro, donde
Fazeis paz dourada, e quando.

III.

Com caridade exceſſiva
De humanas calamidades
A tantas neceſſidades
Remedio dais compaſſiva:
Grandeza caritativa
Nos pobres ſe eſtá admirando,
Taõ largo Theſouro dando,
Que a miſeria aſſim em riqueza
(Pois com liberal grandeza
Dais ouro) ficais mudando.

IV.

Turbava ao Mondego, e Douro
De Affonſo o pertinaz erro,
Mas vós na idade de ferro
Fizeſtes idade de ouro.
Déſtes aos pobres Theſouro
Piedoſamente grandioſa:
E pois tanta acçaõ piedoza
Do Ceo abona o favor,
Converteis odio em amor,
Ferro em ouro, e ouro em roza.

## *A HUMA BOCA FERIDA.*

### DECIMAS.

I.

VOſſa boca arrebentada
Mais que ferida florida
Vendo-ſe taõ entendida,
Se quiz moſtrar mais raſgada:
Mas ninguem ſe perſuada

Que

Que no mal, que por bem conto,
Sente de larga o desconto,
Por ser tanto breve, e oca,
Que sendo ferida a boca,
Vem a ferida a ser ponto.

II.

A boquinha graciosa
Já no botaõ florecente,
Naõ rebentou de doente,
Mas rebentou de formosa:
Ou rebentou como roza,
Pois qual botaõ florecia;
Ou foy, que como se via
Taõ bella, em taõ lindo rosto,
Nos quiz dizer que de gosto,
Já na pelle naõ cabia.

III.

Mas temo que a tal ferida
Venha a ser occasiaõ,
Que em vós se veja o rifaõ
Ser verdade müy sabida:
Porque quem vos vir ferida,
Dirá como cousa certa
(E eu entendo que a certa,)
Que no golpe, que trazeis,
Abertamente dizeis,
Que sois huma boca aberta

IV.

Porèm o que eu entendo
Deſſe golpe, que moſtrais,
He que vós com elle eſtais
Aberramente dizendo:
Que eſſe golpe taõ horrendo
Vos tem a boca tapada,
Pois tendo a boca raſgada
C'uma ferida taõ forte,
Dizendo eſtais deſſa ſorte
Que a boca tendes calada.

## MOTE.

*Sobo-los rios, que vaõ*
*Por Babylonia, me achey,*
*Onde ſentado chorey*
*As lembranças de Siaõ,*
*E quanto nelle paſſey.*

## GLOSSA I

ENtre amargos deſvarios,
Entre funeſtos pezares
Meu peito verte mil mares,
Meus olhos brotaõ mil rios;
E recordando os deſvios

De

Da viſta, e do coraçaõ,
Sempre fluctuando eſtaõ
As memorias de meu bem
Sobo-los mares, que vem;
Sobo-los rios, que vaõ.

II.

Mas querendo diſcurſar
As cauſas do meu tormento,
Naõ diſtingue o penſamento
Hum pezar d'outro pezar:
Com que vendo-o delirar
A' viſta do que logrey,
Tanto á fantaſia dey,
E tanto á imaginaçaõ,
Que entre a minha confuſaõ
Por Babylonia me achey.

III.

Louco, ſobre magoado,
Dou aſſumpto á minha dor,
E da pena, e do furor
Só me vejo aconſelhado:
Quando n'um valle ſentado
As lagrimas puz por ley,
Tanto a ellas me entreguey,
Sem ter outro deſaffogo,
Que o juizo perdi logo
Onde ſentado chorey.

IV.

Perdi o juizo com a pena,
E se o perdera de todo,
Póde ser que deste modo
Se tornará mais pequena:
Mas meu fado me condena,
Tyranno do coraçaõ,
Que com duplicada acçaõ
Exponha huma hora em alarde
Hora em deposito guarde
As lembranças de Siaõ.

V.

Como reliquias de glorias
Sempre em tormentos se vem,
Que nenhum alivio tem
Estas tyrannas memorias;
E porque sejaõ notorias,
D'alma, donde as derivey,
Aos olhos as trasladey,
Pois copiadas no rosto
Daõ fé de hum perdido gosto,
E quanto nelle passey.

# *A HUM DESMAYO*
## *por cauſa de humaſangria.*

## DECIMAS.

### I.

PEnetrou lanceta dura
Naquelle valente braço
Muita neve em pouco eſpaço,
Muita prata em neve pura:
De ambiçaõ naõ foy loucura,
Deſtino ſim; e foy mais,
Que com circunſtancias taes
Deſcobrio hum Potoſi,
Em cada gotta hum rubî
Entre minas de coraes.

### II.

A fitta. que o braço atava,
Vermelha, e branca ſe via,
De vermelha ſe corria,
E de branca ſe enfiava:
A prata ſe apriſionava;
Porèm naõ falta quem diga

Que deo á prata huma figa
A do braço, pois ferido
Ficou mais enriquecido,
Vendo eſta prata com liga.

III.

Entre hum deſmayo ſe enlea
Aquelle Sol animado;
E vio-ſe o Sol deſmayado,
Por ſer picado na vêa;
Deſmaya a luz da candêa,
Eſcurecendo o arrebol,
Da luz eſconde o farol:
Mas que muito que a luz caya,
Se a luz tambem ſe deſmaya,
Quando ſe deſmaya o Sol!

# MOURAÕ RESTAURADO

em 29 de Outubro de 1657.

## OYTAVAS,

*OFFERECIDAS AO SENHOR*

## JOANNE MENDES DE VASCONCELLOS,

Por ANTONIO DA FONSECA SOARES.

I.

ESTas de heroico aſſumpto altas memorias,
Que Euterpe ao ſom das armas cãta altiva,
E a grandeza, triunfos, e victorias
Saõ de bronze immortal lamina viva:
A vós, q̃ a Hiſperia medo, a Luſo glorias
Dais, (ó Gran General) e á planta eſquiva
A honra de coroar-vos eminente,
Quem admirado as vio, vota obediente.

II.

Oh ſe de Homero, e de Virgilio agora,
Como o Heróe me ſobra, a voz tivera,
Que inveja a minha lyra a Eneas fora!
Que ciume eſta voz a Achilles dera!
Mas falte á lyra a conſonancia embora,
Naõ cante a voz as armas taõ ſeyera;
Que ſe o que falta á voz, no Heróe ſobeja,
De hum hey de ſer ciume, de outro inveja.

III.

Vós pois, q̃ ao mundo aſſombro, á fama eſ-(panto
Sois já; pois das acções, que admirar deve,
Das cem bocas da Fama he breve o canto;
De hũ ſó mũdo o teatro appl. uſo he breve:
Se ocio as armas permittem juſto; em quãto
A' fadiga interior dais ocio leve,
Ouvi, que ſe o meu fado o naõ recuſa,
Farey clarim de fama a voz da Muſa.

IV.

Dourava o claro Principe do dia
Do ſigno venenoſo a fórma impura,
E o anno envelhecendo-ſe cahia
Na idade enferma, na eſtaçaõ madura:
O obſervador de Ceres repetia
No campo grato a próvida cultura,
E Pallas taõ fecunda ſe oſtentava,
Que o valle encanecia, o monte armava.

V. Quan-

V.

Quando o Gran Vaſconcellos, que eſtivera
De Tras dos Montes tãto em fim mettido,
E contra os males, que alhanar viera,
Fora entaõ dos chamados o eſcolhido:
Cum luz mayor ſondando lá da esfera
Da mente excelſa o mar embravecido
Da ſorte, com que o Reyno titubêa,
Prudente o olha, e prompto o remedêa.

VI.

As Syrtes da borraſca antecedente
Adverte, e foge: e qual piloto experto,
Conduz ao porto venturoſamente
A náo do Eſtado, que vagava incerto:
Se inchado o mar, ſe as ondas bravas ſente,
Aſſim as applaca com ditoſo acerto,
Que no ſocego em fim, que as deſconhece,
Inda o que Syrte fov, porto parece.

VII.

Quatro vezes a tocha mais brilhante
Da noite a luz creſcera, e conſumira,
Depois que obedecendo á ſorte errante,
Mouraõ nas garras do Leaõ cahira:
Mas bem que os eſtandartes arrogante
De Iberia ao ar tremóla, ao vento gyra,
Iſſo, que mais uſano, e vaõ ſe oſtenta,
Mais no triunfo do que a rende, augmenta.

VIII. Hur

VIII.

Hum genio, e outro militar o aviſa,
Que apezar de apparencias, e jactancias
Do Heſpanhol, vá co' a preſſa, q̃ he preciſa,
Proſtrar as inimigas atrogancias:
O tempo, a ſorte, e os mais eſtorvos piza;
E ardendo todo em generoſas ancias,
Sahe á campanha, onde o ſeu cuidado
Viſto primeiro foy, que imaginado.

IX.

Do zefiro alazaõ, que ayroſamente
Occupa, faz que o anhelito arrogante,
Encreſpando o colerico obediente,
Feroz aſſombre, o que adulou brilhante:
E argentando as eſcumas impaciente
O freyo ao bruto expede pululante,
Que namorando o ar, que deſvanece,
Os ventos piza, os montes eſtremece,

X.

Já no noſſo hesmiferio o Gran Planeta
Vira o dia huma vez reſuſcitado,
E outros chegando á deſejada méta,
Havia da Alva os nectares chupado:
Depois que co' a preſteza mais ſecreta,
Que o deſejo podia haver formado,
O generoſo Sancho á Praça tinha
Ganhado os poſtos, e deitado a linha.

XI. Ten-

XI.

Tendo pois da Provincia, adonde aſſiſte,
Quaſi junto eſſe exercito famoſo,
Bem q̃ he de toda a gente, em que conſiſte
Só de ſette mil praças numeroſo; (te
Marcha, e chega a Mouraõ, já quãdo enviſ-
Sancho os muros, e a Praça valoroſo;
Pois co' a gente, que leva, Portugueza,
Inda ſe vê mayor que a meſma empreza.

XII.

Aquartelou-ſe o exercito, por onde
Tinha já deſenhado na campanha;
E entre o mais forte do quartel eſconde
O que póde offender do fogo a ſanha:
Abre trincheiras, em que conreſponde
Ao deſignio o trabalho; e com tamanha
Preſſa, e cuidado a todos aſſegura.
Que mais que a terra a vigilancia os mura.

XIII.

O famoſo Albuquerque, que regia
O mobil campo de animados ventos,
Por varias partes cuidadoſo envia
Quem do inimigo advirta os penſamentos,
Os campos aſſegura, os combois fia
A quem guarde melhor ſeus mandamentos
A' lerta neſte officio, em que ſe exalta,
Muito faz, tudo adverte, em nada falta.

XIV. Lo-

XIV.

Logo pois que alojado o campo eſteve,
Na fórma a terra, e gente accõmodada,
Mãda o ſupremo Heróe q̃ em termo breve
Se vá fazer aos de Mouraõ chamada:
Quer que aſſim ſe conheça o que ſe deve
A' ſua preſença; e quer que reſpeitada
Seja nelle, ou por ſua authoridade,
Do Rey, que ſerve, a Sacra Mageſtade,

XV.

Da artilheria o General, que exicio
Da Praça, e gloria noſſa ſer pertende,
E em quem a obrigaçaõ enche de officio
O valor, de quem leys o alento aprende:
No aproche, onde dá de eterno indicio,
De Marte as iras, e o furor ſuſpende;
E chamando os ſitiados, que elle applica,
A ordem ſuperior lhes notifica.

XVI

Aviſa os que, ſe logo ſe naõ rendem,
Se expõem da eſpada á furia embravecida,
Pois que de Luſo defender pertendem
Tyrannamente a Praça combatida:
Que de hum Real exercito, que offendem,
Se irritará a grandeza reſiſtida,
E offerecendo os favores, e a piedade,
Bravo ſe moſtra, e ſerio os perſuade.

XVII.

Lá na Provinnia Bética mettido,
Do grande Rey Diniz reedificado,
Se ergue o caſtello de Mouraõ, ſubido
Em hum monte de aſperezas coroado:
De excelſas torres ao redor cingido,
De forte muro, bem que antigo, armado,
Co' a larga barbacaã, que grave oſtenta,
Soberbo eſtá, robuſto ſe ſuſtenta.

XVIII.

Taõ próvido anticipa o provimento
De tudo, em fim, que ſem que alli redunde
Confuſaõ de taõ vario ajuntamento,
Faz q̃ o regálo honeſto ao campo abunde:
Taõ ſenhor do alvedrio mais iſento
Obra o que quer; o que deſeja infunde;
Que em fim, ſem q̃ a razaõ deſacc̃mode;
Tudo vê, tudo manda, e tudo póde.

XIX.

Por taes acçoens o tempo procelloſo,
Vendo-ſe á eterna duraçaõ preſcrito,
De agradecido ſe lhe oppôs chuvoſo.
Por dar mais que vencer ao peito invicto:
Oh novo agradecer, que ao generoſo
Heróe ſeja liſonja o que he conflicto
A outros! Mas que muito, ſe parece,
Que quem iſto obra mais, mais ſe conheçe.

XX.

Pelos aviſos, que da Praça toma,
Do ſeu mais interior eſtado ſabe,
Que querendo emular a Grecia, e Roma,
Promette em vinte Soes defenſa grave:
Mas o ſoberbo orgulho aſſim lhe doma,
Que antes que o Sol primeiro ſe lhe acabe,
Parece que co' as armas vencedoras
Fazem dos dias já officio as horas.

XXI.

Vendo ja como a força continúa
As victorias, que a ſorte manifeſta,
Porque mais cedo a Praça reſtitua,
Mantas envia, e maquinas apreſta:
O valor Portuguez, que incendios ſua,
Quando, ao que faz, por concluir lhe reſta
Couſa alguma, excedendo o ſoffrimento
Entre as meſmas fadigas toma alento.

XXII.

Quaſi dous Soes na Ecliptica luzente
Paſſado o luminoſo curſo haviaõ,
E no ceruleo imperio eſcuramente
Do dia as luzes languidas cahiaõ:
Quando da artilheria a furia ardente
As defenſas dos muros, que impediaõ
Chegar-lhe cos aproxes, já tirara,
E em parte a barbacaã lhe arruinara.

XXIII.

Naõ ſoffreo a galharda intrepideza
Dos Soldados mais tempo aos q̃ ſe irritaõ;
Cada qual ás murallas ſe arremeſſa,
Todos ſer os primeiros ſolicitaõ:
Trepaõ com valoroſa ligeireza,
Eſte ſalta, eſſe voa, aquelles gritaõ;
E dos que topaõ, ſe fugir naõ trataõ,
Neſte daõ, ferem eſſe, aquelles mataõ.

XXIV.

Mas o illuſtre Mendoça em outra parte,
Donde coberto a offenſa proſeguia,
Vendo do Luſo o bellico Eſtandarte
Arvorado nos muros, que offendia:
Dãdo a Alexãdre inveja, aſsõbro a Marte,
Cioſo de taõ brava galhardia,
Expondo-ſe ao perigo, a q̃ ſe iguala,
Sem brecha a parte, em que peleja, eſcála.

XXV.

Menos veloz o ſolto marinheiro
Sóbe á gavia, a pezar dos que refuta
Vaivens, quando co' miſero madeiro
Choca o mar, a agoa inveſte, o Boreas luta:
Que cada qual intrepido, e ligeiro
Sóbe ao muro, a pezar da força muita
Do Heſpanhol, que, já louco do q̃ adverte,
Mortes dá, pedras tira, e rayos verte.

XXVI. Sa-

XXVI.

Sahindo pois com impeto violento
Do ſacre ardente a polvora opprimida,
Cegaõ nuvens de fumo o Firmamento,
Vê-ſe a maquina etherea eſtremecida:
Cheio de ardentes ſanhas deixa o vento,
Pállido o Sol, a eſféra eſtremecida;
E em diſcordia fatal tudo confuſo
Muda o ſer, perde a fórma, eſtraga o uſo.

XXVII.

Tréme a Praça paſmada, e duvidoſa,
Vendo que em taes aſſombros caſtigada
Dos muros jaz a fabrica eſpantoſa
Em cadáveres broncos deſatada:
Bem que ás chammas reſiſta valoroſa,
Fica em cinzas, e incendios ſepultada;
E ſendo ja dos elementos tumba,
Medonha geme, a que cruel retumba.

XXVIII.

O muro cahe, ás torres ſe arruinaõ,
E na defenſa cada qual conſtante
Do riſco zomba; porque naõ fulminaõ
Tiros de bronze a peitos de diamante:
Quando, que a terra acaba, determinaõ
Os coraçoens por armas pôr diante;
E entaõ parece ficaõ mais ſeguros,
Pois he torre o valor, o alento muros

XXIX. Me-

XXIX.

Menos do mando uſando, que do exemplo,
Fazia inda dos riſcos reſpeitar-ſe
O Figueiredo inſigne, que no templo
Da Fama ſabe em tudo eternizar-ſe:
Quando attrevida bála, em quem cõtemplo
Ambiçaõ de querer aſſinalar-ſe,
Lhe fere o roſto, e, ſem que o deſanime,
Caracter immortal nelle lhe imprime.

XXX

Ao bizarro Varaõ, que dos primeiros
Foy no ataque, no alento, e no perigo,
Que applauſos darey eu, q̃ em finrraſteiros
Naõ faça os que inda alcança do inimigo?
Inveja faz aos mais aventureiros,
E os Leoens Heſpanhoes, inda no abrigo,
Tanto em ver eſte lobo ſe eſmorecem,
Que naõ leoens, cordeiros já parecem.

XXXI

Oh quem pinceis taõ vivos hoje achára,
Que fora a taes Varoens baſtante A pelles,
E com pinturas immortaes deixara
Aos ſeculos memoria eterna delles!
Mas q̃ voz póde haver taõ grande, e clara,
Em que poſſa caber deſtes, e aquelles
O valor, ou o que foraõ, ſe os louvores
Meus os puderaõ já fazer mayores?

XXXII. Naõ

XXXII.

Naõ houve voz no agonizar notoria,
Que as queixas déſſe á ultima caricia;
Que ſe o viver á fama era vangloria,
O morrer pela honra era delicia:
Cada golpe hum eſmalte era á memoria,
Cada morte hum triunfo era a miticia;
Porque em fim pela patria, que o merece,
Vive o que acaba, e ſe honra o que padece

XXXIII.

Entretanto que a Praça o ſeu perigo
Quer na meſma defenſa ir fabricando,
Os deſignios, e as forças do inimigo
Vay o Gran Valconcellos decifrando;
Lince do Eſtado, e Guerra, eſtá comſigo
O mar, a terra, o mundo penetrando:
Oh Varaõ Grande, em quẽ gran ſer cõfiſte
Pois todo o mundo, aonde eſtás, aſſiſte!

XXXIV.

Toma-lhe o fado, com que vaõs, e ufano
Taõ cortez a fortuna hum tempo os teve;
E o que intenta vaõ conſervar por annos,
Faz q̃ ſe humilhe, e proſtre em tẽpo breve
Dos clarins, com que a Fama ſoberanos
Por toda Europa os acclamou, recebe
Já applauſos, vivas ja, e aſſim ſe entende
Que huma nos reſtitue, outra nos rende.

XXXV. D

XXXV.

Do pezo, ou gloria entaõ do feu governo
Era o Avila inſigne forte Atlante,
Já pela adverſidade mais eterno,
Que pela fama, que ganhou triunfante:
Oppoſto ao fado com valor ſuperno
Deſpreza a vida, a gloria põem diante;
E ſem ceder ao riſco, que feſteja,
Cortez reſponde, intrépido peleja.

XXXVI.

O ſupremo Varaõ, que reconhece
A gente, ou obſtinada, ou valoroſa,
Ordena que de novo ſe comece
A furia dos moſquetes eſpantoſa:
Ja tudo entre os aproxes ſe enfurece,
Brama a ira das armas temeroſa;
Porèm taõ brava a reſiſtencia ſoa,
Que o ar fere, o Sol turba, os Ceos atròa.

XXXVII.

Menos furioſo rapido torrente,
A quem deteve a fugitiva prata,
Breve dique empolando a groſſa enchente
As pedras rompe, os troncos arrebata:
Que a gente Luſa, a cujo brio ardente
Pio embargara indulto a gente ingrata,
Correndo ás armas brava, e furibunda,
Tudo deeſtra gos, e violencia imunda.

XXXVIII. Já

XXXVIII.

Já tambem entre exercitos de eſtrellas,
As auſencias do Sol ſubſtituia
Cynthia, e co' as armas de ſuas luzes bellas
O véo negro ráſgava á ſombra fria:
Quando de horror fazendo eſcurecê-las
Do trabuco a tremenda artilheria,
Ao rebentar do globo furibundo
Grita o véto, arde a terra, e treme o mûdo

XXXIX.

O diſparar continuo dos moſquetes,
De roſicler tingindo a noite triſte,
Veſte o ar de abrazados martinetes,
E em fogo prova o muro, que os reſiſte:
Arde, aquelle em flammantes galhardetes,
Eſte entre as bálas valoroſo inſiſte;
Sendo o violento ſom de armas, e tiros
Do ar lamentaçoens, do Ceo ſuſpiros.

XL.

Do fogo eſtas funeſtas luminarias
Com novo horror as ſombras deſvanecem,
E enchendo a eſféra de figuras varias
De eſpanto os elementos ſe eſtremecem:
Os Ceos mudando as fórmas ordinarias,
Ja nuvem a nuvem trabalhar parecem
Moſtrando triſtes, que em geral graveza
Geme o ar, o Ceo cahe, o cahos começa.

XLI. Nã

XLI.

Naõ tanto entre as injurias de Janeiro,
Quando o dia ſe enluta, o Ceo ſe enoja,
Em terra, e mar, horriſono chuveiro
Diluvio eſpeſſo de granizo arroja :
Como das cargas ao furor primeiro ,
Que tantas vidas tragicas deſpoja ,
A cerraçaõ, que o orbe atemoriza ,
Bálas chove, iras verte, armas graniza.

XLII.

Menos chêa de albores, que de pranto ,
Deſpertou da Alva o nacar aprazivel,
Naõ já de Progne, e Filomena ao canto ,
Porèm das armas ao furor terrivel :
Veſtindo o ar de luto, o Ceo de eſpanto,
Começa o bronze a fulminar horrivel ;
E os lugares rompendo mais ſeguros
Deſpenha as torres, precipita os muros.

XLIII.

A' muralhá os ſoldados mais brioſos
Trépaõ, quaſi huns dos outros impedidos,
E quando a barbacaã rompem furioſos ,
Muros vem de cadaveres erguidos :
Em fim, ſenhoreando-a valoroſos
Nella o lugar conſervaõ preſumidos ,
E a pezar da bizarra reſiſtencia
Tudo piza o valor, tudo a violencia.

XLIV.

Taõ ſoffrego o valor de todos lida,
Apreſſando em ſeus riſcos a victoria,
Como ſe o que de novo offerece a vida
Lhe houveſſe de furtar do obrado a gloria!
Oh valor Portuguez! E quem duvida
Terás de eterno marmore a memoria?
Pois quando mais entre o furor te enleas,
Mais ambicioſo os riſcos galanteas.

XLV.

Das torres, e dos muros ſuperiores
Vendo as armas de Luſo taõ chegadas,
Chovem ſobre os fataes expugnadores
Alcanzias, barris, bombas, granadas:
Porèm ſaõ como os rápidos fulgores
Do rayo, que das nuvens carregadas
Abortados dos troncos, a que voaõ,
A caſca lambem, o centro naõ magoaõ.

XLVI.

Aſſim atiçados pois ſeguem o eſtrago,
E no ſecreto horror de varias minas,
Por dar ao muro de rebelde o pago,
Lhe abrem ſepulchros, lhe diſpõem ruinas.
Dos defenſores cada qual preſago,
Com diligencias de memoria dignas,
Fez por contraminá-las, mas vaãmente,
Que ignoraõ donde lavra o centro ardente.

XLVII. Ter-

XLVII.

Terceira vez ao auge conduzira
Piroes, e Etonte a fulgida carroça,
Depois que a Praça, ſem ceſſar, ſe vira
Batida da violencia, que a deſtroça:
E como pela brecha, que lhe abrira,
Para aſſaltá-la a gente ſe alvoroça,
Tomada a ordem do q̃ a obrar ſe entrega,
Sancho aos ataques brevemente chega.

XLVIII.

De dous mil, que ao aſſalto deſtinados
Eſtavaõ, eſcolheo de rodeleiros
Breve eſquadraõ, mas tal, que os nomeados,
De muito mais merecem ſer primeiros:
Põem de lanças de fogo outros armados
Junto a quem os mais bravos moſqueteiros
Vaõ, e apreſtando eſcadas ao mais alto,
As minas atacou, depois o aſſálto.

XLIX.

Cabo delle, e de bõas eſperanças
Era de S. Joaõ o illuſtre Conde,
Em quem ſempre ás mais arduas cõfianças
Inda mayor o effeito conreſponde:
Com vivo alento, ardendo entre as tardanças
O immenſo coraçaõ no peito eſconde
Apenas; porque vê que o peito errante
Lhe rouba huma victoria cada inſtante,

L.

Mas porque tudo entaõ naõ çoçobraſſe
Em diluvios de fogo, em mares de ira,
Quiz o Gran Capitaõ que ſe ſalvaſſe
Na clemencia o que a força ſubmergira:
Outra vez ordenou que ſe chamaſſe
O Caſtelhano, a quem moſtrar aſpira
O que fará co' as armas, e a crueldade
Quem o vencia ja com a piedade.

LI.

Suſpenderaõ-ſe as armas, e o fámoſo
Sancho fez a chámada, a quem naõ veyo
Fallar entaõ o Avila animoſo,
Por ſer eſtylo ao governar alheyo:
Dom Luiz de Barrio, valoroſo
Capitaõ de Couraças, grave, e cheyo
De alentados eſpiritos ſe offerece,
A quem Sancho ſauda, honra, e conhece.

LII.

Louva-lhe o bem que haviaõ procedido,
O mais lhe prova ſer barbaridade;
Da Praça moſtra o damno conhecido,
E co' proximo eſtrago o perſuade:
Diz, que vir offerecer-lhe algum partido
Já, mais que cõveniencia, he chriſtandade;
E que depois ſe eſperaõ tê-lo affavel,
Faraõ toda a clemencia inexoravel.

LIII. Pa-

LIII.

Para tratar do honeſto ajuſtamento,
Depois de vario inſtar de cada parte,
Sahio fóra o Barrio, moço attento,
Em quẽ ſe acha eloquencia, animo, e arte:
Jeronymo de Moura, em cujo alento
Se arma Mercurio, e ſe ſuaviza Marte,
Foy em refens; e ſabe quando chega
Notar a Praça, e perſuadir a entrega.

LIV

Logo ao Gran Vaſconcellos enviado (cia
Foy o dito Heſpanhol, e em breve audien-
Ouvido, contradito, e bem tratado
Tornou, ſem concluir-ſe a conferencia:
Sobre os partidos, que pedira ouſado,
Quiz que o noſſo valor, feito paciencia,
Lhe déſſe do que havia promettido
Tempo capaz de ver-ſe ſoccorrido.

LV.

Porèm ſendo favor impracticavel,
Manda que á Praça torne, e brevemente
Cobrando-ſe os refens, mais formidavel
A guerra invada ao Avila inſolente:
Mas elle, que a ruina lamentavel
Do eſtrago prevenido adverte, e ſente,
Depois de o conſultar co' a gente toda
Ultimamente ao fado ſe accommoda.

LVI.

Oh que ſoldado o grande Sancho eſteve
Toda huma noite as iras aturando
Do tempo, ſem q̃ a chuva, o vento, a neve
Pudéſſe tanto alento ir reſfriando:
Do ginete veloz, que os ventos bebe,
E eſtá orgulhoſo o freyo maſtigando,
Sem ſe apear, de nada em fim ſe altera,
E a concluſaõ do rendimento eſpera.

LVII.

O Grande Vaſconcellos lhe concede
Todo o honeſto favor, que ſe coſtùma,
Por naõ querer no aſſalto, que ſe pede.
Que a gente, e Praça o riſco lhe conſuma:
Co' partido, que em nada o juſto excede,
Quer que com defender-ſe naõ preſuma,
Que ao braço invicto ſeu mais ſe reſiſte,
E q̃ eſte exemplo os outros lhe conquiſte.

LVIII.

Já do dia a purpurea Primavera
De téla de ouro, e nacar ſe veſtia,
E ás rizadas da luz na vaga eſféra
A muſiça das aves reſpondia:
O Sol, que mais brilhante amanhecera,
Se anticipara a celebrár o dia,
E o ſonoro clarim com bravo accento
De eſtrondo enchia o ar, de feſta o vento:

LIX. Quan-

LIX.

Quando do ſexto Affonſo a Mageſtade,
Da materna columna em fim ſuſtido;
Por quem a mais imperio o perſuade
A fama em ſeu louvor deſvanecida:
Triunfando já da Ibéra adverſidade,
A Praça ſe acclamou reſtituida,
Sendo ao Gran General o mór eſtudo
Moſtrar que niſto os Reys obraraõ tudo,

LX.

Oh ſupremo Varaõ, por vós mais digno
Do ſangue Regio de Aragaõ, q̃ honraſtes,
Pois em tempo taõ breve inda benigno
Venceſtes a fortuna, o mais proſtraſtes!
Que Reyno, Plaga, ou clima peregrino
Deixará de applaudir o que hoje obraſtes,
Se he força, q̃ o valor, q̃ em vós ſó coube,
Envergonhada a meſma inveja louve?

LXI.

Mas q̃ voz, que eloquẽcia ha de atrever-ſe
A louvar do que ſois o preço, a gloria,
Se he mais para admirar-ſe, que dizer-ſe
O menos, q̃ em voz canta hoje a memoria?
Diga-o aquella acçaõ, com q̃ ao vencer-ſe
Foy mayor a modeſtia, que a victoria;
Pois ſem creſcer o goſto hum movimento
Da admiraçaõ fizeſtes linguas cento.

LXII. Só

LXII.

Só de ouvir voſſo nome eſtremecidos
Os Coloſſos da Iberia celebrados
Jazem no medo, ou confuſaõ cahidos,
Menos muito eſpantoſos, q̃ aſſombrados:
Se pois de tanto Imperio mais luzidos
Idolos já ſe proſtraõ derrubados
A louvar eſſa fama venerada ;
Que mundo ha de baſtar á voſſa eſpada?

*Camila Rainha dos Volscos combateo valorosamente a favor de Turno, e dos Latinos contra Eneas, e naõ obstante ter sido por seu pay Metabo dedicada a Diana, e por esta Deosa ser cominada a morte a quem a matasse, Aruntes, apanhando-a de improvizo, com huma lança lhe atravessou o peito, cujo profundo golpe a privou da vida.*

## SONETO.

TRaspassa Aruntes a Camilia o peito
Aó golpe d'uma lança rigoroso,
E quando julga ser mais venturoso
A perigo mayor se faz sujeito.
Expõem-se a mais, porq̃ sem ter respeito
A'quella Deosa, mostra-se aleivoso;
E se fica no campo victoriozo
De atrevido terá sempre o defeito.
Se esta acçaõ faz que fique na memoria
Das gentes por cruel eternizado,
Que proveito lhe causa esta victoria?
Melhor lhe fora tal naõ ter obrado
Pois em deixar-lhe a vida tinha a gloria
De ser por ella morto, ou dominado.

# A ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO,

*Em louvor do ſeu livro das Excellencias de Portugal.*

## SONTO.

QUando de Portugal las excellencias
Explicas ſingular, ſabio deſcrives,
Com la miſma excelencia, com q̃ eſcrives,
Las deſcripciones buelves evidencias.
Los tropos, los cõceptos, las ſentencias,
Con que a ſublime lauro te apercibes,
Las excelencias ſon, con que prohibes
Al Aſia con Europa competencias.
Oh feliz Portugal, pues juntamente
Adquiere por tu cauſa mil vitorias,
Y mil vezes por ti queda excelente:
Una por ſer aſſunto a tus hiſtorias,
Otra por ſer de ti patria eminente,
Y muchas, porque vive en tus memorias.

Mas entre tantas glorias
Quantas le dá por ti ſu feliz ſuerte
Quien duda es la mayor oirte, y verte,

*A HU-*

# *A HUMA SAUDADE.*

## SONETO.

QUando ſe haõ de acabar taõ crueis do-
(res
Com que me tens, amor, tyrannizado?
Tam indigno eu ſerey, taõ deſgraçado,
Que nunca veja algum dos teus favores?
Ainda me cauſarás penas mayores?
Acabarey a vida neſte eſtado?
Pois quanto mais por ti for maltratado,
Tanto mais amarey os teus rigores.
Por mayor q̃ ſe moſtre o meu tormento,
Se nõ deſprezo meu forte, conſtante,
Muito mais o ſerey no ſoffrimento
Seja embora a ferida penetrante
Que em quãto naõ perder de todo o alento
Nunca ſe renderá meu peito amante.

*Por hum engenho deſta Corte.*

*Ao meſmo Aſſumpto.*

# SONETO.

BAſta ya crudo amor de tyrania
Dexame en paz vivir un breve inſtante
Que delito hazer pudo un triſte amante
Que mereſca una pena tan impia!
Gaſte las horas de la noche, y dia
En amar la hermoſura mas brilhante,
Y ſi crimen fue atrós el ſer conſtante
Suplicio aun mas fuerte yo merecia.
A tu valor invicto una vitoria
De un pecho tan cobarde, y temerozo
No puede ocazionar alguna gloria,
Mas ſi es tu guſto verme diſguſtozo
En tu crueldad quedará memoria
De lo mucho que has ſido rigurozo

*Por hum Engenho deſta Corte.*

A MA-

# A MANOEL DE FARIA SEVERIM.

*Em louvor dos ſeus diſcurſos.*

## SONETO.

PArar do penſamento o veloz curſo,
Ser do meſmo ſaber modélo honroſo;
Suſpender o diſcurſo mais famoſo,
Póde de Severim qualquer Diſcurſo,
Quanto mais conſidero, é mais diſcurſo
Em louvor deſte engenho portentoſo,
Mais vejo qué he portento no engenhoſo,
Por quem a ſuſpenſaõ naõ tem recurſo.
Oh feliz Severim! pois admirando
Naõ ſó fica os da patria enriquecendo,
Mas fica aos mais eſtranhos obrigando:
Pois hum, e outro pólo ſuſpendendó,
Se os proprios enriquece diſcurſando.
Obriga os eſtrangeiros eſcrevendo.

*Por hum Anonymo.*

*Mata Achiles a Heitor, que depois de arraſtado junto aos muros de Troya, he remettido em pedaços para as náos.*

# SONETO.

ACaba a vida, Heitor, pois a ouzadia,
Que tomas, naõ merece outro caſtigo;
E ſe agora pelejas ſó commigo,
Vê quanto póde a minha valentia.
Tu quizeſte morrer em tyrannia,
Pois voluntario buſcas o perigo;
E ſe tal crueldade uzas commigo
Que muito he, q̃ eu pratique o que devia!
Os Troyanos, por quem tu combateſte,
Vendo teu corpo aſſim deſpedaçado,
Ja conhecem os erros, que fizeſte.
Nunca ſerás na terra ſepultado;
Porque ſe áquelle Heróe a morte déſte,
Sempre lhe deves ſer ſacrificado.

*Por hum Engenho deſta Corte.*

AOS

# AOS ANNOS DO PRINCIPE NOSSO SENHOR,

*De Julio de Mello e Caſtro.*

## SONETO.

EM vós, Auguſta nova confiança,
Da Luſa conſeguida liberdade,
Saõ os annos huns paſſos, com que a idade
Caminha aos deſempenhos da eſperança.
Feliz mil vezes Portugal, que alcança,
Taõ alta ſuperior felicidade:
Só póde perigar com a vaidade,
Que tudo mais promette ſegurança.
Inda que tres os annos, ja parece,
Que por Real indulto da grandeza
Naõ eſtá nelles a razaõ em calma;
E ſe cada anno voſſo reſplandece
Quando entregue ſómente á natureza,
Que ſerá quando corra á conta d'alma!

Na-

*Namora-ſe Pigmaleam de huma Eſtatua de pedra, obra de ſuas meſmas mãos.*

# SONETO.

PIgmaleam amante ſe namora
D'uma Eſtatua, que abrio em pedra dura;
Pois dotando-a de tanta formoſura
Negar-lhe adoraçaõ delicto fora.
Sem alguma eſperança, a qualquer hora
Sinaes lhe manifeſta de ternura,
Que o amor verdadeiro naõ procura
Exterior incentivo no que adora,
Naõ baſta deſte marmore a dureza
Para que poſſa ter o dezengano;
Pois nunca ha de acabar ſua firmeza.
Tem por gloria o viver em tal engano,
Que he tanto poderoſa huma belleza
Que athé fingida attrahe hũ peito humano.

*Por hum Engenho deſta Corte.*

AO

# AO DOUTOR FILIPPE MACIEL,

Diſcorrendo ſobre a Juriſprudencia.

*De Bartholomeu Lourenço de Guſmaõ.*

## SONETO.

DIgno Orador do ſeculo de Auguſto,
Nobre luz da immortal Juriſprudẽcia:(cia,
Naõ ſey ſe admire em vós mais a eloquen-
Se a vaſta cõprehenſaõ do injuſto, e juſto.
Do mundo póde ſer inveja, e ſuſto,
Que ambas brilhem em vós á competencia;
Que naõ ſe eſtreita á eſféra de hũa ſciẽcia
Hum engenho taõ alto, e taõ robuſto.
Se entre Tullio, e Cataõ Roma vos vira,
Cataõ pay do Direito, Tullio orando,
Da trombeta da Fama altos aſſumptos,
Huma eſtatua mayor vos erigira,
E a collocára entre ambos, exclamando:
Eſte he ſó, quando eſtoutros foraõ juntos.

*Codro Rey dos Athenienſes vendo que a ferro, e fogo os inimigos deſtruiaõ a regiaõ de Atica, deſconfiando do humano auxilio, perguntou ao Oraculo de Apollo Delfico, como ſe poderia findar aquella taõ grave guerra? O qual reſpondeo, que ſó ſe elle nella morreſſe; e ſabendo eſte, que por edicto ſe prohibia, que ninguem ſeu corpo feriſſe: veſtido ordinariamente ſe introduzio com elles, que entaõ eſtavaõ comendo, e ferindo a hum, aſſim o obrigou a que o mataſſe.*

## SONETO.

PRocura a morte Codro, porque a vida
Tem por menos, q̃ a paz da patria amada;
E ſó porque eſta fique ſocegada
Deſeja receber mortal ferida.

Vê a ſua Republica invadida,
E de inimigos barbaros cercada,
E porque deſtes fique libertada,
Vay eſcolher entre elles homicida.

Chega, e taõ fortemente deſejozo
Se moſtra de morrer por tal motivo,
Que hum contrario accommette rigorozo;

Quer a troco do golpe mais activo
Fazer o ſeu imperio venturozo,
E na memoria humana ficar vivo.

CE-

CELEBRANDOSE EL NOMBRE.
DELREY N. SENHOR
# D. JUAN V.

*Del Viſconde de Aſſeca.*

## SONETO.

Este obſequio, ó Monarca, q̃ te aclama,
i tu nombre celebra, en vano aſpira,
Que aſta la ſuſpenſion de lo que admira
laze callar al eco de la fama.
Si en tal elevacion ſu ardor inflama,
[ le deslumbra el buelo, con que gira,
)exe el ſer ſacrificio por ſer pira,
)exe el ſer luzimiento por ſer llama.
En ſu miſma ſublime altiva empreſa
Tan feliz confuſion ſu aplauſo aſſombre,
Inmudeciendo el culto a ſu fineza.
Tu grandeza, Señor, ſolo te nombre,
[ quando incomprenſibile es tu grandeza,
Como ha de cõprenderſe tanto Nombre?

*Vence D. Franciſco de Almeida os Mouros em Mombaça, e lança por muitas partes fogo á Cidade.*

# SONETO.

ARda Mombaça, ſeja aſſim punido,
Barbaros, eſſe voſſo atrevimento;
Nas cinzas fique eterno monumento
Do valor Luſitano eſclarecido.
Se nunca me tiveſſeis reſiſtido,
Seria o meu furor menos violento,
E mais util que a morte o rendimento:
Quanto fora melhor ter-vos rendido!
Timidos abraçaſteis a fugida
Cuidando que ficaſſe aſſim ſegura,
E do meu rigor livre a voſſa vida.
Mas para que fizeſteis tal loucura
Se a voſſa terra fica deſtruida,
Se a minha eſpada ſempre vos procura?

*Por hum Engenho deſta Corte.*

AHU-

## A HUMA AUSENCIA.

# SONETO.

Vida, que naõ acaba de acabar-ſe,
negando já de vós a deſpedir-ſe,
a deixa por ſentida de ſentir-ſe,
u póde de immortal acreditar-ſe.
Vida, que ja naõ chega a terminar-ſe
ois chega de vós adividir-ſe,
u procura vivendo conſumir-ſe,
u pertende matando eternizar-ſe.
O certo he, Senhor, que naõ fenece,
ntes no que padece ſe reporta,
orque naõ ſe limite o que padece.
Mas viver entre lagrimas que importa,
: vida, que entre auzencia permanece,
e ſó viva ao pezar, ao goſto morta.

*De huma Anonyma.*

*Man-*

*Manda Valerio Publicola lançar fogo a ſua caſa, por ſe preſumir, por elle habitar em ſitio fortificado, e naõ nomear Conſul em lugar de Bruto, que ſe queria fazer Rey de Roma.*

## SONETO.

ESte famoſo emprego, que exercito
Deſempenhar quiz ſempre, povo amado;
E ſe mal tenho alguma couſa obrado,
Negligencia ſe chame, naõ delicto.
Injuſtamente porque em Velia habito,
E naõ nomeey Conſul, ſou culpado;
E merecendo hum premio avantajado,
De vós recebo hoje huma affronta invito
O conceito, que eſtais de mim fazendo,
Farey com minhas obras mentirozo,
Em quanto neſta eſféra for vivendo.
A minha caſa, e todo o precioſo
Ornamento, que inclue, agora accendo,
Que he juſto que ſe extingua o que he damnoſo.

A' RO-

# Á ROSA.

## SONETO.

POmpa de Abril, liſonja dos ſentidos,
Deſempenho do prado, linda roſa,
Que para ſeres flor a mais formoſa
Cores achaſtes em rubîs perdidos.
Papeis em flores eraõ divididos,
Eſſas flores, que Venus amoroſa
Com ſangue rubricou, bem deſejoſa
De ver em ti ſeus fógos accendidos.
O' das flores belleza peregrina,
Naõ te confies neſſa divindade,
Que muy cedo verás tua ruina:
A pouca, em que morres, terra idade,
Inviſivel ſe faz, e naõ divina
Porque tomaſte o ſangue de deidade.

*De huma Anonyma.*

YEN

*Yendoſe la ſangre de una ſangria.*

## SONETO.

OH, nó reprima, nó, piedad, impìa,
El purpureo raudal de aqueſta ſuente,
Que a quien recelos de un agrabio ſiente
Dilatarſe la vida es tirania.
Lleve, lleve eſta vez, lleve la mia
El furioſo raudal de una corriente,
Que ſi pudo el amor hazerla ardiente
Tambien pudo el temor bolverla fria.
Salga pues a la ſangre vinculada
Por la pequeña puerta deſta herida
La vida, que preſumo deſdichada:
Que mejor es, ay Dios, rendir la vida
Al poder de una muerte averiguada,
Que al rigor de una offenſa preſumida.

*De huma Anonyma.*

# SAUDADES DE AONIO,

## PELO DOUTOR ANTONIO BARBOSA BACELAR.

NO remontado cume
De hum monte ſolitario,
Que terminando á viſta o Horizonte,
Engeitou o ſer nuvem, por ſer monte,
E paſſeando a ethereа galaria,
Farol era do dia,
Do dia taõ ſómente,
Que na aſpereza ſua
Nunca tocou o reſplandor da Lua:
Porque eſcalando ouſado o Ceo primeiro,
Olhava para a Lua ſobranceiro,
E atropellando a maquina luzente,
Era entre as luzes bellas
Apparador brilhante das Eſtrellas.
Vice-Athlante immortal do Firmamẽto
Aos pés calçava o vento,
E intacto ao rayo ardente

Eſ-

Eſcuta o fulminar, o ecco ſente;
Mas livre da tormenta
Nunca o golpe experimenta,
Que como ao vento piza
Lá baixo no profundo de ſeu centro,
No alto aos elementos ſoberano
Tem á officina os rayos de Vulcano.
Só na batalha dura,
Quando os filhos da terra,
Levantando huma ſerra em outra ſerra,
Aos Deoſes ſeus contrarios
(Que a tanto o humano deſatino paſſa)
Quizeraõ deſpojar da etherea caſa,
Deſatinadamente temerarios,
Deſte monte huma parte derrubaraõ;
Que ſendo o bando a todos publicado,
Eſte monte ſómente
Teve as partes dos Deoſes, rebellado
Aos montes ſeus irmãos, porèm menores,
Ou por ſerem os partidos lá mayores,
Ou por ſer ſeu viſinho mais chegado.
E quando o monte Pelion
Pizou o cume ao Oſſa,
Do exercito gigante
Grande a ſoberba foy, mas naõ baſtante
A abarbar eſta maquina imperioſa,
Que ſobranceira aos golpes

Das

Das armas, que a violencia deſpedia,
Só nas fraldas provava a bateria.
Neſta dura montanha,
Imperioſa atalaya da campanha,
Neſta robuſta ſerra,
Terror do campo, credito da terra,
Suſpiros dava ao ar, queixas ao vento,
Cuidados ao tormento,
E em ſaudoſo exercicio
Paſſos ao precipicio
Do monte penhaſcoſo
Aonio ſaudoſo,
Que auſente firme de huma ingrata bella
Seu retrato buſcava em cada Eſtrella;
E fazendo comſigo
De ſeus males reſenha,
Seus deſgoſtos contava a cada penha;
Porque, inda que nenhuma reſpondia,
O meſmo em Lyſis via:
E como tanto a Liſis adorava,
Faltas de reſponder naõ eſtranhava;
Antes nas penhas mudas
Móres favores acha;
Mayores graças deve;
Que á ſua bella ingrata;
Porque ſe cada penha
A's queixas naõ reſponde,

Ao menos naõ lhe foge, nem ſe eſconde.
Ay ſuſpirada auſente!
(Com hum ſoluço brando
Dizia ſuſpirando)
Ay adorada minha!
Bem que minha naõ já, mas adorada,
Mudavel bella, quanto bella amada,
Pois em tua preſença amada, e bella,
Deſta dor, que me mata,
O allivio me levaſte,
Que taõ ſómente tinha
Para poder ſoffrê-la,
Porque me naõ levaſte a cauſa della?
Preſidido da Eſtrella, que primeira
Annuncios dava á Aurora
Das eſtaçoens do dia embaixadóra,
Dos creſpuſculos ambos menſageira,
Feniz em fogo ardente,
Batia o Sol ás portas do Oriente,
E aſſomando ſeus rayos ao Horizonte,
Foy eſta a vez primeira,
Que naõ topou c'o monte,
Que naõ ferio o outeiro,
Que os olhos do Paſtor tapou primeiro:
Ou já de commovido
De ſeu pranto queixoſo,
Ou por ver curioſo

Quem

Quem com ſuſpiros triſtes,
Quem com ſom taõ pezado
Lhe dava os parabens de bem chegado,
Quando cantando graves
Lhe alternavaõ canoras chançonetas
Harmonicas as aves,
Ou porque como o officio
Do rayo matutino
He enxugar ſuave
O que a noite humedece,
Achando ſecco tudo
Da toſca penha ao ruſtico ſylvado,
Só nos olhos de Aonio achou molhado;
Aonio deſcontente
Suſpendeo a corrente
Das laſtimoſas queixas,
Com que a pena allevia,
Que inda eſte mal lhe fez o novo dia;
E attendendo inclinado
Aos rayos eſparcidos,
Com quebros bem ſentidos,
Com mal formadas vozes,
Deſta maneira diſſe:
Naſce, eterno rubim, de cujo imperio
Pende toda a eſtrellada Monarchia,
Progenitor do dia,
De hum, e outro hemiſferio

Eter-

Eterno Presidente,
Que exercitas constante alternamente,
Variando a residencia,
N'um, e n'outro hemisferio a presidencia:
Nasce Primaz da esféra,
Das luzes o morgado,
De ti mesmo nascido, em ti gerado,
Que a tua vinda espera
O campo, o prado, o rio, o bosque, a fonte,
Nasce propicio, alegra o horizonte,
Que se nascendo a todos satisfazes,
Só para mim naõ nasces.
O simplez pintasilgo,
A rude filomena
C'o a capella destrissima das aves
Em requebros suaves
Alternaõ a suave cantilena.
Retoça o bezerrinho
Pelo prado viçoso,
E saltando contente
Vê no chaõ figurado alegremente,
Pelo rayo, que assoma no horizonte,
O ramo, que lhe fica pela fronte.
Balando o cordeirinho
Festeja o rayo novo,
Lá se alegra a seu modo,
Com rara melodia

Vay murmurando o rio docemente,
Fazendo viſos na agoa cryſtallina
Com o rayo, que a fere brandamente,
E em quanto alegre corre,
Aqui foge veloz, prezo alli fica,
Folga de ver as vias, que diſcorre,
E as flores, que ſalpica.
Throno de graã purpurea a roſa
Toucada de ouro fino,
Que ſe acoſtou pimpolho,
E em virtude do rayo matutino,
Para contar a vida de huma Aurora,
Veſtindo nacar amanhece agora.
Ao leaõ mais arrogante,
Mageſtade das féras imperioſa,
Alegra a luz formoſa;
E paſſando o monte
Das fortes garras toſcamente armado;
Conſultando hum eſpelho em cada penha,
Touca a encreſpada grenha,
Que naõ implica ao forte o aſſeado.
Repete o ſeu caminho
O paſſageiro alegre,
E em ſeguro exercicio
Acorda o lavrador ao toſco officio.
O enfermo, que ſuſpira,
Vê nova luz reſpira.

Tudo

Tudo deſcança em fim, tudo ſe alegra;
Só eu, ſem ter deſcanço,
Na confuſaõ da noite o dia quero,
Na alegria do dia a noite eſpero.
Naſce contente, pois que bem parece
Que Lyſis outros prados reverdece,
Pois bem me lembro agora,
Quando ella eſtes prados habitava,
Quantas vezes á Aurora
Luzir mayor eſpaço conſentias,
Porque á viſta dos olhos,
Por quem peno ſaudoſo,
Ou de puro medroſo naõ ſahias,
Ou menos mageſtoſó,
Temendo competencias
Oſtentavas a luz á intercadencias,
Huma vez parecia, outra faltava,
Como quem de cobarde atraz tornava.
Detem os rayos, pois que meu deſejo,
Por cada vez, que deſpertar-te vejo,
Bem ſey que ja me ordena
Hum dia mais de pena;
Mas ſe ás voltas da pena, que me alcança,
Hum dia ſe me encurta a eſperança,
Naõ te detenhas, naſce; e ſe mereço
Algum favor de preço,
Inſta o carro apreſſado,

Ligeiro róda o circulo dourado;
E ſe lá na batalha,
Que deo ao povo idolatra Amorrheo
O Capitaõ Hebreo,
Cortezaõ aſſiſtente
Te paraſte aò eſpectaculo valente,
Tendo, como eſcudeiro,
Na maõ a tocha ao Capitaõ guerreiro;
Propicio agora a meus ſuſpiros graves
Sabe mover-te, pois parar-te ſabes.
Acabou c'um ſuſpiro
O diſcurſo com outro começado,
E ſuſpendido quaſi em ſeu cuidado,
Sem ver o que fazia,
Todo arraſtado apoz da fantaſia
Foy deſcendo confuſo a hum verde prado,
Quem n'um vergel ſombrio
Flora eſcondera ao Eſtio,
Onde o corno Amalthea derramava,
Com que as fraldas do monte alcatifava:
Aqui com cada flor filoſofando,
Razoens de ſentimento
Achava em cada flor ſeu penſamento,
E atraz de cada eſpaço,
Que o paſſo ſuſpendia,
Dizia ſuſpirando:
Ah doce auſente minha!

Cada flor o detinha,
E a cada flor attento
Sequellas inferia ao ſeu tormento.
Huma roſa encarnada
Com melindres de bella,
Com preſumpçoens de Eſtrella
Fazia aqui galante
Oſtentaçaõ de purpura brilhante:
Aonio commovido
Lhe diſſe enternecido:
Ay formoſa memoria,
Retrato de huma gloria,
Que poſſui taõ breve,
Nevoa ao Sol, fumo ao ar, ao vento neve,
Malograda formoſa,
Roſa defunta, quando apenas roſa.
Em huma mata verde
Hum jaſmim odorifero nevava,
E derramando cheiro
Ao vento ſuavizava,
Quando Aonio paſſando,
A's vezes a cabeça meneando,
Diſſe comſigo: Ah triſte!
Quanto ha já q̃ me falta o brando alento.
Daquella voz branda o doce acento,
Que alegre a meus ouvidos reſpirava,
Com que a vida animava,

Fa-

Fazendo verdadeiras docemente
Mentiras do Oriente !
Huma roſa do Sol em outra parte
Sequaz, e firme amante
Do rayo rutilante ,
Ao rayo , que começa ,
Adornava os trançados da cabeça ,
E outra vez renaſcida
Veſtia a gála quaſi amortecida ,
Ou que a morta eſperança renovava ,
Ou que á viſta do amante ſe enfeitava :
Aonio ſaudoſo
Lhe diſſe de invejoſo :
Ditoſa tu , que logras
Com amante reſpeito
Depois de auſencia breve
A teu querido objeito ,
E triſte de quem pena
Taõ fóra de bonança ,
Que inda lhe nega allivios a eſperança ,
Logra ditoſo o fim do teu emprego :
Em quanto eu vivo cego ,
E em quanto o bem te invejo ,
Mate-me muito embora o meu deſejo:
Se dez horas de auſencia ,
Em que teu vago amante
Alterna n'outro pólo a preſidencia ,

Te tinhaõ já defunta em luto, e pranto,
Que fará triſte quem padece ha tanto!
Haverá inda algum dia,
Que eu veja eſta alegria?
Mas oh vaõ penſamento,
Inda eu cuido que ha ahi contentamento!
Alegre copa dava hum verde freixo
A' florida alcatifa
De hum deleitoſo aſſento,
Onde logrando do docel copado
Se aſſentou de canſado,
E embebido todo em ſeu cuidado
Suſpenſo, e diſcurſivo
Retratava comſigo o goſto altivo
De ſeu querido empenho;
Alli o pincel do engenho,
Cortezmente atrevido,
Seguindo o parecer do penſamento,
Retrata Lyſis branda a ſeu tormento,
Hora eſquiva a retrata,
A ſeu tormento ingrata,
Mas ſempre ſuſpirando,
Quando com quebros graves
Lhe profanaraõ o ſilencio brando
Dous rouxinoes ſuaves,
Dous pardos ramalhetes,
Que a falſas, e a motetes,

A ca-

A cadencias, e a quebros
Alternavaõ cuidados, e requebros,
E pico a pico docemente attentos
Se trocavaõ as almas nos alentos;
Aonio alvorotado,
Quaſi eſteve arrojado
A interromper ligeiro
Dos amantes cantores
Os muſicos amores;
Porèm depois que a ira
Deo lugar ao diſcurſo, que delira,
Deixando ſocegado
O peito magoado,
Com olhos cheyo d'agoa,
Dizendo a boca, mas dictando a mágoa,
Lhes fallou deſta ſorte:
Ditoſos vós, que em muſicas cadencias
Naõ padeceis auſencias;
Ditoſos vós, que em quebros dilatados
Lograis favores, e alcançais cuidados;
Porèm ſe a cortezia
Em voſſos peitos mora,
Suſpendey por hum pouco a melodia,
E quando naõ os quebros,
Ao menos os requebros,
Que a memoria traidora
Naõ ſey que glorias me figura agora

Gos-

Goſtoſas fim, mas leves,
Perdidas largas, e gozadas breves.
Mas naõ quero impedir-vos invejoſo
Hum bem de tanto preço,
Hum bem, que naõ mereço;
Proſegui voſſo eſtado venturoſo,
Que tambem algum dia
Podereis invejar-me a companhia
Parece que advertidos
A's queixas, e gemidos
Os dous amantes brutos,
O quebro numeroſo
Suſpenderaõ no thalamo amoroſo,
E deixando o raminho,
Em que fizeraõ tregoas ao caminho,
Azas deraõ ao vento
Ambos taõ igualmente em companhia,
Que julgar naõ podia o penſamento
Qual era o que ſeguia;
A attençaõ fim de Aonio
Os paſſos lhes contava,
E vendo que hum ſeguia, outro voava,
Começou a queixar-ſe á natureza:
Dizendo com triſteza:
Oh quem azas tivera
Para voar contente
A ver Lyſis auſente,

Que

Que pouco que a fortuna em mim puderá!
Oh natureza injuſta!
Oh tyrannia grave!
Que falte a hũ triſte o q̃ ſobeja a hũa ave!
Que proprio do cuidado he o deſvélo!
Pois apenas o monte lhe aborrece,
Ao prado apenas deſce,
Quando outra vez ſuſpira pelo monte!
Oh gran deſaſſocego!
Bem parece que o guia hum moço cego.
Ergue-ſe em fim, e agradecendo humilde
O liberal hoſpicio
Ao deleitoſo freixo,
Lhe diſſe. Aqui te deixo
Em memoria cortez do beneficio
A couſa, que mais quero,
O nome, que venero,
E talhando curioſo
O doce nome da querida ingrata,
Co' a magoa, que a lembrança lhe penetra;
Hum ſuſpiro formava em cada letra:
Lyſis em fim eſcreve,
Ficando a hum tronco toſcamente bronco
O nome de outro tronco,
Accreſcentando abaixo triſtemente:
Em vão te buſca, quem te chora auſente.
Irreſoluto parte,

E ſem

E ſem ſaber adonde
Guia a planta canſada.
Deixou ao acaſo o acerto da jornada,
Que por goſto ſómente
Alegre caminhára,
Onde Lyſis achára;
Mas como auſente a tinha,
Sem reparar adonde, em fim caminha.
Triſte caminha, quando
Parando hum pouco a planta mal ſegura,
Vió huma cóva eſcura,
Huma gruta medonha,
Que entre abertos reſquicios
Convidava ſómente a precipicios,
Sepultura, ou morada,
Se naõ de féras brutas habitada,
De ecco palreira, onde occulta vive
Em pena da ouſadia commettida,
Repartindo ſómente a voz partida
Do acento mais inteiro,
Só ſe por dita eſcuta ao paſſageiro
De ſeu Narciſo o nome,
Ou o naõ torna fóra,
Ou com graça, e aviſo
Repete inteiro o nome de Narciſo,
Suſpenſo hum pouco diſſe
Em fim tanta dureza

Minar o tempo póde!
E lembrando-lhe a gloria d'algum dia,
Tornou em ſi dizendo:
Em que me eſtou detendo,
Que ſe o tempo acabou meu paſſatempo,
Aſſás ſaber devia
O quanto póde o tempo?
Porèm em fim, ſe o tempo póde tanto,
Que muda o riſo èm pranto,
Mudar o pranto em riſo,
Mudar em alegria
Eſta minha triſteza,
Que agora ao peito por matar-me acode,
Porque naõ póde? Diz-lhe o ecco: *Póde.*
Eſta reſpoſta o teve
Hum pouco ſuſpendido, e naõ ſabendo
A quem o allivio deve,
Faz a ſeus males pauſa,
Té que attendendo á cauſa,
Emendou-ſe de ufano;
Porèm virando o roſto ao deſengano,
Fez ſe deſentendido
Por lograr entre a pena de eſquecido
O bem de hum doce engano,
E proſeguindo diſſe:
Neſſa promeſſa, que meu peito alcança,
Naõ póde achar entrada a eſperança;

Que

Que em fim Lyſi inclemente
Naõ ſente o mal de hũ peito auſente: *Sẽte.*
Oh oraculo ditoſo,
Grande applauſo mereces,
D'um peito receoſo,
Porque inda que me enganes na alegria,
O credito te devo em corteſia,
Mas quãto mais me abrazo em viva chãma,
Bem ſey que Lyſis me deſama: *Ama.*
Eterna vive neſſa gruta, aonde
Cruel fado te eſconde,
Aura ſempre toante,
Suſpiro ſempre vivo,
Oraculo dos montes,
Alma da penha, cortezaã dos boſques:
Vive neſſe cubiculo ſecreto,
Que á ley de agradecido te prometto
Que vejas neſſa gruta
O teu bello Narciſo,
Para que ſatisfeita de improviſo
Com mais abraços, e com menos vozes
Em flor ao menos transformado o gozes.
Aſſim dizia, quando
A planta mal enxuta
Salteada ſe achou de arroyo errante,
Que de huma rocha bruta
Se vinha deſpenhando

Rui-

Ruinas em aljofares pagando.
Aonio diſcurſivo
A ver a origem parte
Do arroyo fugitivo,
Que entre traveſſos gyros
Murmurando diſcorre,
Aqui naſce, alli fica, acolá corre,
E entre confuſas voltas
Mente feu naſcimento com tal arte,
Que quando lhe buſcava o naſcimento,
Titubear fazia o penſamento,
E em cada breve eſpaço
Retroceder o paſſo;
Mas por mais que ſe eſconde,
Occultar-ſe naõ póde a diligencia
Da curioſa advertencia,
Que entre frondoſas ramas encoberto
Em fim achou o acerto.
Em braços toſcos de huma penha inculta
Naſce pequena fonte,
Tenra ſangria do eſcabroſo monte,
Parto ſuave do aſpero rochedo;
Deleitoſo arvoredo
Lhe tolda hum breve tanque,
Onde cahindo pára
Em placido remance,
Sendo em prizoens de prata

Liſonja branda de huma rocha ingrata.
Próvida a natureza
Em competencias da arte
Hum aſſento lavrara a cada parte,
Onde encoſtado Aonio,
Lhe pronoſtica o termo da jornada,
Miſturando agoa doce co' a ſalgada,
Que de ſeus olhos corre:
Naſce, (lhe diz) harmonica palreira,
De meu mal companheira,
Cryſtal precipitado,
Naſce (lhe diz) reverdecendo o prado,
Peruleira Indiana,
Que em cabedaes de perolas ufana
Deſperdiças as perolas ao monte:
Naſce, luzida fonte;
E neſte breve tanque
Teu precipicio eſtanque,
Neſſe vergel ſombrio
De ſer fonte contente
Prende a branda corrente,
Naõ aſpires a creditos de rio,
Que te eſpera gran damno,
Se naſces preſumida de Oceano.
Rica de aljoſar, ſe de arroyos pobre,
Faze aqui deſſas perolas brilhantes
Mageſtoſa reſenha,

Dei-

Deixa que se congelem
Na concha desta penha,
Aonde vaz? detem-te,
Pára, enfrêa a corrente:
E a cobiça de undosa
Da patria te desterra.
Descontente por menos caudalosa,
Em fim peregrinando o valle, e serra,
Vás em busca de enchente mais copiosa,
De mais alta corrente,
Pára, adverte, e repara,
Que essa nova crescente
Será mais alta, porèm he menos clara;
E se a queres mais alta,
Meus olhos te daraõ o que te falta:
Suspende o crystal terço,
Pois achas em teu berço
O que já naõ acháras por ventura,
Correndo pressurosa
Por tanta serra dura,
Picando-te mimosa
Por taõ duros abrolhos,
Que máres de agoa te daráõ meus olhos;
Morta estás por ausente,
Pois inda assim naõ páras,
Pára, espera, e detem-te,
Que em cada passo de teu louco empenho,

Vás

Vás dando mais hũ paſſo em teu deſpenho,
Suſpende pois a vêa cryſtallina,
E neſſa prata fina
Eſtas flores engaſta:
Olha ignorante, que ſe adiante corres,
Eſta minha ameaça,
Que te dicta a experiencia, e naõ o medo,
Tarde lamentarás, ſentirás cedo.
Corre pois muito embora,
Que lá irás aonde
O rio te eſcureça, o mar te affogue,
E em buſca de outras ondas
No rio acabes, e no mar te eſcondas.
Mais proſeguira, quando
Lhe parou o diſcurſo interrompido
De galgos, e de perros
Eſtrondoſo alarido:
De caçadora errante companhia,
Montanhez vozeria,
Que naõ fómente á preza os incitava,
Mas parece que as ſerras deſpenhava:
Mudo o zagal ſe erguia
Ao confuſo rumor da montaria,
Quando precipitada
Cerva fugaz de frechas emplumada
Deslizando-ſe bruta de huma penha,
Dava veloz carreira;

Mas

Mas a ſetta correra mais ligeira,
Ou por fugir da frecha á ligeireza;
Ou da maõ ſagittifera á deſtreza;
Errava o valle, atraveſſava o monte,
Té que attendendo á fonte,
Já a ſede da ferida
Buſca na agoa os allivios para a vida.
Ay cobarde enganada!
Diſſe entaõ o ſerrano,
Memoria de meu damno!
Que importa, dize, agora
Fugir á maõ traidora,
Que tanto te inquieta,
Se vem contigo a ſetta!
Agora de que ſerve
Fugir ao arco forte,
Se em ti já trazes eſcondida a morte?
E que importa o meu peito,
Que em fim Lyſis ſe auſente,
Se o fogo do meu peito eſtá preſente!
Que importa que ſe aparte
Neſta, ou naquella parte
A cauſa, que me inflamma,
Se vem commigo a chamma!
Menos tardou a cerva fugitiva
Em banhar-ſe na fonte
Com arrojado curſo,

Que Aonio em ſeu diſcurſo,
E co' a dor, que no peito
Hervada a ſetta fragoa
Pagando em ſangue o q̃ lhe bebe em agoa:
Bebe ſedenta, e quando as ondas mede,
Eſgotta a fonte, e naõ eſgotta a ſede,
Até que em fim de todo á dor rendida
Igualmente co' a ſede larga a vida:
Aonio compaſſivo
A levantou huniano;
Temendo diſcurſivo
Que annuncio triſte ſeja
De algum futuro damno,
E logo com inveja.
Em fim, lhe diz, da chãma que ſentias,
Do mal que te aſſombrava
Já naõ ſentes a pena,
Nem ſe te dá da aljava:
Em fim, com doce emprego
Deixaſte a vida a troco do ſocego:
Oh venturoſa ſorte:
Ao paſſo da deſgraça achar a morte!
Oh caſo nunca ouvido
Topar logo co' a morte hum affligido!
Triſte de quem vivendo
Da vida deſcontente
A' medida da vida a pena ſente!

Mais diſcorrera Aonio ;
Mas parou ſalteado
Da montanhez caterva,
Que regiſtando o monte, o valle, o prado
Do ſangue rubricado,
Vinha em buſca da preza diligente :
Saudou-os cortezmente
Aonio ſem moſtrar-ſe ſaudoſo,
E deſmentindo triſte
O peito magoado
Com diſfarces de alegre
Admira hum junco verde,
Que de cativas aves adornado
Inclina ao pezo os hombros,
Tantos lhe cauſa aſſombros,
Quantos rubins em bicos engrazados
Davaõ paſto aos cuidados ;
Em ſumptuoſo convite
Daraõ depois incendio ao appetite,
Naõ lhe valeo ao timido coelho
Com aſtucias de guerra
Contraminar a ſerra,
Que de hum vento quadrupede ſeguido
Pende aqui mal ferido.
A lebre fugitiva
Tambem deſpojo geme inda mal viva.
O Author da feita ardente

Olhando mudamente para a cerva,
Com os olhos se jacta mudamente,
E da errante caterva
Altamente applaudido,
Deixando ao hombro o arco suspendido,
Ergue o cadaver bruto, e satisfeito
Ora lhe tenta o collo, ora o peito,
E com cortezes modos
Gavaõ o acerto todos,
Até que despedidos
A penetrar o monte
Se partiraõ da fonte,
E em alegres clamores repetidos,
Discorrendo velozes,
Frequentaõ passos, multiplicaõ vozes,
E mudo Aonio em tanto
Descançava do pranto para o pranto.

# À MORTE
## DO SERENISSIMO SENHOR
# D. DUARTE
## INFANTE DE PORTUGAL.

### *CANÇAM FUNEBRE.*

JÁ a violencia dos fados abſolutos
O golpe executou no Gran Duarte:
Cobrio Apollo a Eſféra luminoſa
Por indicios da dor com triſtes lutos;
A terra ſe ſeccou por toda a parte,
E quantas flores produzio viçoſa,
Converteo deſairoſa
Em eſpinhos duros, rigidos abrolhos
Tanto no parociſmo derradeiro
Do malogrado eſpirito guerreiro
Das almas ancia, laſtima dos olhos,
Tiveraõ triſtemente ſuſpendida
A luz o Firmamento, a terra a vida.
Derivada depois a noſſos peitos
A mágoa do ſucceſſo laſtimoſo,
De tal ſorte inundou o pranto largo,
Que foraõ noſſos olhos muito eſtreitos
Campos para o Oceano taõ undoſo,

E de lagrimas tristes tão amargo:
Porèm para descargo
Desta pena de todo não chorada,
Quando sempre de todos bem sentida,
Saya a dor em suspiros proferida,
Exhale a pena em voz articulada,
E na demonstração, que assim ordena,
Falle a pena por voz, a voz por pena.
Póde o tyranno, Infante esclarecido,
Que occupais esse throno de safiras,
Da gratidão negar os foros justos
Com impio trato, e peito fementido:
Póde indigno furor de humildes iras
Os ceptros abrazar dos Reys augustos:
Oh seculos injustos!
Sempre jamais verdugos da innocencia,
E sempre ingratos ao merecimento!
Onde de vosso vil procedimento,
Onde de vossa barbara violencia
Terão seguro asylo, e doce gremio
A vida do leal, do justo o premio!
Mil vezes tremeo Marte dos soberbos
E ultimos golpes desse braço altivo,
E mil vezes cansou a dura morte
De cobrar tantos pallidos, e acerbos
Tributos, pelo numero excessivo,
Que executaveis com imperio forte:

Mas por diverſa ſorte
Nunca ceſſava aquella voadora,
Dos tempos vida, arbitra dos fados,
De celebrar com eccos dilatados
Os progreſſos da eſpada vencedora,
Que hoje defenſa vaã da ſombra fria,
Deſpojo nobre á baixa tyrannia.
Entre as neves da eſféra de Alemanha
Vos regiſtaraõ como author do dia
Ambas as Aguias do inimigo Jove
Por luminoſo rayo da campanha,
Por metrico fulgor da Academia;
E porque a gloria Aonia ſe renove,
Vos influiraõ as nove
Idéas altamente ſonoroſas,
Vozes ſonoramente proferidas,
Tam bem cantadas, como dirigidas,
Tam bem acceitas, como glorioſas,
Unindo-ſe com meritos ſupremos
Aſſombro do valor, do juizo extremos.
Porèm os meſmos Numes, como varios,
Que vos enriqueceraõ de virtudes,
Sentindo em voſſas prendas, que ficaraõ
De prodigios exhauſtos ſeus erarios,
E ſeus pinceis, de exercitados, rudes,
Co' a inveja desleal ſe conjuraraõ,
E em ſombras vos roubaraõ;

(Que

Que ſempre obra a injuſtiça com cautella
Mais do que tanta dadiva valia,
(Para ſer duplicada a tyrannia)
Naquelle nobre, e ſingular naquella,
No alento voſſa, nolla no cuidado,
Cara vida tambem do proprio fado.
Ignorou de cruel o golpe agudo
A morte, que hoje naõ ignora o erro,
E como em pena do ſucceſſo triſte
De ſua pena ás vidas fez eſcudo,
Deixando em ocio frio o duro ferro
A que defenſa humana naõ reſiſte;
Mas a dor, que perſiſte,
Tomando o ſeu deſcuido por injuria,
Porque ſeja mayor a crueldade.
A pena agora, agora a ſaudade
Introduzindo vay com tanta furia,
Que a morte fora ja mayor tormento,
Se ainda naõ acabára o ſentimento.
Sem norte cegos, triſtes ſem objecto,
Por entre as ſõbras, q̃ o ſepulchro encerra
Tremulamente daõ confuſos giros
Mil cuſtoſos eſpiritos do affecto,
Naſcidos huns na paz, outros na guerra,
Tornados de eſperanças em ſuſpiros,
E ſeus triſtes retiros,
Regiaõ, que mortal ſilencio habita,
E ſem

E ſem ſe profanar, nelles ſe quebra:
A dor, que por exequias os celebra,
Por defuntos no horror os exercita,
Porque ſejaõ, conreſpondendo á ſorte,
Se á vida obſequio, ſacrificio á morte.
Quando a Patria o diſcurſo do tyranno
Diſcurſa, acautelada tanto o ſente,
Que jamais nas idéas o conſulta,
Que naõ fuja o diſcurſo para o damno:
O meſmo penſamento, que o conſente,
Porque ſeja mayor o difficulta;
E aſſim d'ambos reſulta
Hum aggravo, que gera a triſte mágoa,
Huma pena, que cauſa a juſta offenſa;
E fulminando juſta recompenſa,
Quantas vezes prepara a viva fragoa,
Naõ reſolve de qual eleja a furia,
Se a offenſa da dor, ſe á dor da injuria.
Eſtas neutralidades, que os antolhos
De amor formaõ nas aras da vingança,
Hum effeito ſómente naõ ſuſpendem,
Que he o perpetuo mar de noſſos olhos,
De mil vidas naufragios ſem bonança,
De que ſalvar-ſe apenas ſó pertendem
Os diſcurſos, que entendem
Entre eſquadras de luz, q̃ o Sol governa,
Eſſe triunfo de Aſtros por deſpojos,
Que

e ſem o cuſto de tragicos enojos
s logrando na campanha eterna
flores ſempre freſcas adornado,
õ de caducos ramos coroado.
Mas como naõ ſe atreve o penſamento
ir a donde vive eterna gloria,
que as azas mortal pezár lhe abata,
ſuſpenda immortal contentamento,
que de ſeus delirios a memoria
õ cubra do ſilencio ſombra ingrata,
doſamente trata
commendar a religioſo culto
re as ſombras de triſtes mauſoléos
lentes votos aos divinos Ceos,
doſos vales ao defunto vulto,
ernando em ſeus votos, e ſeus males
hoſtías Pſalmos, lagrimas por vales.
uſpendamos, Cançaõ, o triſte pranto;
que ja naõ ha olhos para tanto:
èm, ſe acaſo qués eternizar-te,
indo a fama vay do gran Duarte,
n'uma, e n'outra eſféra dilatada,
n'um, e n'outro pólo repetida
s perpetuamente conhecida,
s eternamente celebrada.

e *Antonio Barboza Bacelar.*

OY.

# OYTAVA DE CAMOENS.

## EGLOGA V.

PO'de ſer, ſe me viras, que ſentiras
Ver liquidar hũ peito em triſte pranto,
E bem pouco fizeras, ſe me viras;
Pois eu ſó por te ver ſuſpiro tanto.
As magoas, os ſuſpiros, que me ouviras,
Te puderáõ mover a grande eſpanto,
A dor, a piedade, a ſentimento,
E a mais, que para mais he meu tormento.

## GLOSSA.

I.

DEpois q̃, amada Sílvia, te auzentaſte,
Auzentou-ſe tambem minha alegria;
Porque a pena, de ver que me deixaſte,
Só conſente que eu viva em agonia:
O cuidado cruel, que me cauſaſte,
Em mim obra taõ grande tyrannia,
Que ſe o peito de bronze reveſtiras,
Póde ſer ſe me viras, que ſentiras;

Co-

II.

Como as flores, q̃ os prados ennobrecẽ,
Com ſua formoſura, e luzimento,
Que ſe a auſencia do Sol claro padecem,
Occultaõ ſeu brilhar em ſentimento:
Aſſim nos olhos meus ſempre apparecem
Só lagrimas crueis, e em tal augmento,
Que agora poderias com eſpanto
Ver liquidar hum peito em triſte pranto.

III.

De teu roſto brilhante ſeparado
A vida paſſo em tal deſaſſocego
Que nem tenho lembrança do meu gado,
Nem a mim me conheço como cego:
Em ti emprégo todo o meu cuidado,
Pois em ver-te conſiſte o meu ſocego,
E aſſim ditoſo eu fora ſe me ouviras,
E bem pouco fizeras ſe me viras.

IV.

A mágoa da ſaudade a todo o inſtante
Em meu peito renova huma ferida,
Que ſendo a mais cruel, e penetrante,
Parece cada vez he mais creſcida:
Mas ſó porque naõ digaõ que hum amante
A teu rigor entrega a propria vida,
Vem parar as correntes de meu pranto,
Pois eu ſó por te ver ſuſpiro tanto.

O fim.

V.

O ſimplez paſſarinho cuidadozo
Cantando voa á aquelle, que procura,
Só tu a quem por ti morre eſtremozo
Deixas na ſolidaõ deſta eſpeſſura:
Se tu viſſes o eſtado laſtimoſo,
Em que me pôs a minha deſventura,
Tambem com muitas lagrimas ſentiras
As mágoas, os ſuſpiros, que me ouviras.

VI.

A féra, que mais brava ſe conhece
Nos boſques, tambem de outra ſe namora,
E ſe eſta naõ aviſta, aos valles deſce
A buſcá-la bramindo a toda a hora:
Mas como teu rigor contra mim creſce,
Que nunca foſte humana eu julgo agora;
Pois ſe o foſſes, as vozes de meu pranto
Te puderaõ mover a grande eſpanto.

VII.

Sabendo o firme amor, com q̃ te adoro,
Deshumana paſtora, bem podias
Prezumir tantas lagrimas que choro
E naõ obrar taõ grandes tyrannias,
Das aves ja naõ ha canto ſonoro,
Porque a pena, em que triſte paſſo os dias,
Move até quem naõ tem entendimento
A dor, a piedade, a ſentimento.

Final-

VIII.

Finalmente por ti he deſprezada
A rouca voz d'uma alma deſgoſtoza,
Que do teu rigor ſempre maltratada
Em amar-te ſe empenha ainda extremoza:
Queres ſer por tyranna eternizada,
Só porque eu tenha morte rigoroza;
Pois me entregas ao pranto mais violento,
E a mais, que para mais he meu tormento.

*Por hum Engenho deſta Corte.*

# JORNADAS DE LISBOA PARA O ALEM-TEJO, POR JERONYMO BAHIA.

## JORNADA I.

### ROMANCE.

AMigo, eſta voſſa carta
Me chegou, quando eu eſtava
Em o jogo da fortuna
Dando outro baralho ás cartas.
Pois das eſtradas, e vendas,
E vendeiras deſaſtradas
Naõ perdido eſtou, que ſó
Co' eſta carta me ganhára,
Nella pedîs vos dê conta
Da minha fatal jornada.
Como me foy de caminho
Cá nas partes Tranſtaganas?
Comvoſco, mais que com Deos,
Serey liberal em dá-la,

Pois

Pois dando-a a Deos muy eſtreita ,
A vós a devo dar larga.
Más dar da Jornada novas
Será comedia ſem falta ,
E em ſer novas de caminho
Ouvireis tramoyas bravas.
Aos vinte e hum de Janeiro ,
( Tabellioas ſaõ palavras,
Mas logo de mim eſcrivaõ
Me ouvireis em as pouſadas. )
Digo a tantos de tal mez ,
Que aſſim a folhinha o dava ;
E em dar naõ moſtrou ſer folha ,
Porque em verdade aſſim paſſa.
Em huma ſegunda feira
Comêço entaõ da ſemana ,
Sicut erat coſtumado ,
Principio dey á jornada.
Levava minha maleta ,
Se bem ſempre deſgraçada ,
Pois ſendo couſa taõ bõa ,
Todos a julgaõ por mala.
Levava alforges tambem
Caminhando á Franciſcana ,
E naõ indo tanto em couro ,
Do couro ſahio a paga.
Com luvas naõ caminhey,
Suppoſto qne o tempo as dava, Po-

Porèm da bolſa fiz luva
Em quanto andey por eſtradas.
Embarquey pelas quatro horas
Tempo, em que o Sol ja virava
Para a barra de Belem,
Onde dizem que deſcança.
Porèm como era Inverno,
Naõ eraõ as luzes largas;
Que poſto que a barra toma,
No luzir naõ lança a barra.
Por veſtir o louro Joven
Ja entaõ cores douradas,
Sem duvida que no mar
Quiz uſar barras de prata.
Se ja naõ he, que querendo
Deſcançar de madrugada,
Huma barra em yez de leito
Eſcolheo no mar por cama.
Se do médo entaõ da noite
O Sol as coſtas virava,
Naõ o ſey; ſey que com iſto
O mar lhe lavava a cara.
Em fim ja menos brioſo
O Sol aos ſeus brios falta
Pois naõ ſe mettia em reſtea,
Que nem reſtea de Sol dava.
Chegey á borda do barco,
vendo deitar a prancha,

A julguey ſer de alto bordo,
Por me ficar muito alta.
Subi á prancha com medo,
Porque temo muito da agoa,
E ſe me benzo da doce,
Que faria da ſalgada!
Mas poſto que tinha medo,
Moſtrey que naõ tinha caſta
De Judeo, porque ſubi
Co' Credo na boca a prancha.
Quando vi largar o panno,
E taõ grande arfar da barca,
Tomar o pannete quiz,
E pôr-me outra vez na praya,
Deſamarrámos o cabo,
Que o foy da bóa eſperança
Para mim pela tormenta,
Que ja no mar receáva.
Com tudo ao principio brando
O mar de bom lóte eſtava;
Porque veſtia hum azul
Todo chamalóte de agoas.
Foy ferindo a barca fogo
Ao ponto que a véla larga,
Com ſer véla mais ſe accende,
Quando o vento mais ſoprava.
Eſtando muito bom tempo,
Tá em empolado o mar andava,

Que em correndo bem os tempos
Quem quer ſe empóla, e ſe alarga.
Parece que de invejoſo
( Tudo em fim a inveja traça )
Logo o vento ſe picou,
Vendo as agoas empoladas.
Na corrente d'agoa démos,
Mas de ferros a tomára,
Porque em lhe deitando o ferro
Entaõ mais ſeguro eſtava.
Quiz buſcar converſaçaõ,
Proprio allivio de quem paſſa
Nu'ma barca de carreira
Carreira taõ arriſcada.
A huns Francezes pouca roupa
Achey na popa da barca,
Pois nem roupa de Francezes
Lhes vi por entre as caſacas.
A todos os vi em couros,
Nenhum com botas calçadas,
Porque do couro das botas
Fazem vinho nas borrachas.
Vinhaõ taes os Monſiures
Sem poderem ter as patas,
Que entaõ mais neceſſitavaõ
De muleta, que de barca.
Elles ſeriaõ valentes,

Pois saõ os gallos de França,
Mas se naõ eraõ gallinhas,
Pareciaõ humas gatas.
Sem haver muita tormenta,
Em fim ao mar alijava
Cada hum o qué escondido
Trazia dentro na pança.
Pareceo-me que nascia
Do temporal grande de agoa,
Mas ser de vinho a tormenta
Quem quer o addivinhára.
Com Francezes naõ temi
Que houvesse no mar borrasca,
Porque em chegando hum Francez
Nenhum a real se dava.
Tomando pois seus cachimbos,
Nos defumaraõ as barbas,
E ellas seriaõ limpas,
Porèm foraõ defumadas.
Veyo-se cahindo a noite
Carrancuda, e enfadada,
E com lograr tanta Estrella,
Nada parece a alegrava.
Cobrio-se com negro manto,
Estylo proprio de dama,
Que em tendo Estrellas por olhos,
He donaire o vir tapada

Lançou o manto em effeito;
E eu com ſomno alli tomára,
Mais do que hum manto eſtrellado,
Manta, ou cobertor de pappa.
Alguns dormem a ſomno ſolto,
Outros cantaõ a muliana;
E eu ſó por ir quieto,
Deixei-me ir ao ſom da agoa.
Apenas preguey os olhos,
Quando ouvi vozes muy altas:
Ferra a véla, ferra a eſcota,
E os nudos peguem nas varas.
Como hia alli muito vinho,
Cuidey que havia na barca
Alguma de maſſagatos,
Indo todos maſſagatas.
Por irem bebados todos,
Encalháraõ em a praya
Do Montijo, aonde ja
A agoa hia muito baixa.
Alli vi a differença,
Que havia entre o vinho, e agoa,
Porque eſta era baixamar,
E aquella hia pela gavea,
Fizemos noſſa derrota,
E ficou em ſecco a barca,
E com darmos tanto em ſecco,

Nos deo a agoa pela barba.
Hum dizia: Vá avante,
E outro A' ré começava,
Qual logo de toque emboque;
Eu só nos riscos cuidava.
Logo que o cabo paſſámos,
Huma mareta muy branda
Nos apanhou em o rio,
Que de muy bravo eſcumava.
Como era hum braço de mar,
E nelle pé ſe naõ acha,
Acudio hum pé de vento
Dando hum cambapé na barca.
Por ſer o vento taõ grande,
Eu deſejey neſta dança
Déſſe commigo por terra,
Antes que déſſe pela agoa.
Mas vendo o braço de mar,
Que taõ forte o vento abana,
Sobre caſtellos de vento
De ſua eſcuma fez bálas:
Sendo o dia de ſegunda,
Muito Menezes eſtava;
Pois ſe aziago naõ era,
Era huma noite aziaga.
Quiz Deos que acalmou o vento,
E já caminhando ás varás

Com

Com duas horas de noite
Chegámos todos á praya.
Taõ eſcuro eſtava o caes,
Onde a gente deſembarca,
Que por negro parecia
O caes do carvaõ de Alfama.
Logo que o pé puz em terra,
De toda a gente da barca,
Dando mil graças a Deos,
Me deſpedi com *Deo gratias.*
De meu irmão Fr. Antonio
Aguiar guiey á caſa.
Quando já vem pelos ares
Naõ Aguiar, mas huma Aguia.
Com bom roſto me recebe,
E eu com bem máo lhe fallava,
Que iſto de fazer bom roſto
Só faz quem tem bõa cara.
Sentámo-nos logo á meſa
Depois da primeira ſalva,
Aonde o ſalvo conduto
Depois do vinho naõ falta.
Logo de lombo de porco
Me mandou vir carne aſſada,
E eu mais aſſado, e coſido
Eſtava por maſtigá-la.
Veyo huma amoſtra da adêga,

Com ella taõ bem me trata,
Que me vi da melhor bota
Feito hum Cardeal Capata.
Fuy provando de outra pipa
Taõ bõa, e bem avinhada,
Que com ter arcos de velha,
Nem final trazia de agoa.
Deo-me de muy bom melaõ
Huma talhada naõ parca,
Que quando a couſa ha de ſer,
Já de cima vem talhada.
O melaõ, que entaõ me pòs,
(Se n'outra occaſiaõ ſe cala)
Entaõ fallou de myſterio,
Sem de letrado ter nada.
Com ſet fructa taõ goſtoſa,
Fallar nella me embaraça,
Que ter pevide na lingua
He ter a lingua muy gaga.
Continuey alli com effeito,
Alli na Quinta da Graça
Alguns dias, entretanto
Que deſcobria humas andas.
Xadrez, e Damas joguey,
Por entreter a jornada,
Sem profanar o Convento,
Mas me deſenfadava.

E por

E porque ſou de bom goſto,
Era cada huma das Damas
Eſcolhida ao taboleiro,
Como para mim baſtava.
Alli dez dias eſtive,
Onde o Irmaõ me regála,
Naõ os olhos, porque tudo
Me dá c'os olhos da cara.
Determiney de partir-me,
Preparey-me aqui na Graça,
O como, darey a conta
Em a ſegunda jornada.
Seus ſucceſſos contaremos,
Sem deixar por dizer nada:
Mas deſcancemos agora,
Pois temos tomado a graça.

# JORNADA II.

## ROMANCE.

POis da ſegunda jornada
Dar-vos conta fiz promeſſa,
O promettido he devido,
Ey-la vay á ſolta rédea.

Dar-

Dar-vos eſta conta a vós
Muy por miudo quizera,
Sebem que por eu a dar
Cuido que ſerá groſſeira.
Eſta jornada ſegunda
Naõ por entremez começa,
Porque entaõ de Fevereiro
O primeiro do mez era.
Em dia de Santo Ignacio,
Em veſpera das candêas,
Naõ co' a candêa diante
Parti de Aldea Gallega.
Porque como o dia eſtava
De Veraõ na apparencia,
Foy-me allumiando o Sol
Até que cheguey ás Vendas.
Ergui-me de madrugada
A apparelhar a maleta,
Iſto dizendo, e fazendo,
Por naõ dormir-me a fazenda.
Já neſte tempo a Aurora
Dentre as eſcuras cavernas,
Sahindo da triſte noite,
No convez do Ceo paſſea.
Vinha de róta batida;
E tirey por conſequencia,
Vinha muy rota, quem vinha

Rompendo por entre eſtrellas.
Ufana a Aurora ſahio,
E muy concha na belleza,
Porque he proprio andar em concha
Quem tantas perolas deita.
Huma mula vejo á porta,
E ajuizey logo vendo-a,
Que a muleta pelo fraco
Me havia pôr em muletas.
Naõ era nada louçaã,
Nem robuſta, nem ſoberba,
Mas pelo antigo muy fraca,
E pelo ruço muy beſta.
E ſuppoſto que era grande
Eſta mula manjalegoas,
Só tinha de authorizada
O ſer mula muito velha.
Taõ magriſſima era a mula
Que com ſer mula de ſella,
Nella caminháva em oſſo,
Mas de correr nunca o era.
Eu tanto que a mula vi,
Antes de ſubir-me nella,
Logo perdi os eſtribos.
Sem ſentir ſeu dono a perda.
Em a vendo, diſſe logo:
Ay, que negra mula he eſta!

Sen-

Sendo que, de velha, já
Naõ tinha nada de negra,
O villaõ me reſpondeo
Com alguma reverencia,
Pois me deo Paternidade,
Que tanto ſe regatêa:
Suba Padre; porque quando
Lhe diſſer que a mula he preta,
Olhe-lhe para o cabello,
Olhe-lhe para a gadelha.
Olhey, mas taõ branca a vi,
Que ſe acaſo tinha era,
Foy do anno do Naſcimento,
Da do Preſepio parenta
Em Aldagallega em fim
Se ajuntou ao por-me nella
Tanto rapaz, que cuidey
Que alli parira a Gallega.
Picar de róda começo;
Quando começou a beſta
A andar co' a cabeça á róda,
Sendo mula taõ quieta.
Mas com bem ar caminhava,
Pois em apertando as pernas,
Com as pernas para o ar
Me lançou logo na arêa.
Com a mula ſer muy fraca,

Sómente tinha de teza,
Que em ſe ſentindo picada,
Dava com tudo por terra.
Eu ſeus brios naõ lhe nego;
Mas ſe ella tinha ſoberba,
Naõ o ſey, porque lhe vi
Muy baixas ſempre as orelhas.
Naõ por abaixar-lhe os brios,
Mas por deſcançar as pernas,
Quiz por-lhe o pé no peſcoço,
E de humilde ſe ajoelha.
Se bem que com hum rebuſno
Diz que ninguem zombe della,
Que naõ ſoffre a ninguem anças,
Naõ por teza, mas por velha.
A mula bebia os ares
Só quando entrava nas vendas;
Pois como cameleaõ
Do ar ouço que a ſuſtentaõ.
Diſto que chamaõ cevada,
Taõ pouco cevada era,
Que de ſóvas de pancadas
Lhe fazia o moço a ceva.
Por ſer muy cerrada a mula,
Para encerrada era bella,
Que ha mulas mais para eſtrados,
Que para eſtradas, e vendas.

Sahio

Sahio pondo aos ſeus cavallos
O Sol as douradas rédeas,
Se bem que como homem de alhos
N'outro tempo o vio em réſteas.
Logo os cavallos do Sol
Se riraõ da minha beſta,
Havendo chorado a Aurora
De a ver com tantas mazéllas.
Fuy caminhando aos Pégoens
As cinco legoas de arêa,
Caminho, que naõ eſcrevo
Por tudo ir n'uma poeira.
Chegámos ás onze dadas
A's eſtalajens primeiras,
Quando o relogio das tripas
Me dava mais de hora e meya.
Perguntou-ſe: Ha bom vinho?
Poſto a borracha vay chea;
Que quem naõ leva borracha,
Borra acha ſempre nas vendas.
Reſponderaõ-me que o vinho
Nem Peramanca lhe chega;
Eu por ver qual era a tinta
Quiz entaõ molhar a penna.
Alli paſſados por agoa
Huns óvos me põem na meſa,
Mas eu fico mais paſſado

Quan-

Quando paguey á vendeira.
Com caminharmos taõ çujos
Caminho de tanta arêa,
Só dalli ſayo areado,
Por levar limpa a algibeira.
Era taõ limpa a eſtalajem,
Que, em que varrida naõ era,
Nunca fez falta a vaſſoura,
Onde ha redes varredeiras.
Quando alfim pedio a paga
Eſta vendeira taõ déſtra,
Me tremeo a paſſarinha
Sem comer ave de penna.
Neſta eſtalaje encontrey,
Que caminhava para Elvas,
A D. Joaõ de Alencaſtre,
Ao Marte ayroſo da guerra.
Aquelle, que pelo nobre
De muy bom ſangue ſe preza,
Sebem que para o inimigo
De muy colerico pecca.
Aquelle de tal linhagem,
Que ſendo na noſſa terra
Fidalgo muy eſtirado,
Sempre em pé ficou na guerra.
Aquelle, de quem o Auſtro
Teme cobarde a refrega,

Que

Que Auſtros ſaõ os que em ſangue
Competem com as Eſtrellas.
Perguntey logo aos criados
Que poſto na guerra alenta ?
De Capitaõ de cavallos
Dizem que empunha a geneta.
Paſmey foſſe Capitaõ
De cavallos, e de beſtas
Quem taõ diſcreto fallava
Nos aſſumptos da Academia.
Travámos converſaçaõ,
E partindo-nos da venda
Repetimos no caminho
Verſos de varios Poetas.
Nos meus, que lhe recitava,
Logo a memoria tropeça
Por indigna de memoria
Huma Poeſia groſſeira.
Anoiteceo-nos alli
Da pouſada meya legoa,
Sebem que hum quarto de Lua
O Ceo accendeo por véla.
Soberba a Lua naõ ſahe,
Porque hum quarto ſó profeſſa
De Condeſſa de crefcente
Com que luzia na terra.
Se naõ foy, que por fazer

Lá em a celeſte Esféra
Revoluçoens cada dia,
Em quartos eſtava feita.
A's vendas novas chegámos,
Onde he velho ſerem vendas;
Maria das vendas novas,
Por ſer moça muy traveſſa.
Puzemo-nos no apoſento
A huma Chaminé muy velha,
Que, ſendo pequena, tinha
Grandes fumos na cabeça.
Veyo logo de cear
Choupas, que tinhaõ de freſcas
Virem mais frias que neve,
Poſto que em quente ſe cea.
Nós as fomos desfazendo,
Porèm taõ bizarras ellas,
Que ſe moſtravaõ ſentidas,
E diſto vinhaõ vermelhas.
Taõ duros nos põem tres óvos,
Que ſaõ tres bálas as gemmas,
Mas por ſahirem por culos
Cabe lhe dey de palheta.
N'outras tres gemmas peguey
E achey-as mais molanqueiras,
Sendo que por muy valentes
Cuido que chocaraõ eſtas.

Pu-

Puzeraõ-nos queijo branco,
Mas de outro queijo ſe preza,
Que naõ deixou ſer Flamengo,
Poſto a cor ter mais morena.
A' vendeira perguntey
Se tinha azeitonas d'Elvas?
Que por da fronteira ſerem,
Hum cavallo eraõ na guerra.
Diz que em me dar azeitonas
Me dava hum morgado nellas,
O que eu naõ pude negar
Ser Morgado de Oliveira,
De vinho eſprimido á maõ
Bebemos de Aldagallega,
Que com nos cuſtar taõ pouco,
Muito eſprimido ſe leva.
Era o vinho renegado,
Se bem Chriſtaõ velho era;
Porèm da agoa do bautiſmo
Nos fazia a conta ella.
Junto á chaminé ceando
Eſte vinho pedio meſa,
E poſſo dizer que eſtava
Muito perto da fogueira.
A meſa ſe levantou,
Tomámos por ſobremeſa
Noſſo tabaco de fumo,

E tabaco da Lourença.
E com ſer herva taõ ſanta,
Baſta chegar a huma venda,
Para ver-ſe em pó, e cinza,
Que hum Santo alli naõ ſe ſienta
Na ſua cama Alencaſtre
Muy cedo logo ſe deita,
E poſto eſteja de cama,
Fructa do tarde naõ era.
Para minha cama entaõ
Olhey; quando a vi taõ fêa;
Me julguey por ter má cara,
Hum camafeo dentro nella.
Por temer entaõ da cama
Algumas bobas ſecretas,
Dous lançoes lhe deitey meus,
Que trazia na maleta.
Dormimos a ſomno ſolto
Os tres, antes que me eſqueça;
Porque hum Capellaõ comnoſco
Caminhava á fronteira.
Cada hum dentro em ſua cama
Se deita, em quánto a vendeira
A's camas nos faz a conta,
E deita a conta da cea.
A Morfeo nos entregámos.
Dormimos, como humas pedras;

E por sermos pedra em poço,
Hum poço alli se nos leva.
Entretanto que aquindurmo,
Aquietar quer ja a penna;
E para a outra jornada
Darey conta da comedia.

# JORNADA III.

## ROMANCE.

ESta Jornada terceira,
De que, amigo, aqui vos trato,
Se bem naõ he de comedia,
A mim me deixou no cabo.
Veyo o dia das Candêas,
Para mim mais sinalado,
Pois dey nelle hum voto a Deos
Sem féros de Castelhano.
Quero dizer que este dia
Da profissaõ contey annos,
Que annos, que damos a Deos,
Já sabeis que saõ contados.
Veyo este dia, que a Igreja
Sebem que o deo dia santo,
Hum Capellaõ que trouxemos,
Me fez dia de trabalho.

Porque muy de madrugada
Com o Ceo muito eſtrellado,
Nos deſinquieta a todos,
E nos tira o ſomno a palmos.
Acordou muy de mannhãa
O meu bom Clerigo honrado,
Feito Nuno Alvres Madruga,
Feitos nós todos hum trapo.
Com dever tantos reſpeitos
A D. Joaõ por Fidalgo,
Quiz por deſpertar-nos cedo,
Moſtrar que era alli o gallo.
Sem haver motim na venda,
Eſtando nós ſocegados,
Quiz, ſendo homens quietos,
Andaſſemos levantados.
Delle cuidey ao principio,
Teraccidente, ou deſmayo;
Mas quem taõ cedo acordou
Naõ eſtava deſacordado.
Tornou-ſe a deitar na cama;
E ſocegou hum pedaço;
Que aſſim naõ ſe déra nelle
A que diz punhada ao gato.
Veyo raſgando a manhãa,
Se bem ha miſter hum fato;
Porque manhãa, que ſe raſga,

Ha de vir feita n'um trapo.
Assomou-se em fim a Aurora,
E causou-me grande espanto
Vir assomada, quem vinha
Com semblante taõ galhardo.
Ja a este tempo o Sol
A Aurora vinha pescando,
Que como perolas cria,
Faz da pescaria trato.
Deixando em effeito estrellas
Do Norte, as barcas deixando,
Quiz subir atraz da Aurora,
Como pescador do alto.
Sahio o Sol mais soberbo,
Pois vinha deitando rayos,
Pondo a sua bizarria
La por cima dos telhados.
Naõ lhe lembrando ao mancebo,
Que por falta de criados
Deo elle mesmo no mar
De beber aos seus cavallos.
Em effeito, quando o Sol,
Com ser Planeta tamanho,
Entrava por huma greta
Do aposento, onde estavamos,
Nos levantámos das camas,
Que de colcheens, e chumaços

Eſtiveraõ taõ famintas,
Que pareciaõ de galgos.
Vindo eu para calçar-me,
Sómente hum çapato acho,
E amanhecemos os tres
Senhores de pé deſcalço.
Ser algum rato entendi,
Mas da vendeira me eſpanto
Naõ roer-lhe a conſciencia,
E que a mim me roaõ ratos.
Todos nos démos bons dias,
E ſendo da venda o trato
O que mais leva ao Inferno,
Todos alli nos ſalvámos.
Logo de almoçar pedimos;
Taes óvos nos daõ, que eu paſmo
De ver que ſejaõ taõ crûs
Huns óvos, que ſaõ taõ brandos.
Pôs-nos a vendeira os óvos,
E ſem ter poſto no prato
Huma ſó pedra de ſal,
Nos los deo muy bem ſalgados.
Fizemos com a vendeira
A conta do que ceámos,
E ſendo a cea muy curta,
Na paga houve contos largos.
Treze toſtoens nos pedio

Do que tinhamos ceado,
E quiz fazer de valor
Hum comer, que foy taõ fraco.
Com ser a cea taõ leve,
Alfim cea de peſcado,
Sem nella haver *caro mea*.
Nos ſahio o comer caro.
Enfadou-ſe o Capellaõ,
Eu tive hum gran ſobreſalto,
Pois ſem comermos coſido
Já ſe hia o caldo entornando.
Quiz dar contas por miudo
A vendeira, e eu reparo
Pudeſſe dar por miudo
O que em groſſo nós lhe damos
Mas liberal Alencaſtre
Se moſtrou, e taõ bizarro,
Que tendo o juizo agudo,
Alli naõ fiou delgado:
Pois deo os treze toſtoens,
(No exceſſo naõ reparo)
Porque naõ repara em gallas
Quem he galla dos Fidalgos.
Huns confeitos de herva doce
Comemos, ſem ſermos aſnos:
Porque quando he doce a herva,
Todos da herva goſtamos.

Mas

Mas para nós os confeitos
Entaõ foraõ de enfoncado,
Por ter-nos posto a vendeira
Em a garganta o baraço.
Logo chamey o meirinoço,
Que a mula estava penhando,
Sebem que em penhar tal mula
Nunca andou muy de penhado.
Partimos com hum bom dia,
Mas, com ser bom dia, eu acho
Que o naõ metemos em casa,
Pois em jornada o levámos.
Chegámos a Montemór
Dadas as doze; em chegando,
Nos diz Milla o Capellaõ,
Por cumprir co' dia santo.
D. Joaõ, por ser devoto,
A outra Igreja foy guiando,
Aonde da prégaçaõ
Ouvio ainda hum pedaço.
Eu naõ; porque em taes caminhos
He a prégaçaõ, que trato,
Prégaçaõ de saõ Coelho,
E tambem ser papa santos.
De nós se aparta Alencastre
A casa de hum seu criado,
Onde, diz, fez penitencia,

Naõ ſey como, nem ſey quando.
A' venda tomey a poſta,
Aonde a vendeira acho,
Sebem poſta nos ſeus treze,
Sem ter poſta de peſcado.
Diz que de vinho ſómente
Tem bem providos huns fraſcos,
E eu, por coſtumado ao vinho,
Já naõ ſinto eſtes tragos.
Alfim, dey graças a Deos,
E com razaõ; porque quando
A deſgraça ſeja grande,
Sejaõ do vinho fracaſſos.
Porèm com raiva me vim
De ver da venda o ſeu trato;
E de raiva me torney
Ao meu alforje, que trago.
Appelley a huma panella
De peixe frito eſtremado,
Que na venda Santo Antonio
Me deparou neſte caſo,
Alencaſtre me mandou;
Hum pero por gran regálo,
E ſem ſer pero de Rey,
Por Rey diſpenſo tratá-lo,
Sendo taõ fidalgo o pero,
Teve entaõ de deſgraçado

O vir como malfeitor
Sentenciado a pôr-se em quartos.
A cabámos de jantar,
Tomámos noſſo tabaco;
Quando chega o camarada
Picando no ſeu cavallo.
Deſpedimo-nos da venda,
Para Arrayolos marchando,
E enfadada a minha mula
Tambem me hia ja marchando.
C'uma eſporada a deſperto,
Quando logo em terra me acho;
Sem de Clerigo ter nada,
Era mula do diabo.
C'os montes ſe embuça o Sol,
Logo a dous paſſos andados,
E a noite, porque ſahia,
Vinha ja pondo o ſeu manto.
Hum pequeno de luar
Nos deo o Sol em hum quarto,
E ſendo nós bem ſeſudos,
Caminhámos aluados.
Chegamos dentro a Arrayolos,
N'uma venda deſcançámos,
Onde achámos hum vendeiro
Homem de pezo, e cuidado.
De pezo, conta, e medida

Se prezava este nosso amo,
De conta c'os passageiros,
Porque em nenhuma ha errado.
De medida, porque o vinho,
Dando o por cima do alto,
Por cima naõ do funil
O medio sempre no frasco.
De pezo, porque trazia
Sobre as costas todo o cargo,
Naõ só por dono da casa,
Mas por ser muy corcovado.
Subimos para o apozento,
Ao lume nos aquentámos,
E elle com lume de palhas
Dizem nos fez taes regálos.
Em a mesa se nos pondo,
Taes peixezinhos ceámos,
Que poriaõ na espinha
A qualquer homem atentado.
Naõ vi peixes de tal casta,
Pois, sendo humildes, e baixos,
Como se foraõ soberbos,
Mostraraõ ser espinhados.
Logo a visitar nos veyo,
Em sabendo que chegámos,
Hum fulano da Fonseca,
De D. Joaõ obrigado.

Com humas pendúras de uvas
Nos acudio, quando eſtavamos
Todos tres á dependura,
E á orça, ſem ſer em barco.
As redeas, que alli nos trouxe,
Poſto que atadas chegaraõ,
A' rédea falta correraõ
Pela meſa, e pelos pratos.
Nós nos fizemos huns Papas
Sendo de uvas tal regáio;
Pois ao menos para Biſpos
Alli nos naõ faltaõ bagos.
Trouxe-nos logo huma amoſtra
De vinho muy regalado,
Pedindo grandes perdoens,
Que todos lhe otorgamos.
Diz que confeiçaõ naõ tem.
Porèm eu confeiçaõ lhe acho,
E confeiçaõ de jacintos:
Pois ja ſinto ir-nos faltando
Deo-nos a moſtra do vinho,
Mas naõ a moſtra do panno;
Que inda que o vinho tem corpo,
De botas ſó ha uſado.
Receey que huma gotta,
Pelo vermelho, e encarnado,
Qual gotta coral, commigo
Déſſe de cabeça abaixo. Co-

Com andar nos pés de muitos,
Era taõ endiabrado,
Que ſeus fumos levantava,
Querendo andar pelos altos.
Brindámos logo á ſaude,
Com bom donaire, e com garbo
Do Fonſeca, que em primor
Naõ Fonſeca ſe ha moſtrado.
Deitámos nos em as camas
Em huns lançoes bem lavados,
E havendo em nós tanto ſomno,
De hum ſó a noite levámos.
Porque tambem era tarde,
Eu com a penna aqui paro,
E para a outra jornada
A fico agora apparando.

# JORNADA IV.

## ROMANCE.

CLaro amanheceo o dia,
Que tres deſte mez ſe conta,
E naõ digo do corrente,
Porque he muy curto na ſomma.
Bem ſey que de Fevereiro.
veis de entender a ſomma, Por

Porque entre os mezes todos
Tem de curto alguma couſa.
Eſte dia amanheceo;
Em que ſahimos da choça,
E ſem ſer de la cabaña,
De Braz era a feſta noſſa.
Quero dizer que eſte dia.
De hum Santo he, que a gente toda
Quando lhe tem mayor toſſe,
Lhe he entaõ mais devota.
Hum Santo, que com ſabermos
Que em dar muy largo ſe moſtra,
Querem todos que do eſtreito
Sejaõ as mercês, que obra.
Neſte dia de S. Braz
Nos fez tal dia de roſas,
Que ſe foramos por mar,
Maré de bebados fora.
Roſada a Aurora ſahio,
Sem vir da botica a moça,
Borrifou de agoa roſada
Todos os campos de Flora.
Amanheceo-nos taõ linda,
Taõ menina, e taõ formoſa,
Que naõ parece que tinha
Tantos mil annos a Aurora.
Sahindo muito roſada,

Nada tem de vergonhoſa,
Porque tem muito de corte
Quem taõ de campo ſe moſtra.
E já neſte tempo o Sol,
Se naõ he correndo a poſta,
Lhe vem ſaltando nas ancas,
Lhe vinha dando nas coſtas,
Sahio em effeito o Sol,
E em que vinha de Ethiopia,
Vinha taõ claro, que vinha
Lançando chiſpas á Aurora.
Neſte dia de S. Braz
Taõ alegre o Sol ſe porta,
Como ſe de Portalegre
Fizera ſua derrota.
Neſte tempo nos erguemos
A huma teima bem devota,
A dizer Miſſa a hum Convento
De Frades da Ordem Loya.
Sahimos da eſtalajem,
(A Deos encommendo eſta hora)
Sebem na eſtalagem o fato
Mais encõmendo á memoria.
Hum dos tres ficou na venda,
Que como he mat de tramoyas,
He galla de nadador
Saber bem guardar a roupa.

A' eſtalagem voltámos,
Aonde achámos de volta
Tres voltas de linguiça,
De fogo revolto todas.
Taõ bem poſta tinha a meſa
A vendeira neſta hóra,
Que eſtando em Arrayolos,
Me vi poſto na Bemposta.
Com os tres ſemmos muy déſtros
Em comer couſa taõ bõa,
Como quem pouco ſabia
Fomos maſtigando a couſa.
Fuy fazer com a vendeira
Da cea, e almoço conta,
E ſem lhe dar bofetadas,
Diz que quinhentos lhe ponha.
Deſenfadado lhe diſſe:
Venha cá, minha Senhora,
Iſto ſaõ outros quinhentos,
Veja voſsê como ſomma,
Mas ella a palha das beſtas
Me diz que mette na conta,
E em naõ ma metter na albarda
Grande graça fez a moça.
A paga logo lhe démos,
Fazendo da luva boſsa,
E ella tomando de luva,

Nos pôs logo em polvorosa.
Caminhámos conversando
Varias materias, e cousas,
Que algumas eraõ de graça,
De siso, e de véras outras.
Jantey na venda do Duque,
E com ser do Duque a choça,
Naõ jantey por excellencia,
Sobre jantar ás tres horas.
Ahi me sobresaltey
Com as que me déraõ novas
De que sempre o Castelhano
Por esta venda se aloja.
Naõ por ser do Duque venda,
Mas porque ducados colha,
Monta por este paiz,
Onde alguma vez lhe monta.
Sebem já os Portuguezes
Jogando com elle a choca,
Os ducados, que alli busca,
Cruzados na cara os toma.
Aqui pois, onde jantámos,
Mandey pôr a mesa á porta
Onde comi como porco
Talos de couve muy grossa.
Porèm eu quando comendo
Os talos levava á bocca,

Com

Com medo dos Caſtelhanos
Me via em talas neſſa hora.
Dalli me parto dizendo:
Senhor, piquemos de róda,
Que eu c'os Parthos vou ſeguro;
E dos Medos tomo a conta.
Fomos caminhando á viſta
Do campo, onde foy Troya
O anno atraz, que D. Sancho
Com os Caſtelhanos choca.
Alli fuy conſiderando
Em a fraqueza Heſpanhola,
E do choque a Heſpanholeta
Me hia cantando a chacoina.
Veyo belliſſima a noite,
E com eu a querer bôa,
Se ficára ás bôas noites,
Bem mal fizera neſſa hora.
Taõ ſerena a noite eſtava,
Que dos Duques de Saboya
Teve ſer neſſa occaſiaõ
Sereniſſima Senhora.
Chegámos a Eſtremoz,
Aonde as pouſadas todas
Nos dizem eſtarem tomadas,
Com ſerem taõ correntonas.
Todas achámos pejadas

Com gente de pouca conta,
Pois onde achey mayor pezo,
Noto alli menos vergonha.
De Francezes qualquer casa
Occupa a Villa famosa,
Alfim roupa de Francezes,
E Francezes pouca roupa.
Com effeito em Estremoz
Fizemos tres mil derrotas,
E eu fizera mil extremos
Por achar só huma loja.
A huma estalajem chegámos,
Que com ser humilde cousa,
Era taõ vaã, que toda era
De telha vaã esta obra.
Em ella fizemos alto,
E he cousa digna de nota
Fazer alto, quem estava
No baixo de huma choça.
Por ser a casa terreira,
Na terra fiz minha alcova,
Aonde mohi os ossos,
Sem viver na serra de Ossa.
Ceámos lombo de porco
De huma vendeira taõ porca,
Que sendo cuja, sómente
Sabia alimpar as bolsas.

Amanheceo o outro dia
Com alguma nevoa groſſa,
Porque hum dos olhos do Ceo
Com cataratas ſe moſtra.
Alli de albarda huma mula
Alugey, que, com ſer coxa,
Num pé caminhou commigo
Dentro até Villaviçoſa.
Cheguey a eſte paiz,
Falley com as Madres todas,
Que Madres perolas eraõ,
Porque as achey muy formoſas.
Logo falley ás irmaãs,
Que eſperando eſtaõ por horas
Terem mil horas de goſto
Para contarem hiſtorias.
Do primeiro Deos nos ſalve
Paſſey a buſcar a choça,
Onde me fiquey fazendo
Das cinco tardes a loa.

*drejaõ os Lacedemonios a Licurgo,*
*: muito os amava, e lhes tinha da-*
*) as mais ajuſtadas leys: e chegá a*
*anto a ingratidaõ deſtes barba-*
*ros, que, depois de o privarem*
*d'um olho, a tiro de pedras*
*o lançaõ fóra do Reyno.*

# SONETO.

) E Eſparta me expulſais cõ tyrannia,
eis Lacedemonios, mas deſorte,
,mais que em meu deſterro, em dar-me
a morte
e ſe empenha a voſſa aleivoſia.
omo premio do bem que vos regia,
reis que eu crueldades vos ſopporte,
os damno me faz da Parca o corte,
a vós a fama deſta acçaõ impia.
pezar deſſe voſſo atrevimento,
nor, que exprimentaſtes, ainda dura,
im por dar-vos goſto ja me auzento.
eu animo vingança naõ procura,
ue em pena de crime taõ violento
i que exiſta a minha ſepultura.
*e hum Anonymo.*

AO

# AO MENINO JESUS CHORANDO.

## SONETO.

LLorando veo, quien reir debiera,
Quien debiera llorar, veo riendo:
Es Dios aquel, que llora padeciendo,
Rie el hombre, y mejor llorar le fuera.

Llora entre pajas, lexos de su esféra,
Su ser en el de Niño desmintiendo,
Rie allà de su esféra el hombre, siendo
Mas razon que llorara, y no riera.

Porque llorais mi bien, quando no llora
Aquel, por quien lhorais? tened el llanto,
Que el hombre con la risa se enamora:

Pero de que lloreis ya no me espanto;
Pues vuestro amor las perlas atesora
Para pagar del hombre reir tanto.

*De Jeronymo Bahia.*

# Á MORTE DE FILIS.

## SONETO.

O Mais inconſolavel ſentimento
A voſſa morte, ó Nyſe, me motiva;
Que he juſto ſinta a dor mais exceſſiva
Quem perdeo para ſempre tal portento.
Quando eſtava sẽ vós qualquer momẽto,
Naõ me deixava a magoa mais activa;
E ſe aſſim vos amey em quanto viva,
Qual ſerá neſta auſencia o meu tormento!
A dura Parca com tyranno córte
Tudo extingue; porèm a voſſa vida
Durará muito álèm da voſſa morte.
Eu morrerey, que a pena, q̃ me inflãma,
Me ha de a vida tirar com rigor forte;
Porque he bem q̃ vos ſiga quem vos ama.

*De huma douta penna.*

DA-

# DAMA DOLIENTE, y quexosa.

## SONETO.

AUnque de mi salud el detrimento
Indicia de mi pena lo excessivo,
Quien duda que es offensa del motivo
No terminar la vida el sentimiento.
Fragil demonstracion de lo que siento
Es de una enfermedad lo executivo,
Si nò es, que por matarme con lo vivo
Se transforma la vida en el tormento.
Vivo de tantos males combatida,
Muerto de tanta vida atormentada,
Que muerte viene a ser la propria vida:
No quede pues mi pena mal jusgada,
Que, para se abonar de bien sentida,
Basta ser por sentida eternizada.

*De buma Anonyma.*

# SONETO.

QUe dizis vós, indigno entẽdimiento,
En eſta accion, en que de vós me fio?
Que pues vive cautivo el alvedrio,
Solicite piedad el ſentimiento.
Vós, voluntad, q̃ a tan gentil portento
Sujetais para ſiempre el guſto mio,
Que me dizis tambien? Que es deſvarío
No procurar remedios al tormento.
Memoria, vós, que la paſſada gloria,
Y el agrabio tambien teneis preſente.
Que me dizis? Que quien ſe ſiente olvida.
Ay que importa q̃ eſteis tan dividida,
Si adonde el alma vá, van juntamente
Entendimiento, voluntad, memoria.

*De buma Anonyma.*

SO-

# SONETO.

Prendas de aquella diosa soberana,
Que Sol abraza, quando Estrella inclina;
Reliquias de una mano, que por dina,
Divina dá temor, y aliento humana.

Que gusto, que plazer, que gloria vana
Tuviera yo, si Nise la divina
A las mismas acciones de benina
Nò vinculara indicios de tyrana.

Letras me niega (ay Dios) pon q de ava-
No acuse solamente sus luzeros, (ros
Sinò tambien sus pensamientos raros.

Ay que importa, q en fé de castigaros
La gloria me concede de teneros,
Si vida no me dá para alograros.

*De huma Anonyma.*

SO-

# SONETO.

QUem depois de alcançar o q̃ pertende,
Da meſma obrigaçaõ delicto fórma;
Quem em caſtigo o galardaõ transforma,
Ou aborrece muito, ou pouco entende.
Mas do nome de ingrato ſe defende,
Bem co' de preſumido ſe conforma
Quem, quãdo mais feliz, queixoſo informa
Quem, em vez de premiar, ingrato offende.
Porèm quando o juizo he levãtado,
Quem duvida que a queixa he fingimento,
De quem naõ ſe quer dar por obrigado:
Eſte o motivo foy do voſſo intento,
Porèm naõ ſe logrou; que o mau cuidado
Tem por premio melhor eſte eſcarmento.

*De huma Anonyma.*

SO-

# SONETO.

YO tomarè la pluma, y de tus glorias
El croniſta ſerè, dichoſa Eliſa,
Porque quien tus memorias eternisa,
La tenga de mi amor en tus memorias.
Dulces ſeran por ti, por mi notorias
Las ancias, que Silvano inmortaliza,
Si tus miſmas vitorias ſoleniza
Quien deve ſu dolor a tus vitorias.
Yo cantarè, Señora, lo que lloro,
Pues ordena el amor, quiere la ſuerte,
Que ſea al fin mi pluma mi homicida.
Ay decreto cruel del bien que adoro,
Que poſſeyendo tu, me des la muerte,
Y que eſcriviendo yo, te dè la vida.

*De buma Anonyma.*

*Man-*

*Manda Damazipo degolar a Antiſtio com o affectado pretexto de fautor das partes de Sula, vendo o qual morto ſua mulher Calpurnia, com huma eſpada ſe traſpaſſa.*

## SONETO.

DAmazipo tyranno, e enfurecido
Manda matar Antiſtio injuſtamente,
Pois aquelle, que offende hum innocente,
Por iniquo, e cruel deve ſer tido.
Publica q̃ em traiçaõ foy cõprehendido
E que aſſim ſoffre a morte juſtamente;
Que nunca falta ao que obra erradamente
Pretexto, que deſculpe o ſeu partido.
Naõ aviſta Calpurnia aquelle amado
Eſpoſo, que adorava a todo o inſtante,
E vay por donde a guia o ſeu cuidado.
Mas vendo que huma eſpada penetrante
A cabeça lhe tinha ſeparado,
Traſpaſſada com outra o ſegue amante.

*De huma douta penna.*

AUNA

# A UNA AUSENCIA.

## SONETO.

QUien dize q̃ la ausencia es homicida,
No sabe conocer rigor tan fuerte,
Que si la dura ausencia diera muerte,
No me matara a mi la propria vida.
Mas ay, que de tu ojos dividida,
La vida me atormenta de tal suerte,
Que muriendo sentida de no verte,
Sin verte vivo, por morir sentida!
Pero si de la suerte la mudança
Es suerte, me asegure la evidencia,
Que tanto me dilata una tardença:
Nó quede el sentimiento en cõtigencia,
Que el milagro mayor de la esperança
Es no rendir la vida a tal ausencia.

*De huma Anonyma.*

*Descripçaõ de hum bosque.*

# SONETO.

JUnto ás margens d'um rio caudaloso,
Que tudo inunda com a sua enchente
Fabricou para horror da humana gente;
A natureza hum bosque tenebrozo.
A entrada nega ao resplendor formoso,
De que Febo orna a terra lindamente:
Crueis sylvas produz unicamente,
Quáto inclue he medonho, he horrorozo.
Ao mais alegre causa sentimento,
Fórma tímido o peito, que he mais forte;
Porque em fim he das féras apozento.
Mas destas fuy intacto, porque a sorte,
Temendo que se acabe meu tormento,
Para meu mayor mal me impede a morte.

*De hum Anonymo.*

*A Hum*

*A hum desengano.*

# SONETO.

Será brando o rigor, firme a mudança,
Humilde a presumpçaõ, varia a firmeza,
Fraco o valor, cobarde a fortaleza,
Triste o prazer, discreta a confiança.
Terá a ingratidaõ firme lembrança,
Será rude o saber, sábia a rudeza
Lhana a ficçaõ, sofistica a lhaneza,
Aspero o amor, benigna a esquivança.
Será merecimento a indignidade,
Defeito a perfeiçaõ, culpa a defensa,
Intrepido o temor, dura a piedade,
Delicto a obrigaçaõ, favor a offensa,
Verdadeira a traiçaõ, falsa a verdade,
Antes que vosso amor meu peito vença.

*De huma Anonyma.*

Ma-

*Mata-se Cleopatra por ver morto Marco Antonio, a quem firmemente amava.*

# SONETO.

A Tua infausta morte, Antonio amado,
Commutou meu prazer em agonia;
Pois se este de ti todo procedia,
Contigo deve ser finalizado.
Não póde ser com vozes expressado
O tormento, que sinto neste dia;
Porque se este meu peito em ti vivia,
Sem ti quanto será desanimado!
Se na vida vivemos sempre unidos,
Que na morte o sejamos he decente;
Pois são na alma os affectos esculpidos.
Eu voluntaria acabo, e saiba a gente,
Que por amantes só devem ser tidos
Os que vivem, e morrem juntamente,
*Por hum Engenho desta Corte.*

AO

*Ao Amado Auſente.*

# SONETO.

SE apartada do corpo a doce vida ;
Domina em ſeu lugar a dura morte ,
De que naſce tardar-me tanto a morte ,
Se auſente d'alma eſtou, que me dá vida?
Naõ quero ſem Silvano já ter vida ,
Pois tudo ſem Silvano he viva morte ;
Já que ſe foy Silvano, venha a morte,
Perca-ſe por Silvano a minha vida.
Ah, ſuſpirado auſente, ſe eſta morte
Naõ te obriga a querer vir dar-me vida,
Como naõ me vem dar a meſma morte!
Mas ſe n'alma conſiſte a propria vida.
Bem ſey que ſe me tarda tanto a morte,
Que he porque ſinta a morte de tal vida.

*De huma Anonyma.*

# SONETTO.

QUe ſuſpenſaõ, que enleyo, q̃ cuidado
He eſte, meu tyranno deos Cupido?
Pois tirando-me em fim todo o ſentido,
O ſentido me deixa duplicado.
Abſorta no rigor de hum duro fado
Tanto de meus ſentidos me divido,
Que tenho ſó de vida o bem ſentido,
E tenho já de morte o mal logrado.
Elevou-me no damno, que me offende,
Suſpendo-me na cauſa de meu pranto,
Mas meu mal (lay de mim) naõ ſe ſuſpẽde.
Oh ceſſe, ceſſe amor, taõ raro encanto,
Que para quem de ti naõ ſe defende
Baſta menos rigor, naõ rigor tanto.

*De huma Anonyma.*

*Tendo Cayo Plaucio a funeſta noticia da ſua querida Conſorte ſer morta, com huma eſpada traſpaſſa o peito; e acudindo-lhe os criados, para lhe obviarem a morte, o prendem, cujas prizoens, tanto que ſe augmentaraõ, elle afflicto quebra, e abrindo mais a ferida, em pranto rigoroſo perde os vitaes alentos.*

## SONETO.

MAta-ſe Plaucio, porq̃ a Parca impia
A ſeus olhos robou a cara eſpoza;
E antes quer huma morte rigoroza
Que viver hum inſtante em agonia
Falta-lhe aquella doce companhia,
Em que paſſava a vida mais goſtoza;
E por ſeguir Eſtrella taõ formoſa
O alento entrega á propria tyrannia.
Os coraçoens, que amor tem ajuntado,
Dezunidos que eſtejaõ hum momento,
Os rigores ſopportaõ do cuidado.
Naõ ſoffreo eſte Heróe menor tormẽto;
E ſó porque naõ viva ſeparado,
Acaba no martyrio mais violento.

*Por hum Engenho deſta Corte.*

*Deſcripçaõ da Aurora.*

# SONETO.

COmo rompe brilhante, a roxa Aurora,
Como as lindas Eſtrellas vaõ fugindo,
So o Sol no Oriente vem luzindo.
Já buſca alegre o monte huma paſtora.
Nos verdes prados de Amalthea, e Flora
A fragrante eſpeſſura ſe eſtá rindo;
Das aves, que dos ninhos vaõ ſahindo
Já nos valles faz ecco a voz ſonora.
O caminhante parte mais goſtozo,
Na relva anda paſtando o manſo gado,
Tudo alegra aquelle Aſtro luminozo.
Só eu vivo em triſteza ſepultado,
Que em quáto naõ naſcer Sol mais viſtoſo
Naõ hey de ſer contente, e ſocegado.

*De huma douta pena.*

SO-

# SONETO.

SE por naõ me lembrar de hũ crocodilo,
Que matar-me intentou com falſo pranto,
Pudera ſujeitar-me a rigor tanto,
Que habitára c'os mais no Egypcio Nilo.
Se por naõ me acordar daquelle eſtylo,
Que foy já por meu mal infauſto encantõ,
Pudera padecer, cauſando eſpanto,
Quantos tormentos inventou Perilo.
Tudo paſſara em fim, tudo fizera
Por naõ me vir jamais ao penſamento
Quem fingido chorou, matou fingido.
Mas que raro tormento naõ quizera
Quem julgã ſó pelo mayor tormento
A lembrança menor de hum fementido!

*De hum Anonymo.*

# SONETO
## QUADRILINGUE.

CErca del claro Tajo la corriente
Unum triſtem paſtorem vidi ſtare,
Sua fórtuna infelice lagrimare
Affligido, magoado, deſcontente
Lloraba; pues ſe conocia auzente
Felizardæ, quam diligit, preclaræ;
Non potendo piazer alcun trovare
Nem linitivo á ſua pena ardente.
Deſus quexas quedê tan laſtimado,
Quod illi dixi hac expreſſione:
De pranto baſta ja, paſtor amado.
Et non voi date tuto a la paſſione;
Conſoladvos, pues hafe ebduro hado.
Me æquali circundi afflictione.

*De huma Douta penna.*

*Para obviar os continuos roubos, que em Sicilia se faziaõ, prohibio Domicio Abenobarbo, seu Governador, com pena de morte, que ninguem uzasse de lança, e mandando-se-lhe hum javali de admiravel grandeza, ordenou viesse á sua presença o Pastor, que o tinha morto; o qual confessando que para isso usara de lança de caçador, foy logo por elle condenado a perder a vida em hum patibulo.* Valerio Max. lib. 6. c. 3.

## ROMANCE.

DEixa, Domicio, taõ injusto intento,
Porq̃ naõ póde ser de peito humano
Intentar que em martyrio rigoroso
Acabe a vida quem naõ he culpado.
Naõ sabes que em Sicilia se publicaõ
As tuas justas leys, e naõ nos campos,
E que, pois nestes vivo, só me lembro
Do pasto, que hey de dar ao meu rebanho?
Quando me acreditava venturoso,
Só penas sinto, só tormentos acho;
Pois por matar a féra, que acceitaste,
Queres dar-me o castigo mais tyranno.

Se os beneficios pagas desta sorte;
Com que pena castigas os aggravos?
E se tratas assim quem te respeita,
Que mal rezervas para os teus contrarios?
Em dar-me a morte cruelmente insistes,
E serão os effeitos deste estrago
Tu por barbaro, feres conhecido,
Eu ser por innocente lastimado.
Naõ seja assim, Governador illustre,
Valha-me agora teu famoso amparo:
Em mim foy ignorancia este delicto,
Em ti será grandeza perdoá-lo.
Valha-me em fim aquella singeleza,
Que sempre acõpanhou meu triste estado
Ja que naõ póde a compaixaõ mover-te
Hum coraçaõ desfeito em duro pranto.
Disse, e tanto attendeo aos justos rogos,
Deste infeliz aquelle deshumano;
Que em resposta lhe deo estas palavras
Mais horrorozas do que o mesmo caso:
Eu sou quem fiz aquelle santo edicto,
Que tem a tua audacia quebrantado;
Eu devo executar as Leys, que ponho,
Tu deves observar o que eu declaro.
Naõ digas que ignoravas o preceito,
Por cuja violaçaõ es castigado;

Que

Que a Ley depois de publicada obriga
Em qualquer parte a todos os vaſſallos.
Na morte rigoroſa, que mereces,
Só póde ter Sicilia o deſaggravo:
Eu poſſo perdoar a quem me offende,
Mas naõ a quẽ perturba o bem do Eſtado.
E pois eſte em guardar as Leys conſiſte;
E tu niſto fizeſtes o contrario,
Porque faltaſte entaõ ao que devias,
Naõ diga o povo que eu agora falto
He mais util ao publico o caſtigo,
Do que o perdaõ da pena deſſe aggravo;
Pois neſte vê-ſe livre hum criminozo,
E naquelle hum preceito executado.
Publícas, que nos favores recebidos
No que executo correſpondo ingrato:
Mas ſe em tudo o q̃ obraſte me offendeſte,
Na morte, que te dou, te ſatisfaço.
Pouco importa que digas que na fama
Ficarey por cruel eternizado,
Se obſervar os preceitos da Juſtiça
Em todo o tempo mereceo applauzos.
Queixa-te contra ti, pois que tu foſtes
A principal origem do teu damno,
porque ſe naõ cahiſſes em tal culpa,
Tambem ſerias de tal pena intacto.

Tu pódes commetter muitos insul-
tos,
Eu tenho obrigaçaõ de caſtigá-los:
Pois deixar os delictos ſem caſtigo
Faz que os decretos ſejaõ deſprezados.
Se as Leys do exemplo muito mais
obrigaõ
Que as determinaçoens do Soberano;
Para que todos vivaõ como devem
Sacrifique-ſe a vida d'um vaſſallo.
Acaba finalmente, porque ſaibaõ
Quantos vivem debaixo de mou mando,
Que ſe tu offendeſte o meu preceito,
Eu com a tua morte ſey vingá-lo.
Aſſim diſſe, e das lagrimas, que aquelle
Debalde derramava, naõ fez paſo;
Pois com triſte ſemblante mandou logo
Que o Paſtor n'uma Cruz foſſe pre-
gado.
Naõ moſtrou compaixaõ eſte Miniſtro
De ver hum infeliz eſtar penando;
Porque em ſeu peito illuſtre ſó vivia
O ardor de reger bem o ſeu Eſtado.
Que eſte procedimento fora honeſto
Occultar naõ puderaõ os Romanos;
Pois apenas em Roma foy ſabido,
Foy pelos Senadores approvado.

Deſta

Desta acçaõ finalmẽte ao mesmo tempo
Origem teve como effeito raro,
Hum por facinoroso ser punido,
Outro por justiceiro celebrado.

# A HUM PINTASILGO

## morto por hum gato.

### ROMANCE.

VOʻs, Poetas, mas naõ pobres,
Pois vos abonaõ de ricos
Versos de taõ linda galla,
Pennas de córte taõ fino:
Vós, cujos versos iguaes,
Bem que por varios caminhos,
Huns campaõ por bem rafgados,
Os outros por bem vestidos.
Vós, que fazeis de repente
Versos taes, que me persigno
De ser taõ valentes todos,
Sem se ver nenhum em riscos:
Se quereis que a fama vossa
Voe desde o Tejo ao Indo,

Onde

Onde o Sol tem berço, e tumba,
Hum d'ouro, outro de safiro.
Tomay o grave argumento
De meu leve Pintasilgo,
E seja de vós seu canto
Quando louvado, excedido.
Informaçoens vos darey
Delle morto, e delle vivo.
De seu pay, e sua mãy,
E mais de seu patrio ninho.
Naõ foy desazada a mãy,
O pay foy moço de brio,
Que voou sempre com galla,
Que sempre cantou com pico.
Entre os pintasilgos era
Hum Adonis, hum Narciso,
Mas sempre por esses ares
Andava como hum doudinho.
Ambos creyo naturaes
Foraõ de Entre Douro, e Minho;
E porque o creyo, he porque
Cada qual foy pica-milho.
Isto só foy de seus pays,
De seus avós tenho ouvido
Foraõ soldados volantes
Em dar salvas muito vistos.
Mas deixando avós, e pays

Tratemos do neto, e filho,
Bem que treme a paſſarinha
De fallar no paſſarinho.
N'uma Pereira naſceo,
Mas parecia por lindo
Mais que naſcido em Pereira,
Em Fermoſelha naſcido.
Perguntar-ſe-lhe pudéra,
Vendo ſeu bico comprido,
Qual ſe Cerolico fora,
Quem te deo tamanho bico?
No roſto muy encarnodo.
Mas nas azas muy paguiço,
Muy paſſivo na garganta,
Mas nos olhos muy activo.
Que vos direy do ſeu canto,
Daquelle canto ſubido,
Que ſendo taõ natural,
Teve tanto de feitiço?
Junto delle o rouxinol,
Que foy da Alva o mais bem quiſto,
Rouxinol da Alva naõ foy,
Por de Alvalade foy tido.
Quantas vezes, quantas vezes
Humildemente o cochicho
Eſmólas de melodia
Lhe pedio, por Jeſu Chriſto!

No-

Novo Tereu em ſeu canto
Filomella ſem ſentido,
A voz lhe tirou valente,
Tirou-lhe a honra laſcivo.
Mettido com elle em danças
O canario mais altivo
Fora ruſtico villaõ
Que naõ canario polido.
Naõ lhe fora igual o Cyſne,
Que prudente, que advertido
Lançou barbas de remolho,
Vendo arder as do viſinho.
Igual naõ lhe fora o Feniz,
Paſſaro velho, e menino,
Que vivendo eternizado
O torna a morte no ninho.
Em fim, ſe o Feniz, ſe o Cyſne
Ouviraõ ſeus tiples finos,
Ficára queimado o Feniz,
O Cyſne ficára frio.
De noite á luz me cantava,
E certo que era bem digno
De ſer buſcado á candêa
Hum cantor taõ exquiſito.
A gayola tinha aberta,
Bem como ſe fora ninho;
Que paſſaro taõ diſcreto

Naõ

Naõ era para atadiço.
Fugia, porèm tornava,
E crede que mais eſtimo
De ſuas azas as fugas,
Que as fugas de ſeus tonilhos.
Entaõ vi que mais valia,
Certo rifaõ deſmentido,
Hum paſſarinho vòando,
Que na maõ dous paſſarinhos.
Dous annos foy meu recreyo,
Sem que Inverno, ſem que Eſtio
Lhe resfriaſſe os motetes,
Lhe encalmaſſe os vilhancicos
Em os oito ſobre os dez
Do primeiro mez florido,
Depois que almoçou contente
Creſpas nozes, pinhoens lizos.
Hum gato (que triſte forte!)
O matou; (que fado eſquivo!)
Mas bem que morreo violento,
Morreo como hum paſſarinho.
Porèm vamos de vagar,
Que naõ ſoffro, nem conſinto
Morra tambem de facada
Meu paſſaro nos meus rithmos.
O Signo aqui ſe deſcreva,
Em que andava o deos de Cynthio,

Que eſtando o paſſaro morto,
He bem ſe lhe toque o ſino.
O touro, que occultou Jove,
Quando para ſer marido
Se fez ſangrar em ſaude,
Antes de noivo novilho.
O Touro digo celeſte
Guardava o Paſtor de Anfriſo
Quando, como vos relato,
Quando, como vos refiro,
Depois de cortar com força,
Depois de quebrar com brio
De huma noz duas perninhas,
De huma pinha tres dentinhos,
A deſpedir ſe do vento
Sahio mais que nunca lindo,
Tornou leal como ſempre,
Cantou mais que ſi tenrinho.
Sahi-me, (ay triſte!) da cella,
Entrou hum gato maldito,
Na perfidia, e peito Mouro,
Na cor, e nome mouriſco.
Deo-lhe tal eſfollagato,
Que deixou (que fado eſquivo!)
A mim em pranto banhado,
A elle em purpura tinto.
Cheguey, porém foy tarde,

Que

Que ſó, Poetas conſcriptos,
Fuy da morte teſtimunha,
Mas naõ da vida preſidio.
Elle no meyo da caſa
Semimorto, ſemivivo,
Todo entregue aos ſentimentos,
Todo negado aos ſentidos,
Tres vezes abrio, tres vezes
Cerrou os ſeus dous olhinhos,
Da minha viſta alentado,
Da ſua pena vencido.
Pellicano parecia
Com o peito dividido,
Porèm muy mais pellicano
Me parecia por brinco.
A boca abrio finalmente,
Mas taõ doce, que imagino
Venceo os primeiros quebros
Neſtes ultimos ſuſpiros.
Chorou perolas a Aurora,
E com termo agradecido
Os que lhe deo doces cantos,
Lhe pagou em prantos finos.
Eu o lume dos meus olhos
Com agoa deixey extincto,
Tendo em fim ja de chorar
Mais cataratas, que hum Nilo,

Dey no mouriſco hum tabardo,
Mas fugio-me com hum brinco
Muy mal inteiro nos lombos,
Muy bem meado nos gritos.
Torney a colher á tarde
O paſſericida impio,
Dey-lhe garrote, e levou
Por hum crime dous caſtigos.
Em fim, que morreo o gato
De dous males perſeguido,
De tabardilho primeiro,
E depois de garrotilho.
Vay, bruto, mil vezes bruto,
Vay para o negro Cocyto,
Onde ande ſempre o Cerbero
Qual caõ com gato contigo.
Logo pompa funeral
Ordeney ao paſſarinho:
Urna foy o vaſo de agoa,
Foy campa o cofre do milho.
Deraõ-me para o letreiro,
Que logo vereis eſcrito,
Penna as azas eſpalhadas,
E tinta os coraes vertidos.
Se quem vês morto, vivera
Entretera, ó peregrino,
Com os paſſos do ſeu canto

Os

Os paſſos do teu caminho.
Pára, tu, pois jaz defunto
Quem te prenderia vivo,
Ou por taõ luſtroſo aos olhos,
Ou por taõ doce aos ouvidos:
*Jaz aqui hum novo Orfeo*
*Diſfarçado em Pintaſilgo,*
*Que com ſuave harmonia*
*Moveo montes, parou rios.*
*Foy taõ fiel a ſeu dono,*
*Seu dono taõ ſeu amigo,*
*Que na prizaõ andou livre,*
*Na liberdade cativo.*
*Hum gato de unhas abaixa*
*Lhe deo eſtocadas cinco:*
*Sem ter naſcido Beiraõ*
*Fenece como hum ratinho.*
*Vay-te, bem materia levas*
*De lagrimas, e ſuſpiros.*
E a Deos, leitor, que te guarde
De creares paſſarinhos.
Agora com voſſos verſos,
Cujos correntes pés lindos,
Bem que em mil prantos ſe mettem,
Calçaõ ſempre muy polido.
Com voſſos verſos agora,
Que ha de ſer mayor confio,

Que o Pardal do Veronenſe,
Que a Pompa do Patavino.
Cyſne ficará de Apollo,
Tendo por modo inaudito
Nos voſſos verſos ſeu canto,
E nos meus olhos ſeu rio.
E ſeu amo ſerá ſempre
De Poetas taõ divinos,
Mais que por habito negro,
Pela ſujeiçaõ cativo.
*Por Jeronymo Bahia.*

## AO MESMO ASSUMPTO.

### ROMANCE.

DEixay de cortar os ares,
Doces aves, paſſarinhos,
Que he tempo de tocar arma,
E deixar eſſes tonilhos.
Cortay, aves, de veſtir
A hum gato taõ atrevido,
Que de gatinhas matou
O Pintaſilgo mais lindo.
Deixay o ſuave canto,
Deixay eſſes buraquinhos,

Naõ digaõ que naõ ſabeis
Sahir, paſſaros, do ninho.
Se naõ vingardes a affronta
Daquelle irmaõ Pintaſilgo,
Gato çapato de vós
Fará ja qualquer gatinho.
Vinde vingar huma morte
De hum pobre innocentinho,
Que vivendo ſempre em pennas,
Morreo depennado vivo.
Hum paſſaro taõ quieto,
Que parecia hum anjinho
Nas azas, com que voava,
No canto taõ peregrino.
O muſico roüxinol
Toque o clarim mais ſubido,
Ajunte eſquadroens das aves,
Quem vem com plumas luzido.
O paſſaro, que he bom melro,
E magano de aſſobio,
Venha logo, e por Aveiro
Eſſas aves conduzindo.
Toque a caixa em Cantanhede,
Traga comſigo os cochichos,
Que fallaõ na noſſa lingua,
Saõ Paſſaros entendidos.
Venha por Coimbra a fama,

É traga eſſes eſtorninhos;
Sejaõ ſoldados valentes,
Já que ſaõ velhacos finos.
Para virem mais ligeiros
As azas eſtendaõ, digo,
Que lhe ſerviraõ de vélas.
Vélas a ſeus papa-figos.
As cegonhas tambem tragaõ,
Os viveres conduzindo,
No perú venha o eſporaõ,
Que venha logo ferindo.
Armado de ponto em branco
Venha o Cyſne rebolindo;
Pois ſempre cantou de requiem,
Venha fazer os officios.
Viſtaõ-ſe negros capuzes
Os córvos mais denegridos,
Por deſenterrar hum corpo,
Que eſtá nas tripas mettido.
Hum gato taõ ocioſo,
Que deixando o ſeu officio,
Sendo hum demo para os ratos,
Deo em andar aos paſſarinhos.
Gato, que naõ he de algália,
Antes gato monteſinho,
Que lá na ſerra de Gata
Querem dizer foy naſcido.

Gato, que ainda tem raça,
Por dizerem que he mourisco,
E no collegio dos gatos
Naõ entrou por naõ ser limpo.
Era meado Janeiro
Que do fim tem o principio,
De hum mez sempre meado,
Que traz a gata Consigo.
Sahio limpando os bigodes,
E alimpando o focinho,
Jurando assim pelas barbas,
Disse assim ao passarinho:
Eu te tirarey das penas,
Te mandarey ao Cocyto,
Melhor te será morrer,
Que estar prezo, inda que vivo.
E lançando logo as garras,
Agarrou do pobrezinho,
Convertendo em pintarroxo
O pobre do pintasilgo.
Quiz inda suster a vida
Com seus doces sustenidos,
Até que dando ás azas,
A' morte ficou rendido.
Muitas vezes çape, çape
Lhe disse, gato maldito,
Que naõ ha cá que arranhar,

Só pennas trago commigo,
Mas o gato, que bem ſabe
O gateſco, e o Latino,
Lhe diz: *Meus*, *mea*, *meum*,
Por meao, meay, e mio.
Em fim, naõ pode eſcapar
A hum gato taõ ladino,
Que á força com a maõ do gato
Quiz levar o paſſarinho.
Naõ ſe vio tal deſafóro
De hum gato taõ atrevido,
Que naõ contente com ratos,
Ja quer de rouxinoes bicos.
Anda agora homiziado,
E dizem que anda aos grilos;
Porque quem hum prezo mata,
Commette mayor delicto.
Dizem que fez teſtamento
O morto nuncupativo,
Deixa Eſtella por herdeira
De todos ſeus moveſinhos.
Tambem deixa á meſma Eſtella,
Por quem bebia os ſuſpiros,
O bico, pois tem tal garbo,
Tenhá tambem lindo pico.
Por ella taõ requebrado
Andava, e taõ quebradiço,

Que

Que todo o ſeu doce canto
Desfazia em quebroſinhos.
As pennas para hum chumaço
Deixou a hum ſeu viſinho,
E a outro deixa tambem
O ſeu bebedouro limpo.
Sua muſica deixou
A hum cuco ſeu amigo,
Que em vida com muitos rogos
Aſſim lho tinha pedido.
O rabo deixa a hum pavaõ
Como a paſſaro luzido,
Que ſeus olhos tem no rabo,
E o ha de ter guardadinho.
Como era grande cantor,
E muſico taõ ſubido,
Dos muſicos da Capella
Dizem que tem ſeu jazigo.
E ſobre a pedra da campa
Lhe eſcreveo hum ſeu amigo
Eſte elegante epitafio,
Com ſeu meſmo ſangue eſcrito.

# EPITAFIO.

*N Eſta breve terra jaz*
*Hum muy nobre Pintaſilgo,*
*Que foy pilhado de gatas*
*Por hum ſó gato mouriſco.*
*Tu, quem quer que vás paſſando,*
*Pára-te aqui compaſſivo,*
*E paga agora ſeu canto*
*Com lagrimas, e ſuſpiros.*
*Compadece-te do pobre,*
*Porque quando eſtava vivo*
*Alleviava tuas penas*
*Com ſeus ſuaves tonilhos.*
*E dá por ſua tençaõ*
*Em qualquer gato atrevido*
*Taõ gran çurra de pancadas,*
*Que fique muy bem moído.*
*Nem deſcances de pizá-lo,*
*Antes que elle a puros gritos*
*Arremede em ſeus meaos.*
*O cheyo de meus modilhos.*
*Deſça o bruto ás negras agoas*
*Deſſe rio de Cocyto,*
*Onde pague por inteiro.*
*O que meando ha comido.*

Pelo meſmo Author.

RO-

## ROMACE.

AMada prenda del alma,
A cuyo raro valor
Es fuerça que corta venga
La mayor eſtimacion.
Zona del Cielo de Niſe,
Yris de ſu hermoſo Sol,
Que ceñiſtes ſu belleza,
Que anunciaſtes ſu fabor.
Planeta, que el Firmamento
Talvez en ſi deſeò,
Por dever mas que a ſus luzes
Glorias a la imitacion.
Premio, que otorgarme quizo
La mas rara diſcricion,
Porque la mayor fineza
Tuvieſſe el premio mayor.
Oh que diverſas eſtamos,
Dulce prenda, vós, y yó!
Vós infelice commigo,
Yo muy dichoſa con vós.
Que differentes extremos,
Niſe, en las dos igualò!
Pues para vós ſue caſtigo,
Lo que para mi fabor.

Culpada hallaros devia
La deidad mas ſuperior
Pues a vós os dió caſtigos,
Quando a mi premios me diò.
Quien duda que vueſtro daño
Fue de mi gloria occaſion:
Pues ſi Niſe no os largara,
No os conſiguiera mi amor.
Tanto por ſuya os adoro,
O' vanda del miſmo Sol,
Que mas que en mi la alegria
Impera la compaſſion.
Que bien en vós ſe averigua
Lo que vá de ayer a oy!
Pues ayer fuiſtes dichoſa,
Y oy tan infelice ſois.
Bien dizen que ſiempre tuvo
Con exceſſivo rigor
La deſdicha de la dicha
Infalible ſucceſſion.
La deidad, que abſorta adoro,
En ſu pecho os colocò
Por cauſar al miſmo Cielo
Generoſa emulacion.
Mas deſpues que de ſu pecho
A mi mano os trasladò
Ludibrio os hizo del tiempo,
otivo de compaſſion.

Con

Con todo tan rara os miro,
Que no sê distinguir, nò,
Si sois vanda, ò si sois venda
Del ciego Rey, fuerte Dios
Por reliquia os juzga el alma,
El deseo por sabor,
La voluntad por delicia,
La libertad por prision.
Todo en fin sois, prenda mia,
Pues hallo juntos en vós,
Si premios para el deseo,
Laços para el coraçon.

*De huma Poetiza Anonyma.*

# A HUMAS SAUDADES.

## ROMANCE.

QUe me quereis saudades?
Porque me matais, ausencias,
Pois com repetir memorias
Multiplicais minhas penas?
Se para tyrannizar-me
Bastaõ só minhas tristezas,

Como em penoſas lembranças
Me dais motivo a mais queixas?
Lançay lagrimas, meus olhos,
Pois quer amor que padeça;
Choray, que o chorar auſente
Mais acredita a fineza.
Com razaõ podeis queixar-vos,
Ja que naõ tendes quem ſeja
Allivio a voſſos pezares,
E preſente ás minhas queixas.
Se lembranças me maltrataõ,
Quem póde haver, que naõ crêa,
Que quem padecendo vive,
Nunca de queixar-ſe deixa.
Matay-me, auſencias, embora,
A vida logo ſe renda,
Que o morrer de ſaudades
Moſtra valor na fraqueza.
Padeça minha alma triſte
Pois que ſoube amar de véras:
Porque quem de véras ama,
Logo a penar ſe condena.
Viva amor neſtas lembranças,
Mas que eu morra na peleja,
Que quem de amor he vencido,
Todos os riſcos deſpreza.
Em fim, ſaudade minha,
muito a vida feneça,

Se naõ ha peito taõ forte,
A quem naõ mate huma auſencia!
Sacrifique-ſe meu peito
Nas áras da paciencia
Em ſacrificio de dores,
Entre holocauſtos de penas.
Mas naõ; porque ja he brio
Dar a vida na contenda;
Que o morrer de ſaudades
He forrar-ſe a novas penas.
Melhor ſerá que eſta vida
Fique de morrer iſenta,
Que quanto mais tem de larga,
A mais penas ſe ſujeita.
Multipliquem-ſe os alentos,
E o valor naõ deſfalleça:
Porque quanto he mais a força,
Se augmentará mais a pena.
Porque amor quanto he mayor,
Tem por maxima muy certa
Qualificar-ſe de fino
Pelo rigor da peleja.
Nem ſe gradúa de amante
De amor na nobre academia,
Quem naõ ſahir approvado
No exame da paciencia.
E como o amor tem azas,
A ſer amante naõ chega

O que naõ fabrica as azas
Das mais rigoroſas panas
Só vôa de amante ao auge
Com azas as mais ligeiras
O que na terra padece
A tormenta mais desfeita.
Porque nos mares de amor
Maré de rozas navega
Quem dos eſpinhos faz náo,
Com que ao mar alto ſe entrega.
*De Bacellar.*

## ROMANCE.

HUid de amor, zagalejas,
Huid, ſe vivir quereis,
Que verme murir amando,
Eſcarmiento puede ſer
Nò fieis de ſus caricias,
Nò de ſus guſtos fieis,
Que qual Sirena engañoſa
Regala para offender.
Huid de ſus tyranias,
Que diſfarçadas talvez
Aſpides ſou entre flores,
Si floresal parecer.

En los tormentos, que paſſo
Cerca el exemplo teneis:
Mirad-me, y vereis, zagalas,
Eſte inimigo quien es.
Mirad la triſteza mia,
Y en ella conocereis
Su tyrano maltratar,
Mi continuo padecer.
Mirad mis lagrimas triſtes,
Y en ſu corriente vereis
Deſte tyrano lo injuſto,
Deſte traidor lo cruel.

*De huma Anonyma.*

# A HUM PINTASILGO,

*Que vinha cantar ſobre hum freixo á viſta de hum prezo.*

## ROMANCE.

DIze, doce paſſarinho,
Que entre gozoſo, e inquieto
Medes os ares a voos,
E os troncos pizas a quebros.

Que te fez a minha pena,
Que te fez meu ſentimento
Para mais mos augmentares
Co' doce de teus acentos?
Cala-te, porque me ſervem
De tuas vozes os eccos,
Naõ de alleviar-me as penas,
Mas de dobrar-me o tormento.
Em teus goſtos ſe renovaõ
Rigores, e ſentimentos,
Que á viſta das penas proprias
Saõ pena os goſtos alheios.
Olha que o eſtar taõ contente
A' viſta do que padeço,
He querer moſttar-me as glorias
No inferno do ſentimento.
Ah tyranno paſſarinho,
Pouca compaixaõ te devo,
Porque ao ſom deſtas cadêas
Formando eſtás teus gorgeyos.
Pareceſ-me outro Neraõ,
Pois ſubido neſſe freixo,
Acompanhas com teu canto
De minhas dores o incendio.
Havias de immudecer,
Vendo-me eſtar aſſim prezo,
Quando naõ por piedade,
Aõ menos por receyo.

Porque saõ das penas proprias
Vespera os males alheios
Pronostico a dor estranha
Da propria dor, e tormento.
Suspende alegre teu canto
A taõ lastimosos eccos,
Ou destes grilhoens, que arrasto,
Ou das lagrimas, que verto.
Mereça a tua soltura
De minhas prizoens o medo,
Porque se agora estás solto,
Poderás vir a ser prezo.
Vive sempre acautelado
Entre o temor, e o receyo;
Porque pouco estima hum bem
Quem o logra com socego.
Se por alegre atrevido,
E se por livre soberbo
Desafias meus pezares
De teu clarim com os eccos,
Naõ te fies em ter azas,
Porque estes pezados ferros,
Se os mover minha vingança,
Voaõ mais que o mesmo vento.
Olha que naõ estás seguro,
Antes, passarinho, temo
Contra tua vida fulminem

Os rayos de igual tormento.
Olha que eſſas verdes folhas
Te eſtaõ entre ſi tecendo
A tuas vozes ingratas
Verde prizaõ, laço eſtreito.
Ay de ti, ſe apriſionado
Te chegares a ver prezo,
Sem que acompanhem a voz
Eſſes teus voos ligeiros!
Naõ te valerá innocencia;
Queixas te valeraõ menos;
Que o rigor de huma prizaõ
He mal, que naõ tem remedio.
Se cantas por divertir-me,
Saõ eſcuſados teus metros,
Porque em vaõ ſe applica cura
A mal, que naõ ſára o tempo.
Sómente hum bem me fizeſte,
E ſó eſſe te agradeço,
Que he de invejoſo, e ſentido
Teres-me da morte perto.
Porque o mais goſtoſo allivio,
Que póde ſentir hum prezo,
He ver que lhe chega a morte
Chamada ao ſom de ſeus ferros.

*De Jeronymo Baena.*

# ROMANCE.

LA falſedad de tu pecho
Ya sê, Menandro, que es mucha,
Pues lo que en obras declaras
Con las palabras ocultas.
Negar que a Jacinta quieres,
No digo que es mayor culpa;
Que quien por recato niega,
No niega, mas diſſimula.
Outra accion mas te condena,
Que de engañoſo te acuſa,
Pues adorando de veras,
De lo que adoras te burlas.
Diſſimular desdeñando,
Y hazer del primor diſculpa,
Mas es deſden, que recato
Mas que recato, es injuria.
Solicitar juntamente
Favores, viſtas, locuras,
Mas es amor, que deſprecio,
Mas que deſprecio, fé pura.
Que labyrintos ſon eſtos,
Que en el penſamiento fundas;

Pues lo que adoras offendes,
Lo que offendes importunas.
Si talvez en otra parte
Rendimientos conjecturas,
No desengañas, alientas,
No desalientas, adulas.
Oh cesse, Menandro, cesse
Chimera, que es tan confusa:
Pues por lo menos te cuesta
Quedar tu verdad en duda.
Si nò te agrada esse dueño,
Porque otro dueño no buscas?
Si te agrada, porque muestras
Que de sus cosas te burlas?
Si idolatras, porque niegas?
Si niegas, porque asseguras?
Si asseguras, porque olvidas?
Si olvidas, porque importunas?
Si aborreces, porque admites?
Si admites, porque repugnas?
Si repugnas, porque adoras?
Si adoras, porque disgustas?
Advierte, amigo Menandro,
Que mal de tu estilo juzgan,
Y que se pierde el ingenio,
Si en tus acciones discurso.
Contradiciones tan grandes
Que presuncion no perturban,

Que voluntad no resfrian,
Que sufrimiento no apuran.
Quedate para quien eres;
Y permita la fortuna
Que solo a Jacinta quieras,
Porque assi pagues tus culpas.

*De buma Anonyma.*

CLE-

# CLEMENA,

## IDILIO.

ADorava a Clemena o triſte Albano
Como daquelles valles Sol brilhãte,
Mas ella lhe moſtrava o deſengano
No muito qué lhe foy ſempre inconſtante:
Lançou a Auguſta Venus em ſeu damno
No ſeu peito huma ſetta penetrante:
E quanto mais rigores padecia,
Tanto pela paſtora mais ardia.

De tal ſorte roubava o ſeu cuidado
A lembrança daquella formoſura,
Que por baſtantes vezes o ſeu gado
Dormio expoſto aos lobos na expeſſura:
Como ſempre era afflicto, e magoado,
Só queria habitar entre a verdura;
E quando ſolitario alli ſe achava,
Eſtas vozes aos montes eſpalhava.

O' Cle-

O Clemena gentil, porque tyranna
Desprezas quem por ti morre extremozo?
Mova-te a compaixaõ, ja que es humana,
Vereis-me neste estado lastimozo:
Nas acçoens, que praticas deshumana,
Me promettes o fim mais rigorozo:
Acabem, se em teu peito esses rigores,
Pára que allivio tenhaõ minhas dores.

Qual no verde jardim a linda roza,
Entre as outras pastoras tu pareces;
E peyor que huma féra rigoroza
Meu coraçaõ maltratas, e aborreces.
Nesta selva sombria, e deleitoza,
Nunca a meus tristes olhos appareces
Cuidadoso te busco na espessura,
Como o tenro cordeiro a mãy procura.

Enche a terra de luz o Sol brilhante
E logo he cheyo tudo de alegria;
Só eu vivo cercado a todo o instante
Da mais insopportavel agonia:
Cada vez mais te mostras inconstante,
Mas firme te hey de amar, pastora impia,
Em quãto as plãtas para o Ceo crescerem,
Em quanto ás agoas para o mar correrem.

Só

Só quando vivo deſte campo auſente,
He que nelle apaſcentas o teu gado;
Eapenas aqui chego deſcontente,
Fogeſ-me qual a ovelha ao lobo irado:
Do meu o teu officio hẽ differente?
Naõ traz qualquer de nós o ſeu cajado?
Pois ſe tenho contigo ſimilhança,
Para que uſas commigo eſſa eſquivança?

Lembra-te aquelle dia venturozo,
Em q̃ brincando andavas entre as flores?
Pois deſde entaõ te buſco cuidadozo,
E ſó tenho encontrado os teus rigores.
Foy por ventura algum mais extremozo,
Ou deves mais a algum deſſes paſtores?
Apparece, Clemena, neſtes valles,
Naõ augmentes aſſim meus crueis males.

Perto de mil ovelhas apaſcento
Neſtes campos de flores reveſtidos,
Encontro no ſeu leite o meu ſuſtento,
Das ſuas pelles corto os meus veſtidos.
He cercado eſte ruſtico apozento
De arvoredos froudozos, e floridos;
Mas faltando-me a tua companhia,
Nada diſto me ſerve de alegria.

Quan-

Quantas vezes aqui cansado chego
De te andar neſtes boſques procurando,
E torno a procurar-te como cego,
Por ti ſentidos ays ao vento dando!
Neſte forte, e cruel dezaſſocego
A minha infeliz vida vou paſſando;
E tu, ſem compaixaõ da minha ſorte,
Cada vez mais intentas dar-me a morte.

Para que allivio tenha a minha pena,
Muitas vezes teu lindo nome canto;
E aos meſmos bichos deſta ſelva amena
Parece que o meu ecco faz eſpanto;
A tua crueldade me condena
A ſepultar-me logo em triſte pranto;
Finalmente, martyrio tal padeço,
Que de quanto eſtou vendo me aborreço.

Mas de q̃ ſerve aſſim queixar-me agora,
Se o meu mal deſte modo mais augmento,
E nos deſprezos teus, cruel traidora,
Querer fazer perpetuo o meu tormento?
Naõ terey de prazer huma ſó hora,
Até q̃ entregue á morte o proprio alento:
Por mais que paſſe o tempo velozmente,
Nunca me verey menos deſcontente.

Pois

Pois q̃ á minha eſperança o deſengano
Hoje eſtás offrecendo em teus rigores ;
Quero ja libertar-me deſte engano ,
Em que tenho ſoffrido crueis dores :
Naõ ſeja para mim ſó eſte damno ,
Tambem o ſinta algum deſſes paſtores
A tua inſopportavel eſquivança ,
De ti apague ja toda a lembrança.

Apartai-vos de mim, rebanho manſo,
Livremente paſtay nella verdura ;
Quem naõ tem hum inſtante de deſcanço,
Mal poderá guardar-vos na eſpeſſura:
Na voſſa companhia nada alcanço ,
Que adoçar poſſa a minha deſventura :
Neſſes montes paſtay a voſſo goſto ,
Naõ vos cauſe embaraço o meu deſgoſto.
(monte,
Nunca mais vos verey no prado , ou
Entre as hervas o funcho andar comendo;
Nem quando o Sol fugir deſte Orizonte,
Comvoſco para a Aldêa irey correndo:
Das agoas cryſtallinas deſta fonte ,
Quando vos der a ſede, ireis bebendo:
O Deos Pan, defenſor do manſo gado,
Em defender-vos ponha o ſeu cuidado.

Ale-

Alegres paſſarinhos, que entre as flores
Fazeis o mais ſuave, e doce canto,
Largay já para ſempre eſtes verdores,
Como ſitio ſó proprio para o pranto:
A todas as paſtoras, e paſtores
Minhas magoas dizey no voſſo eſpanto;
Se atéqui foltes meu contentamento,
Choray tambem ao longe meu tormento.

Embora vós ficay, boſques viſtozos,
Teſtimunhas fieis de minha pena;
Que a lugares mais triſtes, e horrorozos
A ſorte me encaminha, e me condena:
De voſſos freixos verdes, e frondozos
Nunca mais buſcarey a ſombra amena;
Com a relva, que enfeita aquelles valles,
Creſcerão meus deſgoſtos, e meus males.

CAN-

# CANÇAÕ

## DEDICADA AO SANTO TRIBUNAL DA INQUISIÇAÕ,

## CONTRA A PERFIDIA Judaica no roubo DOSANTISSIMO SACRAMENTO,

*Que ſe fez em Santa Engracia de Lisbõa.*

MEmoria monſtruoſa ! Parto horrendo (1)
De hum povo ingrato, e ſeu fatal caſtigo
Da manqueira do pay perfido herdeiro;(2)
De Deos amado, ſempre a Deos ingrato;
Imitador daquelle que vendendo,
A ſeu Meſtre, por pouco, e vil dinheiro. (3)

Apon-

(1) Memoria veſtra comparabitur cineri. (Job.)
(2) Ipſe vero claudicabat pede. (Geneſ.)
(3) At illi conſtituerunt ei triginta argenteos. (Matt.)

Aprendê-lo primeiro,
Lhe dá beijo de amor, (4)
Tendo de antigo trato
Pagar a Deos mercês com ser-lhe ingrato; (5)
Sem terra, Ley, nem Rey, ao Ceo traidor; (6)
Gente vil, e sem socego, (7)
Em claro dia sodomita cego. (8)
Vibora occulta hypocrita fingido, (9)
Serpente Egypcia, que tragar pertendes
A immortal Figura em a Cruz morta; (10)
Gado espargido que outra vez offendes
O Bom Pastor por te buscar ferido. (11)
E aquelle justo Loth, a cuja porta (12)
Vês que a vista te corta (13)
A nuvem do peccado.
Pois novo Judas és

Que

(4) Quemcumque osculatus fuero, ipse est tenet eum. (Matt.)
(5) Incrassatus est dilectus, & recalcitravit. (Deut.)
(6) Ecce relinquetur vobis domus vestra deserta. (Matt.)
(7) Dispergantur in gentes, quoniam spreverunt Sacramentum meum. (Esdr.)
(8) Et eos, qui foris erant, perierunt cœcitate. (Esdr.)
(9) Progenies viperarum, quæ non potestis bona loqui, versæ sunt in Dracones. (Exod.)
(10) Sicut exaltavit Moyses serpentem in deserto &c. (Joan.)
(11) Ego sum Pastor bonus. (Joan.)
(12) Ego sum ostium. (Joan.)
(13) Ita ut ostium invenire non possent. (Genes.)

Que o novo Jozé vendes outra vez: (14)
Contra o Divino Aron amotinado (15)
Pertinaz em teu erro,
Idolatra perjuro de hum Bezerro (16)
Retrato de Esaú, a cujo exemplo (17)
O morgado do Céo deixas, golozo
Do ouro, que em teu Idolo veneras,
Do Cego Bananias, que furiozo (18)
Com matar a Joab profana o Templo,
Descendencia cruel, féra das féras!
Povo, que sempre esperas
As maravilhas feitas; (19)
Que por cego naõ viste, (20)
Quando a luz, a q̃ Paulo naõ reziste, (21)
E o que queres por vir, prezente engeitas.
Como ao paõ buscas damnos,
Que a teus Pays sustentou quarenta annos? (22) Dif-

(14) Melior est ut venundetur Ismaelitis. (Genes.)
(15) Populus ingratus adversus Aaron. (Exod.)
(16) Fecerunt sibi vitulum conflatilem, & adoraverunt. (Exod.)
(17) Juravit ei Esau, & vendidit primogenita. (Genes.)
(18) Fuit Joab in tabernaculum, & ascendit Bananias, & adversus eum interfecit. (3. Reg.)
(19) Docebat eos in Synagogis eorum, ita ut mirarentur, & dicerent: Unde huic sapientia hæc; & virtutes (Matt.)
(20) Sinite illos, cœci sunt duces eorum. (Matt.)
(21) Domine quid me vis facere? De futuro multa prævidit, sed Deum præsentem non vidit. (Acta Ap.)
(22) Filii autem Israel comederunt manna. (Exod.)

Diſcipulo de Can, que quando viſte (23)
Ao Divino Noé poſto na Cruz
Só por ſalvar-te, com deſprezo o tratas (24)
Novo Longuinhos hoje, que a Jeſus
Com venenoza lança o peito abriſte (25)
Na Hoſtia, aonde cuidas que ainda o matas,
Com moſtras mais ingratas,
Que ſe morto o ferio (26),
Na Cruz, tu o féreo vivo; (27)
Por iſto cego ficas, caõ nocivo, (28)
Mas que muito, que quem na Cruz o vio,
Sem conhecê-lo entaõ, (29)
O naõ conheça como diſfarçado em paõ! (30)
Segũdo Membroth es, e falſo Hebreo (31)
Que em alicerces de erros determinas
Subir muralhas contra o Ceo tambem;



(23) Quod cum vidiſſet Chan verenda patris ſui. (Geneſ.)
(24) Et irridebant eum cum eis. (Luc.)
(25) Unus militum lancea latus ejus aperuit. (Joan.)
(26) Ut viderunt eum jam mortuum. (Joan.)
(27) Ego ſum panis vivus. (Joan.)
(28) Et canes imprudentiſſimi neſcierunt ſaturitatem. (Iſai.)
(29) Si eſt Filius Dei electus, ſe ſalvum faciat. (Luc.)
(30) Quomodo poteſt carnem ſuam dare ad manducandum? (Joan.)
(31) Venite, faciamus nobis civitatem, & turrim, cuius culmen pertingat ad Cœlum. (Geneſ.)

Olha bem que as paredes, que arruinas,
Sacrario ſaõ daquelle, que com véo
De Paõ vive entre nós por noſſo bem.(32)
Perſegues cego a quem
Por dar-te liberdade (33)
Pode com moſcas ſó
Abrandar a ſoberba de Faraó; (34)
Tornando a luz do dia eſcuridade; (35)
Mas ſempre he de Nembroth ſua
A gloria toda, e confuzaõ, he tua. (36)
Como nó Templo, ó Iſrael noſcivo,
Entras armado, para que com guerra
A quem te liberta cativo leves? (37)
Com ſacrilego pé pizas a terra,
Aonde o Deos de teus Pays faz Corte,
vivo,
E qual Moyſes deſcalço beijar deves? (38)
Contra aquelle te atreves
A quem já de antes vês,

Que

(32) Qui manducat ex hoc pane vivet in æternum. (Joan.)
(33) Deſcendi, ut liberem eum de manibus Egyptiorum. (Exod.)
(34) Et venit muſca graviſſima in domos Pharaonis, & ſervorum ejus, & in omnem terram Egypti. (Exod.)
(35) Et tenebræ factæ ſunt.
(36) Nomen ejus Bábel. (Geneſ.)
(37) Ego ſum Dominus Deus tuus, qui eduxi te de terra Egypti, de domo ſervitutis. (Exod.)
(38) Solve calceamenta de pedibus tuis. (Exod.)

Que o Precurſor Divino
De tocar-lhe o çapato ſe acha indigno? (39)
E a terra humilde throno de ſeus pés, (40)
Cujo ſangue em figura
No Egypto te livrou de morte dura? (41)
Se na Arvore da ſciencia o velho Adaõ
Tocando, por caſtigo teve a morte, (42)
(Devida pena a tanto atrevimento)
Como vil Iſmaelita, e Hereje forte
Na Hoſtia tocas, que dá vida, e paõ? (43)
Na Caſa, em que Chriſto vive em Sacramento (44)
Hoſpede violento
Es hoje, e naõ te queixes
Se o Cherubim fizer (45)
De fogo armado, vindo a defender,



39) Cujus non ſum dignus calceamenta portare. (Matt.)
40) Terra autem ſcabellum pedum meorum. (Iſaí.)
41) Cumque viderit ſanguinem in ſuperliminari, & in utroque poſte, tranſcendet oſtium domus, & non ſinet percuſſorem ingredi domos veſtras, & lædere. (Exod.)
42) In quocumque enim die comederis ex eo, morte morieris. (Geneſ.)
43) Egó ſum panis vitæ. (Joan.)
44) Sapientia ædificavit ſibi domum. (Prov.)
45) Collocavit ante Paradiſum voluptatis Cherubim, & flammeum gladium atque verſatilem, ad cuſtodiendam viam ligni vitæ. (Geneſ.)

Que o Paraizo, que profanás, deixés, (46)
Pois esse he Portugal
Do Ceo mimozo, sempre a Deos leal. (47)
Se a Arca do Testamento foy figura
Desse Sacrario, que escalar pertendes,
Como o castigo de Oza naõ te ensina? (48)
Como a Deos nelle offendes?
Se o muro em Jericó de mais altura (49)
Já á vista da figura fez ruína;
Maldade peregrina (50)
Teu coraçaõ intenta.
Mas o que nisso medra,
Será ruína igual, pois he de pedra (51)
Tal, que hum marmore duro reprezenta,
E a mais dureza chegas,
Pois ellas confessaraõ o q̃ tu negas. (52)
Se pôs pena de morte Deos a quem
Tocasse o monte, q̃ elle quiz honrar (53)

Dan-

(46) Emisit eum Dominus Deus de Paradiso voluptatis. (Genes.)
(47) Erit mihi Regnum sanctificatum, fide purum. (Rex Alf. D. Ciril.)
(48) Extendit Ossa manum ad arcam. (Reg. 2.)
(49) Muri funditus corruerunt civitatis. (Josue.)
(50) Cum se moverit ad quærendum panem. (Job.)
(51) Cor durum ac lapideum. (D. Greg. 3. p.)
(52) Et terra mota est, & petræ scissæ sunt. (Matt.)
(53) Omnis qui tetigerit montem morte morietur. (Exod.)

Dando a Ley, que ao ſeu povo traz dos
Ceos ;
Como hoje, infame Hebreo, pódes tocar,
Sem que hum caſtigo mais cruel te dem,
Naõ ſó o altar, mas ainda o meſmo
Deos! (54)
Se os teus fallos Hebreos
Chamaõ ao Sinay ſanto
De adonde a ley te dá,
Terrivel monte, porq̃ Deos alli eſtá: (55)
Como no Templo, que elle eſtima tanto, (56)
Armado entrar pudeſte, (57)
E a taõ terrivel monte te atreveſte ?
Invejozo Caim, povo ingrato, cres (58)
Quando nos altares da Ley nova
Ao innocente Abel em ſacrificio (59)
O odio antigo em ti mais ſe renova,
Pois vês que a offerta antiga, q̃ dar queres
Ainda a Deos, contumás ſe tornou vicio.
Por taõ cego exercicio

Caſ-

(54) Si quis autem Templum Dei violaverit. (Ad Corint.)
(55) Et atque omnis mons terribilis. (Exod.)
(56) Ecce tabernaculum Dei cum hominibus. (Apoc.)
(57) Posuerunt Sanctuarium fortitudinis. (Dan.)
(58) Abel quoque obtulit de primogenitis gregis ſui, & de adipibus eorum: & reſpexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus. (Geneſ.)
(59) Ad Cain vero, & ad munera ejus non reſpexit. (Ge

Caſtigo igual terás
Na terra peregrino (60)
Aſſinalado do poder divino; (61)
Primeiro violador da nova paz,
Que he eſſa Hoſtia conſagrada
Na arca de Noé já figurada.
Quando á viſta do Sol, mais cego entaõ (62)
Te vejo neſſe roubo commettido,
Pois lutando com Deos o naõ conheces, (63)
Mas ſe de Jacob forte produzido
Que muito que como elle hoje na maõ
Sem conhecê-lo, ao noſſo Deos tiveſſes! (64)
E porque ao Pay pareces,
Por iſſo o Ceo permitte
Que manquejes na Fé, (65)
Ah Judeo! q̃ o que roubas teu Deos he:
Cujo Divino ſer, taõ ſem limite,
Nos levas em eſſe paõ,

E naõ

(60) Vagus, & profugus eris ſuper terram. (Geneſ.)
(61) Poſuitque Dominus ſignum in Cain. (Geneſ.)
(62) Cognovit bos poſſeſſorem ſum, & aſinus præſepe domini ſui: Iſrael autem me non cognovit, & populus meus non intellexit. (Iſai.)
(63) Luctabatur cum eo. (Geneſ.)
(64) Dic mihi quo appellaris nomine: (Geneſ.)
(65) Populus ſtupore perfidiæ claudicabat. (Geneſ.)

E naõ os falſos Deozes de Labaõ. (66)
Naõ vês que eſſe he o Deos, que no deſerto (67)
Com codornizes te regalou, quando
Ja delle, e de Moiſés deſeſperavas? (68)
Naõ vês q̃ he o paõ do Ceo lançado, (69)
Que te ſuſtentava com poder certo,
Que tanto em muito, como em pouco achavas? (70)
E quando duvidavas (71)
De ſeu poder, e trato,
Sequiozo no monte,
Adura pedra converteo em fonte? (72)
Quando tu mais mimoſo, e mais ingrato,
Ja com ſentido pranto
Pelas cebolas ſuſpiravas tanto? (73)
Naõ vês, que a repetir torna a mercê (74)
Dando-ſe em carne quãdo na Cruz morto,
E que

(66) Cur furatus es Deos meos? (Geneſ.)
(67) Factum eſt veſpere coturnix cooperuit caſtra. (Exod.)
(68) Cur induxiſti nos ut occideritis? (Exod.)
(69) Panem quoque de Cœlo dedit eis. (2. Eſdræ.)
(70) Neque quod plus colligerat habuit amplius. (Exod.)
(71) Cur nos feciſti exire? (Exod.)
(72) Percutienſque petram fluxerunt aquæ. (Exod.)
(73) In mentem nobis veniunt cucumeres, & pepones, porrique, & cœpe, & alia. (Num.)
(74) Adinventionem quærit amor ut interdum donet. Et Verbum caro factum eſt. (Joan.)

E por Mannã immortal, ſe no paõ vivo? (75)
E que o ſeu lado da eſperança porto,
Fonte de graça, por ſalvar-nos he? (76)
Quando tu pertinaz, e delle indigno,
Deſprezando-o ſem tino, (77)
Pois tens a fé perdida,
No-lo roubás, Judeo,
Sem que de Carne, Paõ, e Sangue ſeu (78)
Suſtento queiras para teres vida?
Pois com o ter dás ays
Pelas velhas cebolas de teus pays? (79)
Naõ vês que o teu Jacob, quando morrendo
Seus netos vio, a maõ eſquerda dando
Ao mais velho, e ao mais novo a maõ direita, (80)
Figurou noſſo Deos, quando cruzando
Em Cruz as ſuas, a Ley velha vendo
Qual Manaſſés, por Efraim o engeita? (81)
Que he o que entaõ reſpeita

Por-

(75) Hic eſt panis de Cœlo deſcendens. (Joan.)
(76) Et continuò exivit ſanguis, & aqua. (Joan.)
(77) Quid eſt hoc de Mannâ? (Exod.)
(78) Caro mea vere eſt cibus, & ſanguis meus vere eſt potus. Nihil aliud reſpiciunt oculi noſtri niſi Mannâ. (Joan.)
(79) Nam in mente nobis venit cucumeres &c. (Num.)
(80) Dextram poſuit ſuper caput Ephraim. (Geneſ.)
(81) Iſte quidem erit in populos, & multiplicabitur. (Geneſ.)

Por figura do povo, (82)
Que já eſcolhido tinha
Para cazeiro da ſagrada vinha, (83)
Que plantar com ſeu ſangue quiz de novo, (84)
E ta tirou Judeo
Por ja rebelde contra o Filho ſeu? (85)
Como agora outra vez, quando á herdade (86)
Te tornou a admittir por favor novo,
Obſtinado lhe põens novas prizoens? (87)
Mas ah, que foſtes ſempre ingrato povo!
Perſeguidor continuo da verdade,
Fonte de empedernidos coraçoens,
Conſtante nas traiçoens, (88)
Taõ entregue a mentiras, (89)
E obſtinado todo,
Que me atrevo a dizer, q̃ em certo modo Du-

(82) Tradam domos veſtras populo venienti. (Eſdr..)
(83) Vineam ſuam locabit aliis agricolis. (Matt.)
(84) Dilexit nos, & lavit nos a peccatis in ſanguine ſuo. (Acta Ap.)
(85) Agricolæ autem videntes filium, dixerunt intra ſe. Hic eſt hæres, venite, occidamus eum, & habebimus hæreditatem ejus. (Matt.)
(86) Ite & vos in vineam meam. (Matt.)
(87) Comprehenderunt Jeſum. (Joan.)
(88) Quomodo eum dolo tenerent. (Marc.)
(89) Dicite quia diſcipuli ejus nocte venerunt, & furati ſunt eum nobis dormientibus. (Matt.)

Duvidara da fé, ſe tu a ſeguiras;
Pois he gente ſuſpeita
Quem por idolos de ouro a Deos engeita. (90)
Segunda vez de noite armado vens (91)
A prender, fementido, ao bom Jeſus,
Que a tal cegueira teu caſtigo chega. (92)
Se como cego buſcas nelle a luz, (93)
De graça cada dia ella luz tens (94)
No Templo, onde nunca dar ſe nega;
Mas ah! que o odio te cega:
E entre as ſombras fuſcas, (95)
Como Levì, tambem,
Quando á traiçaõ maltrata ao Rey Sichem, (96)
A ao noſſo Deos para outro tanto buſcas,
E deixas fementido
No altar, deſpojos de Jozè vendido. (97)
Como naõ vês que ella Hoſtia he a pedra ſanta,
Que

(90) Manſit apud eos idolum Micheæ. (Jud.)
(91) Quaſi ad latronem exiſtis cum gladiis? (Luc.)
(92) Percute obſecro gentem hanc cæcitate. (4. Reg.)
(93) Erat lux vera, quæ illuminat. (Joan.)
(94) Cum quotidie vobiſcum fuerim in templo, non extendiſtis manus in me. (Luc.)
(95) Hæc eſt hora veſtra, & poteſtas tenebrarum. (Luc.)
(96) Simeon, & Levi fratres Dinæ, gladiis ingreſſi ſunt urbem confidenter. (Geneſ.)
(97) Nudaverunt eum tunica talari. (Geneſ.)

Que o mais Santo Jacob deixa em memoria (98)
De quando peregrino andar lhe importa, (99)
Cuja figura a teu pay deo gloria;
Pois quãdo em ſacrificio elle levanta, (100)
Caſa de Deos lhe chama, e do Ceo porta; (101)
Reſuſcita a Fé morta,
Verás que a pedra he ella,
Que do monte da graça
Sem ſer por maõs cortada a eſtatua baça, (102)
Da idolatria humilha, e atropella,
E a com que David Santo (103)
O infernal Goliath humilhou tanto.
Aſſim como a Jeſu, pedra, em que a Igreja (104)
Seu fundamento teve em Moyſés ja,
Em figura, no monte Oreb, tem viſto,
Pois

(98) Hoc facite in meam commemorationem. (Luc.)
(99) Ego non ſum de hoc mundo. (Luc.)
(100) Tulit lapidem, quem ſuppoſuerat capiti ſuo, & erexit in titulum, fundens oleum deſuper. (Geneſ.)
(101) Non eſt hic aliud niſi domus Dei, & porta cœli. (Geneſ.)
(102) Abſciſuſque eſt lapis de monte ſine manibus &c. (Dan.)
(103) Tulit unum lapidem & fundam geſſit. (1. Reg.)
(104) Ecce pono in Sion lapidem ſummum. (1. Petri.)

Pois a abertura della, que lhe dá (105)
Licença Deos que a gloria sua veja, (106)
Figurou a do Lado em Jesu Christo,
Reprovaste previsto; (107)
Assim reprovas hoje
Esta divina pedra
Por quem o mundo eterna vida medra. (108)
Mas ah! que he certo, Hebreo, que Deos se enoje
Quando tenhas postas
As glorias em seu rosto, te dê as costas (109)
Se vês que Satanás, quando queria
Nosso Deos conhecer, pedras lhe dá (110)
Figura destas, porque as torne em paõ,
Para ver se o Messias era ja (111)
Que a pedra de Jacob paõ tornaria;
E elle Paõ, Corpo seu, na Redempçaõ, (112) A que

(105) Ponam te in foramine petræ. (Exod.)
(106) Gloriam Moyses respicit sub foramine coopertus. (Chrys. & Damasc. de Transfig.)
(107) Lapidem quem reprobaverunt &c. (Marc.)
(108) Panis qui de Cælo descendi. (Joan.)
(109) Posteriora mea videbis. (Exod.)
(110) Dic ut lapides isti panes fiant. (Matt.)
(111) Si Filius Dei es. (Matt.)
(112) Manum suam misit hostis ad desiderabilia, Hierusalem fecit duos vitulos aureos, & dixit: hi sunt Dii tui (2. Reg.)

A que hoje lanças maõ,
( Idolatra avarento )
Roubando o Soberano
Paõ, q̃ o Jozé Divino, feito humano, (113)
Dos meſmos que o venderaõ fez ſuſtento:
Como, pois, ſe iſto entendes,
A quem te ſuſtentou, outra vez vendes? (114)
Se o Sacerdote eterno promettido, (115)
O qual foy Melchiſedec, que por officio
Paõ, e vinho no Templo offerecia, (116)
O noſſo Jeſu he, que em ſacrificio
Se dá em paõ, e vinho, offerecido (117)
Na terra ao Padre Eterno cada dia.
Se ſó David podia
Matar com outra fóme; (118)
E hoje ſó quem alcança
Com as Armas da Fé, e da Eſperança,
Victoria do peccado, eſte paõ come;
Como vil, ó Paleſtino,
Tocas com maõ immunda hum Paõ Divino? (119) Mas

(113) Imple ſaccos eorum frumento, quantum poſſunt capere. (Geneſ.)
(114) Vendidit eum triginta argenteis. (Geneſ.)
(115) Tu es ſacerdos in æternum. (Pſalm. 10.)
(116) At vero Melchiſedec proferens panem & vinum. (Gen.)
(117) Comedite panem meum, & bibite vinum. (Prov
(118) Deditque ei ſacerdos Sanctificatum panem. (1. Re
(119) Panem de Cœlo præſtitiſti eis. (Eſdr.)

Mas ah! que quando a Deos na Cruz buſcaſtes,
Lhe perdoaſte morto, e porque o ſentes (120)
Na Hoſtia vivo, a hi buſcá-lo vens; (121)
Ou faz a inveja que eſte mal intentes,
Quando porque ouro tens, ouro deixaſte,
E a Deos nos levas, porque a Deos naõ tens; (122)
Ou porque alheios bens
Cobiças imprudente,
E alli o Paõ cobiçaſte
Do Divino Joſeph, a quem roubaſte, (123)
Quando cuidas que o paõ levas ſómente,
(Ah Benjamim que errado!)
Hum Theſouro entre paõ levas furtado. (124)
Em Moiſes duvidando do Poder (125)
Da vara que lhe Deos dera florida,
Venenoza ſerpente a vio tornada; (126)

Tu

(120) Ut viderunt eum jam mortuum non fregerunt &c. (Joan.)
(121) Ego ſum panis vivus. (Joan.)
(122) Fac nobis Deos, qui nos præcedant. (Exod.)
(123) Quem furati eſtis. (Geneſ.)
(124) Invenit ſciphum in ſacco Benjamin. (Geneſ.)
(125) Non credent mihi, nec audient vocem meam, ſed dicent: Non apparuit tibi Dominus. (Exod.)
) Projecit, & verſa eſt in colubrem. (Exod.)

Tu que duvídas ja do Paõ da vida, (127)
A nós o larga, se o naõ queres ver
Em ti, tornado vengativa espada (128)
Pois he essa Hostia Consagrada
O divino Jardim,
Que ver a Espoza intenta,
Onde o Esposo Cordeiro se apascenta: (129)
Paõ da vida, que dá vida sem fim; 130)
Pois do trigo he feitura,
Que os doze ja adoraraõ na figura. (131)
Como naõ te confundes, e arrependes
De tal delicto, vendo sem castigo
A mansidaõ de hum Deos taõ mal tratado? (132)
O que de todos sey, e de mim digo,
Que mais o adoro, quando mais o offendes, (133)
E a alma me rouba, quando mais roubado;
Pois estou confiado

Que

127) Murmurabant ergo Judæi de illo. (Joan.)
128) Quoniam ira in indignatione ejus. (Psalm. 29.)
129) Indica mihi quem diligit anima mea &c. (Cant. 1.)
130) Qui manducat hunc panem vivet in æternum. (Joan.)
131) Vidi vestros manipulos circunstantes adorare manipulum meum. (Genes.)
132) Ignoras quod benignitas Dei ad pœnitentiam. (Ad Roman.)
133) Fasciculus myrrhæ dilectus meus. (Cant. 1.)

Que ſe meu Deos quizera , (134)
Aſſim como a Abrahaõ
Armado contra Iſaac deteve a maõ, (135)
Teu atrevido braço detivera ;
Mas ſoffre , porque eu veja
Que ainda affrontas de amor ſoffrer deſeja. (136)

E como em ſeu amor paſſar naõ pode
Do paſſo da prizaõ, porque he immortal,
Eſſe extremo de amor repetir quer, (137)
Prender ſe deixa, vendo que ſe acode
Pela honra ſua, nega a gloria tal
A ſeu amor glorioſo em padecer; (138)
Pois tanto chega a ſer,
Que ſe agora Deos vira
Que pelo homem, que fez, (139)
Importara morrer ſegunda vez ,
De nova humanidade ſe veſtira ; (140)
Tanto póde á affeiçaõ

Que

(134) Numquid manus Domini invalida erat ? ( Num. )
(135) Abraham , Abraham , non extendas manum tuam ſuper puerum, neque faciaſ illi quidquam. ( Geneſ. )
(136) Amor bonus ſpernit pericula, concupiſcit pati, (D. Bernard. )
(137) Amor cum ultra progredi non poteſt, multiplicat repetitionem. ( D. Greg. )
(138) Nunc clarificatus eſt filius hominis. ( Joan. )
(139) Faciamus hominem ad imaginem , & ſimilitudinem noſtram. ( Geneſ. )
140) Animam meam pono pro ovibus meis. ( Joan. )

Que em Cruz o fez morrer, viver em
Paõ. (141)
Aquelle, que dizendo: Eu ſou, ſomen-
te, (142)
Os teus amotinados pôs por terra,
E com moſtrar-ſe Deos deixou prender-
ſe: (143)
Aquelle que podendo juntamente,
Mandar legioens de Anjos, que de guer-
ra (144)
Acudiſſem, antes quiz deixar render-ſe:
Aquelle, que com ver-ſe
Prezo do povo teu,
(Que hoje em ti ſe aſſemelha)
Do infernal belleguim ſarou a ore-
lha, (145)
Te fora á maõ; mas teme, Farizeo,
Que de S. Pedro a eſpada
Deſde entaõ para ti ficou guardada. (146)
Como a Arca do antigo Teſtamento.



141) Et inclinato capite emiſit ſpiritum. (Joan.)
Ego ſum panis vivus. (Joan.)
142) Ut ergo dixit eis: ego ſum: abierunt retrorſum, & ceciderunt in terram. (Joan.)
143) Sed hæc eſt poteſtas veſtra. (Luc.)
144) Exhibebit modo pluſquam duodecim Legiones Angelorum. (Matt.)
145) Cum tetigiſſet auriculam ejus. (Matt.)
146) Mitte gladium tuum in vagina. (Joan.)

Que ás casas, onde foy, mercês fazia; (147)
Sendo figura desse Paõ do Ceo;
Assim mais poderoso, cada dia
As faz Deos no Divino Sacramento,
Hospede de almas, com disfraz de hũ veo,
Mas ay, perdido Hebreo,
Que em teu poder se vê! (148)
E he certo em teu perigo,
Que, em lugar de mercês, te dê castigo, (149)
Pois qual o Filisteo o tens sem fé;
Naõ como Obededon,
Mas como o torpe, e infernal Dagon. (150)
No castigo de Acham recebe exemplo,
Que roubando o Anathemate precioso, (151)
Do povo teu se vio apedrejado: (152)
Ao nosso bem nos torna; que piedozo,
Segunda vez pedir ao pay, contemplo,
Perdaõ por ti, por nescio desculpado; (153) Pois

(147) Quod Dominus benedixisset Obededon propter arcam Dei. (2. Reg.)
(148) Arca Dei capta est. (1. Reg.)
(149) Adduxerunt ad nos Arcam Dei Israel ut interficeret nos. (1, Reg.)
(150) Caput Dagon, & duæ palmæ ejus abscisæ sunt. (1. Reg.)
(151) Acham tulit aliquid de Anathemate. (Josue.)
(152) Lapidavit eum omnis Israel. (Josue.)
(153) Pater dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt. (Luc.)

Pois elle he o figurado
Em o eſpinheiro accezo, (154)
Que por mais que teu peito
Em chamas de odio o queira ver desfeito,
ſempre glorioſo fica, ſempre illezo,
Pois vencedor ſempre he,
Figurado no eſcudo de Joſue. (155)
Se cõ roubar hũ bem taõ grande acaſo
Tentas a Deos q̃ faça algum final, (156)
Para que delle ſeu poder infiras,
(Oh gente taõ perverſa, e desleal!)
Por naõ ſararte; a muito o faz eſcaſſo (157)
Do final, porq̃ incredulo ſuſpiras! (158)
Mas ay! Se com fé viras
Eſſa Hoſtia infinita,
Déras vida, e fazenda,
Qual tratante do Ceo, por ter tal prenda, (159)
Sinal oculto, e bella Margarita,

Cc 2 Que

(154) Videns quòd Rubus arderet, & non comburetur. (Exod.)
(155) Leva clypeum tuum in manu contrà urbem. (Joſue.)
(156) Rogaverunt eum ut ſignum de Cœlo oſtenderet eis. (Matt.)
(157) Nequando videant occulis, & auribus audiant, & corde intelligant, & convertantur, & ſanem eos. (Matt.)
(158) Generatio mala, & adultera ſignum quærit; & ſignum non dabitur ei, niſi ſignum Jonæ Prophetæ. (Matt.)
(159) Inventa autem una pretioſa Margarita, abiit, & vendidit omnia quæ habuit, & emit eam. (Matt.)

Que em preços desiguaes
Perdida anda entre çujos animaes. (160)
Tu es aquelle inimigo, que á traiçaõ,
Em quãto dorme a gẽte descuidada, (161)
Lanças zizania na seara Santa;
Mas eis que o Christaõ povo o sente, e brada; (162)
Vendo contaminar o bello Paõ,
Que a fé semêa com audacia tanta,
Vozes ao Sol levanta.
Mas ah! que o Senhor logo
O inimigo conhece; (163)
E agora que a zizania entre o paõ cresce, (164)
Despojo o fará ser do voraz fogo, (165)
Para que o povo, que isto olha,
No divino celleiro o paõ recolha. (166)

Con-

(160) Nolite dare Sanctum canibus: Neque mittatis margaritas vestras ante porcos, ne forte conculcent eas pedibus suis, & conversi dirumpant vos. (Matt.)

(161) Cum autem dormierent homines, venit inimicus ejus, & superseminavit zizania in medio tritici, & abiit. (Matt.)

(162) Domine nonne bonum semen seminasti in agro tuo. (Matt.)

(163) Inimicus homo hoc fecit. (Matth.)

(164) Sinite utraque crescere usque ad messem, & in tempore messis dicam messoribus. (Matt.)

(165) Colligite primum zizania, & alligate ea in fasciculos ad comburendum. (Matt.)

Triticum autem congregate in horreum meum. (Matt.)

Converte-te Iſrrael a teu Senhor, (167)
Deixa q̃ o Deos roubado te roube a alma,
Medico nelle tens, buſca ſaude, (168)
De tua liberdade lhe dá a palma.
Mas ay, q̃ es ſempre em fim ſangue traidor!
Como em ti violenta eſtá a virtude,
He certo que ſe mude; (169)
E pois permitte o Ceo,
Porque vivas na terra ſem ſocego,
Que ainda te vejas cego, (170)
Ao noſſo Paõ Divino nos dá, Hebreo, (171)
Que immortal por enganos
Naõ converſa ja com Publicanos. (172)
Mas es memoria, parto, ingrato gado,
Traidor, vibora infiel, e ſodomita,
Hypocrita, ſerpente, Judas, cruel,
Perjuro, pertinás Iſrraelita,
Idolatra Eſau amotinado,
Longuinhos, Caõ, Membrot, Povo Iſmael,
Cobiçozo Babel,
Neſcio, e Herege, Judeo,

He-

(167) Convertere Iſrrael ad Dominum Deum tuum. (Jerem.)
(168) Non eſt opus valentibus Medicus, ſed male habentibus. (Matt.)
(169) Nihil violentum durat. (Ariſt.)
(170) Non recedet de tenebris. (Job.)
(171) Panem noſtrum ſuperſubſtantialem da nobis hoĩ — die. (Matt.)
(172) Habitabit inter gentes, non inveniet requiem. (Hi

Hebreo, pedra, invejozo,
Infame, Cahim, ingrato, mentirozo,
Violador, Manaſſés, máo Pharizeo;
Ladraõ vil, atrevido,
Levi atraiçoado, e fementido.
Dagam perdido, incredulo, perverſo,
Paleſtino, violento, desleal,
Publicano, obſtinado, animal, Cham
Por iſſo a Mageſtáde celeſtial
De Deos, que te creou, ſendo-lhe adverſo,
Dando-ſe em carne, o naõ quizeſte entaõ;
E hoje, que ſe dá em paõ,
Ainda raivozo, e perro,
Por veres adoradas
De tua cega Máy as arracadas
Idolatrando a Imagem de hum bezerro
Quando a inveja mais arde,
De furto outra vez mordes, cam cobarde.
Vay, Cançaõ minha, ao Tribunal Sagrado,
De Juſtiça acharás juſto favor
Contra eſte Povo incredulo, atrevido,
No Illuſtriſſimo Biſpo Inquizidor.
Excelſo Cherubim de fogo armado,
Que da Fé guarda o pomo mais ſubido,
E pede ao ſeu querido
Sacerdocio Real

Da

Da Inquiſiçaõ Sagrada,
Que a eſpada de dous gumes affiada
No caſtigo ſeu noſtre ſempre igual;
Que naõ quer Deos que os paens,
Suſtento de ſeus filhos, tenhaõ caens

*Por Marcos da Coſta.*

# FIM.

Adverte-ſe aos
curioſos, que ſe
eſtá imprimin-
do o terceiro
Tomo.

Mrs Henry Steele